



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**FACULDADE DE TEOLOGIA**

**MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)**

**ELSON PAULO CORREIA LOPES**

***Missão Ad Gentes e Nova Evangelização: a  
pertinência do testemunho de vida.***

Dissertação Final  
sob orientação de:  
Prof. Doutor José Manuel Valente da Silva Nunes

**Porto  
2015**

*“Porque, se anuncio o Evangelho, não tenho de que me gloriar, pois que me é imposta essa obrigação: Ai de mim se não evangelizar!” (1Cor 9, 16).*

*«A apresentação da mensagem evangélica não é para a Igreja uma contribuição facultativa: é um dever que lhe incumbe, por mandato do Senhor Jesus (Ide, pois, fazei discípulos de todos os povos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a cumprir tudo quanto vos tenho mandado. E sabeis que Eu estarei sempre convosco até ao fim dos tempos Mt 28, 19-20) a fim de que os homens e as mulheres possam acreditar e serem salvos. Sim, esta mensagem é necessária; ela é única e não poderá ser substituída. Ela não admite indiferença, nem sincretismo, nem acomodação. É a salvação dos homens e das mulheres que está em causa» (Evangelii Nuntiandi n° 5).*

*«Nem todo o que me diz: ‘Senhor, Senhor’ entrará no reino do Céu, mas sim aquele que faz a vontade de meu Pai que está no Céu» (Mt 7, 21).*

*«A Boa Nova há de ser proclamada, antes de mais, pelo testemunho. Suponhamos um cristão ou punhado de cristãos que, no seio da comunidade humana em que vivem, manifestam a sua capacidade de compreensão e de acolhimento, a sua comunhão de vida e de destino com os demais, a sua solidariedade nos esforços de todos para tudo aquilo que é nobre e bom. Assim, eles irradiam, de um modo absolutamente simples e espontâneo, a sua fé em valores que estão para além dos valores correntes, e a sua esperança em qualquer coisa que se não vê e que não se seria capaz sequer de imaginar. Por força deste testemunho sem palavras, estes cristãos fazem aflorar no coração daqueles que os veem viver, perguntas indeclináveis: Por que é que eles são assim? Por que é que eles vivem daquela maneira? O que é, ou quem é, que os inspira? Por que é que eles estão connosco? Pois bem: um semelhante testemunho constitui já proclamação silenciosa, mas muito valiosa e eficaz da Boa Nova. Nisso há já um gesto inicial de evangelização» (Evangelii Nuntiandi n° 21).*

# Índice

<b>Índice.....</b>	<b>1</b>
<b>Siglas e abreviaturas.....</b>	<b>3</b>
<b>Introdução .....</b>	<b>5</b>
<b>Capítulo I.....</b>	<b>11</b>
<b>Fundamentos bíblico-teológicos da missão.....</b>	<b>11</b>
1. O conceito de “Missão” .....	11
2. O conceito de “Evangelização”.....	12
3. Missão no Antigo Testamento .....	14
4. Missão no Novo Testamento.....	17
5. Fundamento teológico-trinitário da missão da Igreja .....	28
5.1. A missão de Cristo.....	28
5.2. A missão do Espírito Santo.....	32
5.3. A missão da Igreja .....	34
<b>Capítulo II .....</b>	<b>39</b>
<b>A missão <i>Ad Gentes</i> e a Nova Evangelização.....</b>	<b>39</b>
1. A Missão a partir do Concílio Vaticano II.....	40
2. Missão <i>Ad Gentes</i> e Nova Evangelização: semelhanças e diferenças ....	45
2.1. Missão <i>Ad Gentes</i> .....	45
2.2. A Nova Evangelização.....	50
2.3. As dimensões da missão .....	55
– O anúncio .....	56
– O diálogo inter-religioso .....	58
– A inculturação .....	60
– O testemunho de vida .....	63
<b>Capítulo III.....</b>	<b>69</b>

<b>A pertinência do testemunho de vida na evangelização hoje.....</b>	<b>69</b>
1. O testemunho de vida, dever do cristão e consequência da autenticidade de vida cristã.....	69
1.1. Fé e Testemunho de vida .....	70
1.2. Santidade/Conversão e Testemunho de vida .....	75
2. A pertinência do testemunho de vida na evangelização hoje .....	79
2.1. Pequena resenha analítica da sociedade atual.....	79
2.2. Testemunho de vida: uma resposta à sociedade atual .....	84
<b>Conclusão.....</b>	<b>99</b>
<b>Bibliografia .....</b>	<b>105</b>

## Siglas e abreviaturas

AAS – *Acta Apostolicæ Sedis*

AG – Decreto sobre a atividade missionária da Igreja (*Ad Gentes*)

BAC – Biblioteca de Autores Cristianos

CELAM – Conferência Episcopal Latino-Americana

CIRP – Conferência dos Institutos Religiosos de Portugal.

CPDIR – Conselho Pontifício Para o Diálogo Inter-Religioso

CPDIR – Conselho Pontifício para o Diálogo Inter-Religioso

DC – *Documentation Catholique*

Ed. – Editora/editorial/*éditions*

Ed. SGE – Edição do Secretariado Geral do Episcopado

GS – Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo atual (*Gaudium et Spes*)

LG – Constituição dogmática sobre a santa Igreja (*Lumen Gentium*)

NA – Declaração sobre a Igreja e as religiões não-cristãs (*Nostra Aetate*)

NRT – *Nouvelle Revue Théologique*

OMP – Obras Missionárias Pontifícias

OT – Decreto sobre a formação sacerdotal (*Optatum Totius*)

SC – Constituição sobre a sagrada liturgia (*Sacrosanctum Concilium*)

SGE – Secretariado Geral do Episcopado

UCP – Universidade Católica Portuguesa

VV.AA. – Vários Autores



## Introdução

A Sagrada Escritura é, toda ela, rica em textos que nos mostram como, desde sempre, o anúncio do amor de Deus para com os homens foi algo de grandioso e insubstituível. Deus sempre fez parte da história humana e fez dela a Sua própria história, entrando nela de forma singular através do Seu Filho, Seu único Filho. Ele fez-se homem abraçando tudo o que é próprio do homem, exceto o pecado, para levar o homem para aquilo que é chamado a ser: divino. Portanto, a novidade de Cristo e a alegria do Evangelho não podem ser guardadas nem privatizadas, pois são fundamentais para a realização do homem e para a sua salvação. É algo que é de tal forma contagiante que se torna impossível não partilhar. O verdadeiro encontro com Cristo põe-nos em relação com Deus e, conseqüentemente, com os irmãos, fazendo-nos sentir responsáveis pelo outro.

A Igreja, consciente da necessidade de dar a conhecer Cristo e a Sua palavra, levando o homem a vivenciar uma relação de intimidade com Ele, preocupou-se, desde a sua origem, em apresentar Cristo e fazer com que a Sua mensagem transforme a vida dos que a escutam. Ela nunca abdicou da sua tarefa constituinte que é a evangelização, caso contrário estaria a pôr em causa a sua própria razão de ser. No seu dar a conhecer Cristo, a Igreja foi-se adaptando à realidade social e às necessidades de cada tempo, respondendo da melhor forma (hoje até podemos discutir e criticar algumas respostas que deu, mas que foram, para o tempo, certamente o melhor que podia) aos desafios que lhe foram aparecendo, obtendo mais ou menos frutos. Analisando a realidade atual, vemos que a ação evangelizadora da Igreja não tem tido os frutos desejados e perguntamo-nos: porque é que a palavra de Deus, pregada desde o início da Igreja, sendo ela sempre atual e eficaz, levava à conversão dos que a ouviam<sup>1</sup> e atualmente parece que não é assim tão eficaz?

A Igreja sempre se preocupou em “fazer cristãos”, em levar os homens à conversão, de forma por vezes menos boa, para não dizer até má, segundo a análise que hoje podemos fazer. Ao longo da história missiológica constata-se que a Igreja, impelida pela própria realidade social, foi dando relevo a uma determinada dimensão da missão, sem, no entanto, deixar de lado as outras, até porque elas são inseparáveis. Lendo os sinais

---

<sup>1</sup> É claro que sempre houve resistências à palavra de Deus, mas hoje temos consciência que há muito mais e há uma forte corrente que procura banir Deus da sociedade a todo o custo, mesmo havendo neste momento uma certa busca de algo superior que possa responder às inquietações humanas, como veremos num dos pontos do nosso trabalho.

do nosso tempo, vemos que hoje, na sociedade em que vivemos, marcada pelo secularismo, pela insegurança, pelo individualismo, pelo descartável e provisório e, sobretudo, pela desconfiança, a Igreja é chamada à autenticidade de vida. Não pode haver dicotomia entre o que a Igreja anuncia e aquilo que vive. Quando dizemos Igreja, falamos dos seus ministros e dos seus fiéis. E perguntamo-nos: é possível levar alguém ao encontro com Cristo e, conseqüentemente, à conversão, se a vida dos cristãos desmente aquilo que se prega, se as obras contradizem as palavras que se anunciam? Não é por acaso que muitos não crentes e mesmo os crentes mas não praticantes dizem: “vão à Igreja, mas são piores que os que não vão”. Isto deve-se ao facto de não haver consonância entre o Evangelho que é pregado e a vida dos crentes.

Neste nosso trabalho, pretendemos exatamente mostrar a pertinência do testemunho de vida, que esteve sempre presente na atividade missionária da Igreja, sobretudo no seu início, como nos testemunham os Atos dos Apóstolos e a própria história da Igreja, na missão *Ad Gentes*, que nunca perde o seu sentido de ser, enquanto houver homens e mulheres que não têm conhecimento do mistério de Cristo, e na Nova Evangelização, que é fruto da leitura dos sinais do tempo que a sociedade hodierna nos apresenta.

A escolha deste tema deve-se a algumas experiências vividas ao longo da nossa formação e àquilo que vemos e ouvimos nos dias de hoje, que nos faz interrogar sobre a necessidade de uma vida coerente, por parte dos cristãos, para que a mensagem evangélica seja (a)creditada e os destinatários da missão possam sentir que de facto faz sentido aquilo que pregamos.

Uma das experiências aconteceu quando estivemos em Moçambique realizando o estágio missionário. Logo no primeiro dia, fomos com um colega visitar uma família e, estando eles a almoçar, ofereceram-nos o almoço. Como estavam todos a comer do mesmo prato com a mão e sendo algo que não conhecíamos, rejeitámos, ao passo que o nosso colega teve a simpatia de comer um bocadinho. É certo que já estava mais habituado. O dono da casa voltou-se para o colega e disse-lhe que não queríamos ser como eles. Entretanto, no caminho, o colega transmitiu-nos o que o senhor tinha dito e chamou-nos à atenção para o facto de que, para aquela cultura, é algo de muito importante. Ou seja, se queremos ter uma certa credibilidade e “autoridade”, convém que nos mostremos próximos deles e acolhedores da sua cultura. Esta experiência fez-nos ver

que é importante dizer o quanto Deus ama cada um como é, mas que é ainda mais significativo mostrá-lo com atitudes. Esta experiência e outras do género levaram-nos, muitas vezes, a interrogarmo-nos sobre o testemunho que damos.

Outra experiência que contribuiu para a escolha do tema foi que, durante a atividade pastoral na Pasteleira, concretamente na catequese, sabendo que íamos estudar para sermos padres, perguntavam se vivíamos realmente aquilo que era próprio de um padre. E também houve uma vez, à porta da Igreja, em que duas senhoras, que saíram da missa, entraram em acesa discussão. As crianças perguntavam como tal era possível, sabendo que tinham acabado de participar na Eucaristia.

Uma outra coisa, ainda, que contribuiu para a nossa escolha foi o facto de a nossa congregação, Missionários do Espírito Santo, durante o capítulo geral de Bagamoyo, ter tomado consciência de que havia um fosso entre a nossa vida e os ideais que defendemos e vivemos numa sociedade atual que, com toda a justiça, requer autenticidade, responsabilidade e transparência da parte dos religiosos, do clero e dos líderes leigos, isto é, de todos os cristãos. Neste sentido, lançou um programa de animação para que tomemos, pronta e urgentemente, atitudes que nos levem à conversão e à autenticidade.

Portanto, tendo em conta as razões indicadas e o próprio impacto que o Papa Francisco teve e está a ter pelo seu modo de vida numa sociedade cansada de palavras ocas, sem vida, vemos que urge claramente uma autenticidade de vida cristã na sociedade atual, mais do que nunca. Neste sentido, procuraremos, neste trabalho, apresentar a necessidade do testemunho de vida na missão *Ad Gentes* e na Nova Evangelização, começando por apresentar a missão e sua razão de ser na bíblia e no mistério trinitário, enquanto pertencente à ontologia da Igreja, para depois falarmos das duas realidades mais específicas da missão, missão *Ad Gentes* e Nova Evangelização, apresentando pelo meio a missão segundo o Concílio Vaticano II. Ao falarmos das duas realidades, apresentaremos algumas dimensões que as compõem e nos parecem importantes, em seguida focaremos, numa das dimensões, o testemunho de vida que nos parece ser pertinente para a realidade em que estamos a viver e sem que com isso descartemos a necessidade das outras dimensões para que a ação missionária, dever de todos, seja completa. Portanto, faremos um afunilamento, à medida que vamos desenvolvendo o nosso trabalho.

No primeiro capítulo, exporemos o fundamento bíblico-teológico da missão. Assim sendo, apresentaremos, primeiramente, o conceito de missão e de evangelização, para podermos perceber melhor aquilo de que estamos a falar, porque houve sempre muita confusão relativamente a esses termos, até por parte do magistério. Sendo a Sagrada Escritura o sustentáculo da Igreja, iremos “beber” dela, tanto no Antigo Testamento como no Novo Testamento, para mostrarmos como a evangelização foi, desde sempre, querida por Deus, que utilizou todos os meios possíveis, chegando a entregar o Seu próprio Filho para mostrar ao homem o Seu amor redentor. Sabendo que a missão é inerente à natureza da Igreja, apresentaremos ainda neste capítulo, o fundamento teológico-trinitário da missão da Igreja, mostrando que a missão evangelizadora nasce do amor paternal de Deus que envia o Seu Filho Jesus Cristo, que O revela e apresenta o Seu plano salvífico, e do Espírito Santo, o protagonista da missão, que, procedendo do Pai e do Filho, age através da Igreja, que tem como objetivo fundacional a continuação da missão de Cristo. Portanto, no primeiro capítulo, pretendemos apresentar a missão como algo que pertence à própria natureza da Igreja, pois é querida pela Trindade e encontra o seu fundamento na Sagrada Escritura.

No segundo capítulo, falaremos da missão *Ad Gentes* e da Nova Evangelização, dois “rostos” da missão evangelizadora da Igreja e dois campos que fazem bater o “coração” da Igreja. Não podendo apresentar toda a história da evangelização, apresentaremos a noção de missão, que o Vaticano II nos traz, a partir da sua conceção eclesiológica, onde todos formamos o povo de Deus e todos, encabeçados pelos nossos pastores, somos chamados a comprometermo-nos com a atividade missionária da Igreja pelo nosso batismo, sem que com isso se dispensem aqueles que têm uma vocação especial à missão. Apresentamos, portanto, os caminhos que o Vaticano II, lendo os sinais do tempo, aponta para a missão da Igreja, caminhos esses analisados e desenvolvidos posteriormente por documentos magistrais de elevada importância para a missão da Igreja, como é a *Evangelii Nuntiandi, a Redemptoris Missio e, atualmente, a Evangelii Gaudium*. Em seguida, apresentaremos a missão *Ad Gentes* e a Nova Evangelização, mostrando a razão de ser, as suas semelhanças e dissemelhanças e as dimensões que as compõem, tais como o anúncio, o diálogo inter-religioso, a inculturação e o testemunho de vida, que são independentes mas inseparáveis e interligadas.

Finalmente, no terceiro capítulo, procuraremos expor a pertinência do testemunho de vida na evangelização hoje, concretamente na missão *Ad Gentes* e na Nova Evangelização. Neste sentido, conscientes de que o testemunho é fundamental para que a Boa Nova penetre os corações, apresentaremos o testemunho de vida como consequência de ser cristão e da autenticidade de vida cristã, pela nossa fé em Cristo e, conseqüentemente, na Sua Igreja, que nos transforma e nos leva, pela conversão, a procurar uma vida de santidade que se manifesta no nosso comportamento e na nossa atitude. Procuraremos ainda mostrar, analisando de uma forma sintética a sociedade atual, como o testemunho de vida urge em resposta às interpelações que a sociedade nos faz, para que ela possa crer verdadeiramente que Cristo, com a Sua mensagem, é o único que pode dar sentido à vida. Com isso não pomos de lado as outras dimensões, sobretudo o anúncio, mas queremos mostrar que ele, e as outras dimensões também, têm de ser autenticadas com a vida, através de gestos e ações concretas, para que a mensagem de Cristo seja fundamento de vida para todos os homens.



## Capítulo I

### Fundamentos bíblico-teológicos da missão

A missão cristã tem a sua fonte no coração de Deus que é amor (cf. 1Jo 4, 16) e que ama cada homem, manifestando-lhe desde a criação o seu plano salvífico. Ele «quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade» (1Tm 2, 4) que leva à felicidade. Ele, que exige a cooperação do homem no seu projeto salvífico, ao longo da história humana, foi utilizando meios acessíveis para lhe revelar o Seu desígnio e revelou-o de forma plena através do Seu Filho Jesus Cristo, que deixou à Igreja, Sua esposa, a missão de continuar a anunciar aquilo que Ele próprio recebeu do Pai e revelou através de palavras e obras: Deus quer a salvação de todos. Portanto, a Igreja encontra o seu fundamento na Sagrada Escritura. Consequentemente, toda a sua realidade também encontra aí o seu fundamento. Assim sendo, a missão, que é intrínseca ao ser da Igreja, tem, imperativamente, o seu fundamento e alimento na Sagrada Escritura, que é também o seu instrumento.

Antes de entrarmos propriamente nos fundamentos bíblico-teológicos da missão, pensamos que é importante vermos qual é a definição de “Missão” e de “Evangelização”, para melhor percebemos tudo o que se segue.

#### 1. O conceito de “Missão”

Se formos procurar nos dicionários e nas enciclopédias a palavra “missão”, são muito poucos os que dão uma definição a nível religioso, e esses são os mais atuais. Isso deve-se ao facto de, durante muito tempo, na Igreja, se falar de “missões” em vez de “missão”. A expressão “missão” vai ganhar força com o Vaticano II, como veremos mais à frente.

O dicionário da Porto Editora define a missão como sendo o «ato de enviar ou ser enviado; estabelecimento de missionários»<sup>2</sup>. A Grande enciclopédia portuguesa e brasileira diz que é «delegação divina para desenvolver e espalhar a religião, a fé, a pregação do evangelho e a disciplina eclesiástica»<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup> Dicionário da Língua Portuguesa. Porto Editora, Porto 2004.

<sup>3</sup> SILVA, A. – “Missões”. In Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, Ed. Enciclopédia, limitada, vol. XVII, Lisboa/Rio de Janeiro 1999, pp. 44-48.

Missão deriva de *missionis*, e de *mittere* – enviar. Relacionado com a ideia de enviar está: a pessoa que envia, o enviado, o fim em vista, o lugar a que é enviado, o povo a quem se dirige a missão. A missão apresenta, assim, vários sentidos registados nos dicionários: missão diplomática, missão comercial, missão militar, missão científica, missão cultural. Existem pelo menos três sentidos da palavra missão: um sentido genérico – missão equivale ao envio, deputar alguém a fim de desempenhar determinada obrigação; um sentido teológico – verifica-se que a redenção do mundo se consumou por meio da missão da Segunda Pessoa da Santíssima Trindade, enviada pela Primeira; e por fim um sentido jurídico – o direito canónico atribui-lhe uma tríplice aceção: a) *lata*, ou missão canónica, pela qual alguém recebe o ministério de pregar; b) *estrita*, ou ciclo de pregações, a realizar pelo menos de dez em dez anos; c) *muito estrita* ou propriamente dita e, segundo Pio XII e João XXIII, é a obra da fundação e da implantação da Igreja<sup>4</sup>.

A enciclopédia Polis refere que “missões” tem a sua origem «do latim *missio*, ação de enviar. Começou por aplicar-se à missão (envio) do Filho e do Espírito Santo ao mundo, depois à missão confiada à Igreja de continuar no mundo a presença de Cristo»<sup>5</sup>.

Com tudo isto podemos concluir que a palavra “missão” significa ser enviado para cumprir uma missão. Assim sendo, aquele que é enviado, o missionário, não vai em nome próprio nem anuncia uma mensagem que vem dele mesmo. Ele vai em nome de alguém, com uma mensagem clara a anunciar e com uma função a desempenhar.

## **2. O conceito de “Evangelização”**

Desde o Antigo Testamento, a par dos verbos “proclamar” e “ensinar”, aparece com frequência “evangelizar”. É o anúncio de uma mensagem de alegria, como o nascimento de um filho ou a vitória numa batalha. Começa a adquirir um sentido religioso nas profecias de Isaías, nomeadamente na alusão aos «pés do mensageiro que anuncia a paz, que traz a boa notícia, de que o seu Deus reina» (Is 52, 7). É ao regresso de Babilónia que o profeta alude e à ansiedade dos que esperam nas muralhas de Jerusalém o regresso

---

<sup>4</sup> Cf. REGO, A. – *Lições de Missionologia. Estudos de ciências políticas e sociais nº56*. Junta de Investigações do Ultramar: Lisboa, 1961, pp. 2-3.

<sup>5</sup> TRINDADE, M. – “Missões”. In *Polis*, Enciclopédia Verbo da Sociedade e do Estado. Vol. 4. Ed. Verbo: Lisboa/ São Paulo, pp. 340-344. Quando usamos parênteses [ ] no meio de uma citação significa que é um acrescento nosso. Quando são parênteses ( ) significa que é da própria citação.

do povo exilado. Mas esta é sobretudo uma vitória do Deus de Israel, que renova a aliança com o Seu povo. Ele retoma o termo com o mesmo significado na passagem que, mais tarde, Jesus vai ler na Sinagoga, na unção do Espírito do Senhor que envia a proclamar a Boa Nova aos pobres (cf. Is 61, 1; Lc 4, 18-21). É portanto Jesus o portador do Evangelho, o mensageiro do Reino de Deus. É sobre esta crença que S. Paulo retoma o vocábulo e a passagem do profeta, enfatizando a obrigação fundacional de todo o batizado de se fazer portador da boa notícia da Salvação de Deus por meio de Jesus Cristo (cf. Rom 10, 14-15). Nos Atos dos Apóstolos, é este o mote de vida da primeira comunidade, ensinar no templo e nas casas e anunciar a Boa Nova de Jesus Messias (cf. Act 5, 42).

Portanto, evangelizar é, tão-somente e fundamentalmente, levar o evangelho, anunciar Jesus Cristo. Tão simples e tão denso conceito: ele não é só a informação de alguém que pregou, curou, morreu e ressuscitou: é o anúncio da nova aliança de Deus com os homens, da redenção da humanidade pelo Seu amor infinito, e do Seu desejo de continuar, de forma cada vez mais profunda, a penetrar nos nossos corações, fecundando-os com a sua Palavra.

Se o verbo evangelizar e o termo Evangelho são bastante frequentes na Sagrada Escritura, “Evangelização”, tal como a compreendemos hoje, é um termo relativamente tardio. Terá sido, provavelmente, Erasmo de Roterdão o primeiro a utilizar o termo “evangélico” para denominar um ramo mais fundamentalista e literalista do luteranismo. Ficando este termo muito ligado à reforma protestante, não é de estranhar que Trento tenha desconfiado e evitado o uso do termo. Preferiu-se falar de missões e missionação. Apenas na década de 50 do século XX, se retoma o uso do termo entre os católicos, através do movimento catequético, procurando distinguir a evangelização da catequese e outras modalidades pastorais. Tornou-se, então, a atividade da Igreja de primeiro anúncio e de catequese sistemática para aqueles a quem já tinha sido anunciado o Evangelho.

De termo esquecido e ostracizado por Trento, a uma única aparição nos textos do Vaticano I, “evangelizar”, suas declinações e derivados surgem abundantemente, mais de 200 vezes, nos textos do Concílio Vaticano II. É o tempo em que o anúncio deixa de ser um departamento e volta a ser uma prioridade, como veremos. É também o tempo em que o termo declina para a “Nova Evangelização”.

### 3. Missão no Antigo Testamento

Apesar de ser «a partir de Jesus que se pode e deve falar mais propriamente da realidade ‘missionária’»<sup>6</sup>, toda a Bíblia é atravessada com a narração de envio de “missionários”. No Antigo Testamento, não encontramos referências explícitas e claras sobre a missão tal como a compreendemos hoje. Há que dizer que há quem veja o Livro de Jonas e o segundo de Isaías como livros de cariz missionário e outros que, mesmo reconhecendo elementos missionários, não os reconhecem como tal<sup>7</sup>. No entanto, independentemente destas posições, é preciso reconhecer que, de facto, há elementos missionários no Antigo Testamento e que este «é capital para compreender o que o Novo (e a própria Igreja hoje) entende por missão»<sup>8</sup>. Nele, que «é uma história de uma promessa divina: a redenção do género humano»<sup>9</sup>, encontramos as figuras de Abraão, Moisés e dos profetas. Enviados tanto para uma determinada ação, como é o caso de Abraão – saída da terra e constituição de uma nação – de Moisés – saída do Egipto e a instalação na Terra Prometida – como para o anúncio da vontade de Deus aos homens, os profetas. A disponibilidade para o “partir” e para acolher o envio é a nota típica da missão destas figuras, que personificam a “eleição” e abrem o horizonte da missão: Deus escolheu-as, elegeu-as, para uma missão<sup>10</sup>.

No Antigo Testamento, há uma clara convicção, confirmada no Novo Testamento, de que a redenção do género humano vinha dos judeus, sem que tal lhes seja exclusiva – mesmo que, por vezes, pensassem que assim era –, isto porque Deus se serve deles para manifestar a Sua salvação a toda a humanidade.

Na vocação de Abraão, aponta-se para os horizontes universais do plano salvífico de Deus e apresenta-se a perspetiva missionária:

«‘abençoar-te-ei (...) serás uma fonte de bênçãos (...) e todas as famílias da Terra serão em ti abençoadas’, pois a sua escolha não era exclusivista. A eleição dele mostra-nos que Deus renuncia à solução automática (que podia utilizar, pois Ele é o todo poderoso e tem toda a liberdade de fazer o que bem entender da sua criação) de regular tudo sozinho,

---

<sup>6</sup> NUNES, J. – *Teologia da Missão. Notas e perspectivas*. 2ª Ed. Obras Missionárias Pontifícias: Lisboa 2008, p. 21.

<sup>7</sup> Cf. BOSCH, D. J. – *Dynamique de la mission chrétienne. Histoire et avenir des modèles missionnaires*. Ed. Karthala, Hahó et Labor et Fides: Paris, Lomé et Genève 1995, p. 29.

<sup>8</sup> BOSCH, D. J. – *Dynamique de la mission chrétienne*, p. 29.

<sup>9</sup> REGO, A. – *Lições de Missionologia*, p. 17.

<sup>10</sup> Cf. NUNES, J. – *Teologia da Missão*, p. 21.

dispensando as mediações humanas. A eleição significa que Deus não fará a salvação do homem sem o homem»<sup>11</sup>.

Temos também o que é fundamental na missão: o missionário é eleito por Deus, sem nenhum mérito; é tirado da sua terra, do seu “eu”/“mundo” e enviado com uma missão bem clara: ser sinal de bênção, isto é, do amor de Deus pela humanidade decaída. O eleito é transformado e abençoado. Portanto, toda a sua vida deve espelhar isso mesmo, isto é, ele deve ser testemunha da bênção de Deus para todos os homens. Ele não se deve sentir privilegiado, querendo a eleição só para si, esquecendo-se de que é eleito para uma missão. Por conseguinte, tem de se ver livre da inveja, do ciúme e do egoísmo, isto é, tem de estar revestido do amor de Deus para ser um modelo para os outros. As suas atitudes devem anunciar o que é chamado a testemunhar. Dele é

«requerida a confiança, pois partir para além da inveja e do ciúme, para a liberdade, por causa de uma palavra, supõe a confiança. Mas, em boa verdade, a confiança precede o eleito, dado que, ao endereçar-lhe aquela palavra, Deus já está a depositar confiança nele. Inaudita confiança, pois Deus vai até ao ponto de deixar nas mãos do eleito o seu projecto de bênção-salvação para todos»<sup>12</sup>.

Assim sendo, para que o eleito seja reconhecido como bênção-salvação, ele tem de manifestar isso no seu modo de ser e de viver, pois caso contrário é visto como um “não-eleito”. Aquele que é “não-eleito” precisa do testemunho concreto do eleito para reconhecer a bênção de Deus para ele. Podemos aplicar isto aos cristãos de hoje, que, na sua vida diária, através das atitudes, palavras e comportamentos, têm de manifestar o seu ser cristão, para que contagie o não cristão e o faça interrogar-se e aderir a Cristo. O que aconteceu com Abraão no Egipto (cf. Gn 12, 10-20) e em Guérar (cf. Gn 20, 1-1) é um contratestemunho, pois, perante eles, devia manifestar a bênção-salvação de Deus, mas, por medo, Abraão mente, confiando na sua estratégia e não em Deus. Está aqui também presente o prejuízo que o impede de dar oportunidade ao “não-eleito” de aderir à bênção, vendo-o incapaz do temor de Deus. Há um sentimento de ciúmes, de posse, de rivalidade que impede Abraão de ser sinal de Deus, que confia e se dá no amor, e fá-lo pensar que tem direitos sobre os outros, vendo-os simultaneamente como rival e meio, e agir como

---

<sup>11</sup> COUTO, A. – “Fundamentação bíblica da missão”. *In Actas do simpósio sobre a missionação*, Ed. OMP: Lisboa 2004, p. 24.

<sup>12</sup> COUTO, A. – “Fundamentação bíblica da missão”, p. 26.

privilegiado, esquecido da sua missão – ser bênção para todas as nações –, pois ele camufla a diferença a que Deus o chama, negando-a até, na medida em que o seu comportamento de cobiça e de inveja não serve de modelo para o “não-eleito”. Israel, povo eleito, viveu muitas vezes a sua eleição como um privilégio, fechando-se sobre si mesmo, não cumprindo a sua missão como eleito. No entanto, foi chamado à razão e a cumprir a sua missão, pois a sua eleição mostra um Deus pessoal e amante, mas também serve para ele apresentar perante os povos o mistério de um Deus salvador e pessoal. No Egito, mesmo na opressão, foi chamado à fidelidade, manifestando a presença de Deus no meio dele. Lá,

«os irmãos de José vincaram a sua presença, não só como trabalhadores, mas também como portadores de uma mensagem universalista. A opressão dos faraós veio pôr termo à convivência entre hebreus e Egípcios. A *missão* do povo escolhido não terminaria, apesar disto, pois, longe de se poder encerrar no seu exclusivismo religioso, foi obrigado a errar, qual povo feito missionário à força, durante longos anos, (passando por vários povos) levando consigo as mesmas ideias de unidade e de universalidade»<sup>13</sup>.

Israel reconhece a presença de Deus que se revela na sua história. Este «Deus que se revela na história é o Deus que elegeu Israel. Esta eleição tem como objetivo o serviço. Se não se cumpre isso, a eleição perde sentido»<sup>14</sup>. Portanto, toda a história de Israel, que não se compreende sem a ligação com a história das nações, que constitui parte integrante da história de Israel, é revelação de Deus, que é criador e Senhor da humanidade, que se compromete com todas as nações. Na história de Israel encontramos claras influências das nações sobre alguns costumes, mesmo a nível religioso, o que mostra indícios do contacto missionário de Israel. Nisto vemos também que

«a primeira experiência, como povo, que Israel tem de Deus – o êxodo, a libertação, o pacto de aliança a dois – não foi nunca suficiente para fazer esquecer uma outra aliança (primitiva e universal) de Deus com toda a humanidade na Criação: toda a Criação depende de Deus, é aceite por Ele e está orientada para Ele!»<sup>15</sup>.

A consciência da universalidade da mensagem de Deus, que nos leva a sair de nós mesmos e ir ao encontro do outro, mas que nem sempre esteve presente no

---

<sup>13</sup> REGO, A. da S. – *Lições de Missionologia*, p. 20.

<sup>14</sup> BOSCH, D. J. – *Dynamique de la mission chrétienne*, p. 30.

<sup>15</sup> NUNES, J. – *Pequenas comunidades Cristãs. O Ondjango e a inculturação em África/Angola*. Ed. UCP: Porto 1991, p. 32.

comportamento do povo eleito e do próprio Abraão, como já foi referido, está presente nos salmos, que é a oração por excelência do povo de Deus: «Vou anunciar o decreto do Senhor. Ele disse-me: Tu és meu filho, Eu hoje te gerei. Pede-me e Eu te darei povos como herança e os confins da terra por domínio» (Sl 2, 7-8). «Louvai o Senhor, todas as nações! Exaltai-o, todos os povos! Porque o seu amor para conosco não tem limites e a fidelidade do Senhor é eterna!» (Sl 116, 1-2).

Podemos concluir que o Antigo Testamento é marcado pela história de um povo, que nem sempre soube viver a sua identidade, a sua missão na fidelidade, que é eleito para ser sinal do amor de Deus para com toda a humanidade, mas, «em seus maiores momentos reconheceu outros sinais de profunda solidariedade para com as nações não eleitas e com o dinamismo da história secular que não entrava nos anais da aliança»<sup>16</sup>. Como eleito, não pode esquecer que: é chamado por Deus para uma missão universal e que não é a vontade dele nem os seus desejos que contam, mas sim os de Deus, que oferece a todos, não impõe, a bênção-salvação através dele; é enviado com uma mensagem que não lhe pertence e o sucesso da sua missão também não lhe pertence, dele é requerida confiança e fidelidade. Cada um é chamado, em liberdade, a aderir à oferta e a transformar a sua vida<sup>17</sup>.

#### **4. Missão no Novo Testamento**<sup>18</sup>

Se no Antigo Testamento não se fala de missão propriamente dita, como percebemos hoje, no Novo Testamento, são vários os textos que falam da missão. Todo o Novo Testamento tem por base a missão do Pai que envia o Filho que, por sua vez, envia os discípulos, na força do Espírito Santo, que é a “alma” da missão. No entanto, os objetivos dos autores do Novo Testamento não passam por nos apresentar uma definição da missão nem uma teologia da mesma. Eles não são unânimes na forma de apresentar a missão, cada escrito tem a sua própria maneira de tratar a questão, o que nos leva a considerar os vários enfoques, modelos e “teologias da missão”. A figura missionária por excelência, no Novo Testamento, é Jesus Cristo, o eleito por excelência, que cumpre e aperfeiçoa a tendência universalista presente, mesmo que de forma latente, no Antigo

---

<sup>16</sup> SENIOR, D. – STUHLMUELLER, C. – *Biblia y Mision*. Ed. Verbo Divino: Estella 1985, p. 426.

<sup>17</sup> Cf. COUTO, A. – *Fundamentação bíblica da missão*, pp. 27-35.

<sup>18</sup> Para este ponto basearemos sobretudo em: BOSCH, D. J. – *Dynamique de la mission chrétienne* SENIOR, D. – STUHLMUELLER, C. – *Biblia y Mision*.

Testamento<sup>19</sup>. Ele é o enviado, a própria missão e o seu conteúdo<sup>20</sup> e aquele que envia: «Vamos para outra parte, para as aldeias vizinhas, a fim de pregar aí, pois foi para isso que Eu vim» (Mc 1, 38); «Ide, pois, fazei discípulos de todos os povos, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a cumprir tudo quanto vos tenho mandado» (Mt 28, 19-20); «Assim como o Pai me enviou, também Eu vos envio a vós» (Jo 20, 21). Também temos a figura dos apóstolos, sobretudo Paulo e Pedro, e dos discípulos que, recebendo o mandato do Mestre, anunciaram e testemunharam Cristo como o salvador do mundo.

Antes de começar a expor a nossa reflexão, é de frisar que não pretendemos fazer uma apresentação exaustiva ou detalhada das várias teologias da missão presentes no Novo Testamento, pois esse não é o nosso objetivo. Apresentaremos simplesmente alguns aspetos que nos parecem relevantes para a compreensão da missão, concretamente da sua origem e necessidade, dentro do que estamos a abordar. Passemos então a apresentar a teologia da missão presente nos vários textos do Novo Testamento.

São Mateus, no seu Evangelho, mais do que descrever a vida de Jesus, procura encorajar a comunidade em crise de identidade, visto que é uma comunidade judaico-cristã que vive um momento de rotura com o judaísmo, apresentando a sua vocação e a sua missão e a oportunidade de testemunhar a sua fé em Cristo, morto e ressuscitado<sup>21</sup>. A missão universal é central no Evangelho de Mateus que, no capítulo 10, apresenta um discurso explícito sobre a missão e termina com Jesus a enviar os discípulos em missão<sup>22</sup>: «Ide, pois, fazei discípulos de todos os povos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a cumprir tudo quanto vos tenho mandado. E sabei que Eu estarei sempre convosco até ao fim dos tempos» (Mt 28, 19-20). Portanto, Mt 10, 1-47, que é antecedido por Mt 9, 36-38, onde Jesus expressa a necessidade de obreiros para a grande messe do Senhor e mostra que é Deus a origem e o autor da missão, e Mt 28, 16-20 formam os pilares básicos da perspetiva da missão universal em Mateus e em todo o Novo Testamento.

---

<sup>19</sup> Cf. BOSCH, D. J. – *Dynamique de la mission chrétienne*, p.33.

<sup>20</sup> Cf. URÍBARRI, G. – *Biblia y nueva evangelización*. Ed. Desclée de Brouwer: Bilbao 2005, p. 39.

<sup>21</sup> Cf. SENIOR, D. – STUHLMUELLER, C. – *Biblia y Mision*, pp. 314-317; BOSCH, D. J. – *Dynamique de la mission chrétienne*, pp. 79-82.

<sup>22</sup> Cf. SENIOR, D. – STUHLMUELLER, C. – *Biblia y Mision*, p. 314.

O capítulo 10 continua a ser uma instrução atual para a Igreja missionária. Manifesta a urgência da missão e mostra que a Igreja, no desempenho da sua missão, segue o seu mestre, se identifica com Ele, passando por sofrimentos também, e conta com a força do Espírito.

O capítulo 28,16-20 apresenta-nos o envio dos discípulos que é visto por vários exegetas como o cume, como a chave de leitura do Evangelho. No entanto, só se entende no contexto de todo o Evangelho e não de forma isolada<sup>23</sup>. Mostra também que «a missão da comunidade encontra a sua raiz na autoridade de Jesus ressuscitado que reina na comunidade como o Filho de Deus e Filho do homem»<sup>24</sup>. Com a utilização do imperativo “fazei discípulos”, que subordina os dois participios, batizando e ensinando, constata-se que a missão tem por objetivo levar todos os seres humanos à condição de verdadeiros cristãos e que há uma continuidade entre a missão de Cristo e a missão da Igreja, que não está acima do seu Mestre (cf. Mt 10, 24-25) e que tem a garantia da presença deste (cf. Mt 28, 20) que a acompanha e a envia continuamente em missão, pois, sendo Jesus o Senhor do universo (cf. Mt 28, 18), é necessário, e até obrigatório, que todos reconheçam o Seu senhorio. Assim, a missão é consequência do senhorio universal de Jesus e a proclamação disso mesmo<sup>25</sup>. A universalidade da missão está também presente na utilização da expressão “Evangelho do Reino” que «sublinha a dimensão universal e missionária do mistério real de Jesus»<sup>26</sup> e a evidência que se deve dar ao Evangelho no dia-a-dia: «Este Evangelho do Reino será proclamado em todo o mundo, para se dar testemunho diante de todos os povos» (Mt 24, 14).

No versículo 20 apresenta-nos o essencial acerca do fazer discípulos: «ensinando-os a cumprir tudo quanto vos tenho mandado.» Ensinar, para Mateus, é levar os discípulos a cumprirem a vontade do Pai como Jesus, pois «O ensinamento de Jesus concerne a vontade dos auditores e não, em primeiro lugar, a sua inteligência; é um chamamento que exige uma decisão concreta de O seguir e de se submeter à vontade de Deus»<sup>27</sup> que é visível, isto porque «acreditar, seguir Jesus, compreender, todas estas expressões contêm um elemento de compromisso concreto que se traduz em atos»<sup>28</sup>. Portanto,

---

<sup>23</sup> Cf. BOSCH, D. J. – *Dynamique de la mission chrétienne*, p. 78.

<sup>24</sup> SENIOR, D. – STUHLMUELLER, C. – *Biblia y Mision*, p. 342.

<sup>25</sup> Cf. BOSCH, D. J. – *Dynamique de la mission chrétienne*, pp. 99-106.

<sup>26</sup> BOSCH, D. J. – *Dynamique de la mission chrétienne*, p. 96.

<sup>27</sup> BOSCH, D. J. – *Dynamique de la mission chrétienne*, p. 90.

<sup>28</sup> BOSCH, D. J. – *Dynamique de la mission chrétienne*, p. 92.

«Ser discípulo, para Mateus, significa viver os ensinamentos de Jesus como os Evangelhos nos indicam (...) O estatuto de discípulo implica o ensinamento, para o Reino de Deus, da justiça e do amor. Significa uma obediência total à vontade de Deus (que quer salvar todos os homens, dando-lhes a conhecer o seu plano de amor). Isto exclui toda a visão restrita da missão»<sup>29</sup>.

Ser discípulo é comprometer-se com o bem-estar do outro, pois «o cristão encontra a sua razão de ser quando se compromete na missão, comunicando aos outros uma nova razão de viver, uma nova visão da realidade, uma nova visão de Deus, e quando se compromete com a libertação e salvação dos outros»<sup>30</sup>. Há uma “ética” cristã a transmitir e a viver que encontramos essencialmente no discurso do sermão da montanha (cf. Mt 5-7). O âmago, a essência da ética de Jesus, que constitui um imperativo para os seus discípulos de todos os tempos mas que infelizmente, ao longo dos séculos, foram poucos os que configuraram a sua vida com esta ética. «Há um fosso entre o que Jesus ensinou e a forma como o seu ensinamento foi vivido na realidade»<sup>31</sup>. No entanto, torna-se cada vez mais urgente a necessidade de traduzir o sermão da montanha no concreto de cada dia, para que o Reino de Deus anunciado se torne realidade.

Em São Marcos, a ideia da missão surge de uma experiência profunda de Jesus, da sua relação com Deus que o impele a proclamar o seu amor<sup>32</sup>. O Evangelho de Marcos é apresentado numa dinâmica narrativa, em que o termo “caminho”/ “caminho do Senhor” é transversal a todo o Evangelho, que nos dá a entender o caráter missionário do Evangelho<sup>33</sup>, assim como a dimensão cristológica, pois «a definição que Marcos faz da missão da Igreja converte-se num recital acerca da vida de Jesus»<sup>34</sup>. É de frisar ainda que, em Marcos, a questão do Reino está na base do ministério de Jesus, isto é, constitui o “leitmotif” de toda a atividade de Jesus e «a missão só se compreende mediante a proclamação que Jesus faz do reino e no contexto da sua morte e ressurreição»<sup>35</sup>.

---

<sup>29</sup> BOSCH, D. J. – *Dynamique de la mission chrétienne*, p. 110.

<sup>30</sup> BOSCH, D. J. – *Dynamique de la mission chrétienne*, p. 112.

<sup>31</sup> BOSCH, D. J. – *Dynamique de la mission chrétienne*, p. 94.

<sup>32</sup> URÍBARRI, G. – *Biblia y nueva evangelización*, p. 31.

<sup>33</sup> Cf. SENIOR, D. – STUHLMUELLER, C. – *Biblia y Mision*, pp. 290-292.

<sup>34</sup> SENIOR, D. – STUHLMUELLER, C. – *Biblia y Mision*, p. 294.

<sup>35</sup> SENIOR, D. – STUHLMUELLER, C. – *Biblia y Mision*, p. 294.

Através da geografia, da Galileia a Jerusalém, Marcos apresenta-nos a dimensão universal da mensagem evangélica proclamada por Jesus, que rompe toda a divisão geográfica, étnica, cultural e religiosa para unir todos os povos e envia os discípulos por sua vez a fazerem o mesmo:

«Ide pelo mundo inteiro, proclamai o Evangelho a toda a criatura. Quem acreditar e for batizado será salvo; mas, quem não acreditar será condenado. Estes sinais acompanharão aqueles que acreditarem: em meu nome expulsarão demónios, falarão línguas novas, apanharão serpentes com as mãos e, se beberem algum veneno mortal, não sofrerão nenhum mal; hão-de impor as mãos aos doentes e eles ficarão curados» (Mc 16, 15-18).

No fim do Evangelho, Marcos põe Jesus a reenviar a comunidade para a Galileia, onde começou a Sua missão e tinha congregado a comunidade e onde a missão universal da Igreja começa, pois a Igreja segue os passos do seu fundador e dá continuidade à sua obra<sup>36</sup>.

Lucas apresenta-nos no Evangelho e nos Atos dos Apóstolos a missão universal da Igreja, de forma mais evidente em todo o Novo Testamento, unindo a missão de Jesus e a missão da Igreja, hegemónico na teologia da missão em Lucas<sup>37</sup>. Logo no início do seu Evangelho, aplicando a Jesus a passagem de Isaías 61, 1-2, mostra que a missão de Jesus, que é também missão da Igreja, se destina a todos os homens, principalmente aos marginalizados, e a todas as nações (cf. Lc 4, 16-21). Lucas, em 24,45-49, retomado no início dos Atos dos Apóstolos, em vez de um imperativo missionário, como encontramos em Mateus, apresenta o mandato missionário sobre a forma de um facto, de uma promessa, instruindo a comunidade sobre a natureza e o alcance da sua missão, que é: o cumprimento das promessas das escrituras, transversal ao Evangelho e aos Atos; consequência da morte e ressurreição do Messias de Israel; transmissão de uma mensagem de arrependimento e de perdão; destinada a todos os povos, isto é, universal, começando por Jerusalém<sup>38</sup>; e será levada a cabo graças às testemunhas que vivem essa

---

<sup>36</sup> Cf. SENIOR, D. – STUHLMUELLER, C. – *Biblia y Mision*, pp. 294-299.

<sup>37</sup> Cf. SENIOR, D. – STUHLMUELLER, C. – *Biblia y Mision*, p. 345.

<sup>38</sup> Lucas, que não é Judeu, põe o começo da missão em Jerusalém, onde os discípulos tiveram de ficar para receber o Espírito Santo, e não na Galileia, como Mateus, pois acentua a salvação oferecida primeiro aos judeus, se bem que não dissocia da missão os não-judeus e junto das nações, e «estabelece uma continuidade com o Antigo Testamento, confirmando, desta forma, que o trabalho da Igreja entre os gentios é o cumprimento do que estava escrito na Lei de Moisés, nos profetas e nos salmos», in SENIOR, D. – STUHLMUELLER, C. – *Biblia y Mision*, p. 370.

mensagem e a dão a conhecer, sob a força do Espírito Santo, Aquele que moveu Jesus e move a Igreja em toda a sua atividade, como veremos mais adiante. O Espírito Santo tem um papel preponderante na teologia missionária de Lucas. Ele torna Cristo ressuscitado presente nas comunidades; inaugura a missão; garante a fidelidade a Cristo; guia, acompanha e fortifica a Igreja nas suas atividades, antecipando-se até a ela, inspirando-as e validando-as. A ação do Espírito Santo sela a continuidade entre a vontade salvífica universal de Deus, o ministério libertador de Jesus e a missão mundial da Igreja. Um outro aspecto preponderante na conceção missiológica de Lucas é a questão do testemunho que aparece muitas vezes nos seus escritos, sobretudo nos Atos. Lucas mostra como Jesus utiliza a mediação humana para dar continuidade à sua missão. O homem é fraco e, só por si, não consegue corresponder ao apelo de Jesus, mas tem a força do Espírito. Temos também a questão do arrependimento, do perdão dos pecados e da salvação; o anunciar a boa nova da paz por Jesus Cristo; as adversidades e sofrimentos inerentes à missão; e a dimensão eclesiológica, pois para Lucas a vida de Jesus e a história da Igreja formam uma só era que é a do Espírito<sup>39</sup>.

No Evangelho de João, e em todos os seus escritos, a teologia da missão está centrada em Cristo, ou seja, há um foco cristológico, num plano universal, imprescindível para a compreensão da teologia da missão de João, pois Jesus veio revelar, dar a conhecer o amor do Pai que quer salvar o mundo inteiro, concedendo-lhe a vida eterna pela morte e ressurreição de Jesus, que foi enviado pelo Pai «como Salvador do mundo» (1Jo 4, 14), «para que, por Ele, tenhamos a vida» (1Jo 4, 9), «pois Ele é a vítima que expia os nossos pecados, e não somente os nossos, mas também os de todo o mundo» (1Jo 2, 2). Um outro foco importante na teologia da missão em São João é a pneumatologia, vital para a missão de Jesus mas, sobretudo, para a missão da comunidade. «O Espírito – Paráclito (dom do ressuscitado) faz Cristo mais presente, mais compreensível, mais transformador»<sup>40</sup>, acompanhando os discípulos, enviados de Cristo (cf. Jo 20, 21), ensinando-os e guiando-os (cf. Jo 14, 16. 26; 16, 13) na continuidade da missão de Cristo.

João apresenta, no seu Evangelho, a unidade que há entre a missão de Jesus, a missão do Paráclito e a missão da comunidade cristã, pois estas não deixam de ser uma

---

<sup>39</sup> Cf. BOSCH, D. J. – *Dynamique de la mission chrétienne*, pp. 122-123; 152-162; SENIOR, D. – STUHLMUELLER, C. – *Biblia y Mision*, pp. 347-352 e COTHENET, E. – “Mission dans l’Ecriture”, in *Dictionnaire de Spiritualité*. Beauchesne: Paris 1980, t. X, pp. 1361-1362.

<sup>40</sup> SENIOR, D. – STUHLMUELLER, C. – *Biblia y Mision*, p. 392.

única missão que procede do Pai, como veremos mais à frente, que envia o Filho para dar testemunho d'Ele e realizar as suas obras; o Pai com o Filho envia o Paráclito para dar testemunho sobre Jesus; e, finalmente, Jesus envia os discípulos para, com a força do Espírito Santo, fazerem o que Ele fez: a vontade do Pai, por palavras e obras. Nesta única missão, que tem Jesus no centro apontando para o Pai, o “não-enviado”, há um único objetivo, que é a salvação do mundo, e há uma relação pessoal entre quem envia e quem é enviado, que não fala em nome próprio mas em nome daquele que o envia<sup>41</sup>.

São Paulo questiona: «será Deus apenas Deus dos judeus? Não o é também dos gentios? Sim, Ele é também Deus dos gentios, uma vez que há um só Deus. É Ele que há-de justificar pela fé os circuncidados, e os não-circuncidados, mediante a fé» (Rm 3, 29-30). Sendo Paulo o missionário por excelência, consciente de que Deus o enviou ao mundo para proclamar o Evangelho, vê a missão como uma obrigação que lhe é imposta e da qual não pode abdicar (cf. 1Cor 9, 16-17) e «como uma função da Igreja»<sup>42</sup>. A missão está no coração dos escritos e das reflexões paulinas. A sua teologia da missão é marcada pela sua experiência pessoal de Cristo que o surpreende a caminho de Damasco e transforma a sua vida e lhe dá uma nova visão universal da missão. Portanto, a consciência, adquirida pela sua experiência, da soberania de Deus sobre toda a criação e sobre todos os povos e do chamamento à salvação em Cristo Jesus, é a pedra angular para a missão paulina<sup>43</sup>.

A missão é anunciar o senhorio de Cristo sobre tudo o que existe e o convite a submeter-se a ele, ou seja, Paulo, certo de que Deus será tudo em todos, quer levar todas as línguas a confessar que «Jesus é Senhor» (cf. Rm 10, 9; 1Cor 12, 3; Fl 2, 11), reconhecendo o estatuto que Deus inaugura em Cristo, julgando-nos em Cristo e dando também n'Ele a graça da salvação que nos conduz à glória final de Deus. Por isso, Paulo está ciente de que a missão cristã é um dever que não pode, em nenhum caso, ser negligenciado. Os crentes devem passar da antiga realidade à nova, por um ato de fé e pelo ensinamento, visto que só Cristo os pode salvar<sup>44</sup>.

---

<sup>41</sup> Cf. SENIOR, D. – STUHLMUELLER, C. – *Biblia y Mision*, pp. 397-398.

<sup>42</sup> BOSCH, D. J. – *Dynamique de la mission chrétienne*, p. 175.

<sup>43</sup> Cf. SENIOR, D. – STUHLMUELLER, C. – *Biblia y Mision*, p. 234.

<sup>44</sup> Cf. BOSCH, D. J. – *Dynamique de la mission chrétienne*, pp. 197-199.

Paulo através da sua teologia da Justificação pela fé (cf. Rm 5, 1), visto que todos pecamos e necessitamos da Graça de Deus para a salvação, mostra-nos como Cristo, o enviado do Pai que morreu e ressuscitou para a nossa salvação, deve ser conhecido por todos, a fim de que todos possam configurar a sua vida com a de Cristo, pela ação do Espírito Santo que faz de nós uma só comunidade, um só corpo em Cristo, mesmo com as nossas diferenças e sem anulá-las (cf. Ef 2, 14-18). É também pela força do Espírito que chegamos à santificação querida por Deus (cf. 1Ts 4, 3).

Um dos grandes motivos do sucesso missionário de Paulo é o facto de mostrar, pelo seu comportamento, aquilo que ensinava. Não havia distinção entre a sua vida e aquilo que pregava, isto é, a sua vida autenticava o Evangelho que ele anunciava<sup>45</sup>, a fim de ganhar o máximo de vidas para Cristo (cf. 1Cor 9, 19). Paulo dá a sua pessoa como exemplo (cf. 1Cor 9) mas com isso não pretende mostrar que «tem a sua confiança nele mesmo e nas suas performances. Ele refere-se constantemente à iniciativa e ao poder de Deus na sua própria vida»<sup>46</sup>. Tem consciência de que aquilo que ele é, é fruto do dom de Deus (cf. 1Ts 2, 1-5), que lhe concedeu a graça de associar/de configurar a sua vida ao Evangelho. Por isso, orgulha-se da sua fraqueza, pois a Graça de Cristo chega-lhe (cf. 1Cor 12, 9-10).

Podemos concluir destacando o facto de a missão em São Paulo ser marcada pela sua visão universal/cósmica do evangelho; pela importância que dá à morte e ressurreição de Cristo, por quem todos somos salvos pela fé; pela sua visão de Deus, que é um e Pai de todos; pela sua estratégia missionária; pela cooperação que estabelece; e pela sua consciência apostólica, fruto da sua experiência pessoal de Deus<sup>47</sup>.

Nos textos do Novo Testamento que vimos até agora, encontramos grandes contributos para a teologia da missão, apresentando, de modo profundo, a origem e a razão da missão em Deus, que, para salvar o género humano, enviou seu Filho que viveu, morreu e ressuscitou para cumprir essa missão. Jesus deixou aos discípulos e, através deles, à Igreja de todos os tempos, a missão de continuar a obra da salvação consumada na sua morte e ressurreição. A universalidade da missão de Cristo e da Igreja presentes nos textos que vimos e a urgência missionária presente em São Lucas – «Ide! Envio-vos

---

<sup>45</sup> Cf. BOSCH, D. J. – *Dynamique de la mission chrétienne*, p. 175.

<sup>46</sup> BOSCH, D. J. – *Dynamique de la mission chrétienne*, p. 176.

<sup>47</sup> Cf. BOSCH, D. J. – *Dynamique de la mission chrétienne*, p. 186.

como cordeiros para o meio de lobos. Não leveis bolsa, nem alforje, nem sandálias; e não vos detenhais a saudar ninguém pelo caminho» (Lc 10, 3-4) – foi vivida de forma intensa pela Igreja primitiva.

A primeira carta de Pedro e o Livro de Apocalipse, mesmo que de forma menos intensa mas não menos importante, até porque nos apresentam algo de extrema importância para a missão de hoje, como veremos, mostram-nos o anúncio missionário através do testemunho de vida. 1Pedro dá um contributo notável à missão pela «sua radiante teologia do batismo e seu chamamento a um testemunho cristão de esperança»<sup>48</sup>. Alertando os cristãos para o facto de serem povo de Deus e por Ele escolhidos e consagrados no batismo, (cf. 1Pe 1, 1-2), encoraja-os a uma esperança viva em Cristo, que dá a vida, e a não desistirem do testemunho que dão pela conversão a Cristo, manifestando-se na sociedade como “cristos”, isto é, terem uma vida marcada pelas boas obras, pelo amor e pela esperança, apesar das humilhações por que passam (cf. 1Pe 4, 3-4). «A tarefa do cristão, segundo o 1Pe, não consiste em retirar-se do mundo nem condená-lo. A comunidade cristã tem que oferecer um testemunho vivo de esperança que conduza, finalmente, o mundo a dar glória a Deus»<sup>49</sup>, ou seja, «rogo-vos que, como estrangeiros e peregrinos, vos abstenhais dos desejos carnis, que combatem contra a alma. Tende entre os gentios um comportamento exemplar, de modo que, ao acusarem-vos de malfeitores, vendo as vossas boas obras, acabem por dar glória a Deus no dia da sua visita» (1Pe 2, 11-12). É na vida ativa da sociedade, em casa, na sua condição social, que o cristão oferece esse testemunho, contrariando, assim, as calúnias que se diziam contra eles. Pedro exorta:

«Não temais as suas ameaças, nem vos deixeis perturbar; mas, no íntimo do vosso coração, confessai Cristo como Senhor, sempre dispostos a dar a razão da vossa esperança a todo aquele que vo-la peça; com mansidão e respeito, mantende limpa a consciência, de modo que os que caluniam a vossa boa conduta em Cristo sejam confundidos, naquilo mesmo em que dizem mal de vós» (1Pe 3, 14-16).

Tendo um teor escatológico, Pedro mostra que

---

<sup>48</sup> SENIOR, D. – STUHLMUELLER, C. – *Biblia y Mision*, pp. 402-403.

<sup>49</sup> SENIOR, D. – STUHLMUELLER, C. – *Biblia y Mision*, p. 406.

«o objetivo supremo do testemunho da comunidade não se descreve como um programa para recrutamento para a Igreja. Longe disso, o autor espera que o mundo pagão, ao ver as boas obras da comunidade, seja impulsionado finalmente a ‘glorificar Deus no dia da sua visita’ (...) Esta revelação final e a resposta da humanidade a ela é a motivação mais profunda da teologia do testemunho que aparece na carta. Mesmo os cristãos serão arrebatados nessa aclamação da glória de Deus e o testemunho de sua ‘vida boa’ levará finalmente os não crentes a fazer o mesmo»<sup>50</sup>.

Portanto, assim, através do testemunho de vida cristã, o cristão toma parte na obra salvadora de Cristo Jesus. O testemunho não acontece sempre da mesma forma. Se 1 Pedro, num teor batismal e escatológico, chama a comunidade a dar testemunho no meio do mundo, já o Apocalipse de São João, num tom profético e apocalíptico, convida o cristão, redimido pelo sangue de Cristo, a dar testemunho retirando-se do mundo, para assim ser um sinal profético de testemunho perante a sociedade e em favor da sociedade<sup>51</sup>.

O Evangelho sendo «portador de uma Boa Nova de valor eterno [é] para anunciar aos habitantes da terra: a todas as nações, tribos, línguas e povos» (Ap 14, 6). A remissão alcançada no “sangue do cordeiro” deve ser anunciada a todos os povos, pois Cristo foi morto e, com o seu sangue, resgatou-nos a todos, homens de todas as tribos, línguas, povos e nações, para Deus e fez de nós um só povo que tem Deus como rei (cf. Ap 5, 9-10).

«A cristologia cósmica de São João e sua preocupação pela redenção do mundo conduzem-no à sua teologia de testemunho: uma teologia que não admite compromisso. O seu livro é literalmente um chamamento à ‘constância do povo santo’. Pede-se aos cristãos que suportem a perseguição, e inclusive o martírio, do que pôr em causa a sua fidelidade a Cristo e a sua obra de redenção (...) Os cristãos devem proclamar perante o mundo a boa nova da salvação universal e o seu enlevo é a recusa heroica para entrar em compromissos com um sistema que eles veem que está alinhado com as forças do pecado e da morte»<sup>52</sup>.

Ao terminar este ponto do nosso trabalho, constatamos que, de facto, o Novo Testamento é de cariz missionário. Apesar das várias teologias da missão que compõem o Novo Testamento, todas elas têm Cristo como âmago e mostram que a Missão partindo

---

<sup>50</sup> SENIOR, D. – STUHLMUELLER, C. – *Biblia y Mision*, p. 409.

<sup>51</sup> Cf. IZCO, J. – “Fundamentos y rasgos bíblicos de la misión cristiana”. In VV.AA. – *La misionologia hoy*. Ed. Verbo Divino-Editorial Guadalupe: Navarra 1987, p. 110.

<sup>52</sup> SENIOR, D. – STUHLMUELLER, C. – *Biblia y Mision*, pp. 414-415.

do Pai, que é o que envia e não é enviado, chega aos discípulos, concretamente à Igreja de hoje, sendo que Cristo é o coração, o cume de toda a missão. O Seu ministério, palavras e obras, dá impulso à missão e serve de modelo, de protótipo. A missão é, portanto, um mandato de Deus e tem nele a sua origem e Jesus como arquétipo. É «mediante o poder de Cristo ressuscitado e de seu Espírito, [que] os discípulos receberam o encargo de levar ao mundo e exercer nele o ministério do reino»<sup>53</sup>. O Novo Testamento apresenta-nos isso mesmo dando-nos conta

«de uma Igreja em verdadeiro estado de missão, [nascido no dia de Pentecostes] onde os agentes desse processo são múltiplos: em primeiro lugar, o Espírito Santo (presente nos cristãos e enviando-os e acompanhando-os enquanto missionários, mas presente também nos pagãos – destinatários da Boa Nova – Cornélio é exemplo claro de que o Espírito Santo precede a acção apostólica e o próprio batismo); depois, claro, os Apóstolos, os Diáconos, os Profetas e Doutores, os colaboradores dos Apóstolos e, dum modo geral, as comunidades cristãs com o seu testemunho de vida»<sup>54</sup>.

Da convicção de que Deus quer salvar toda a humanidade e conscientes da responsabilidade para com todos os homens, mediante do ministério de Cristo ressuscitado, temos de dar a conhecer o Evangelho, por palavra e obra pois,

«o esforço missionário da comunidade primitiva não era considerado como uma atividade puramente verbal. O testemunho de uma vida cidadã vivida de forma íntegra (1Pe) ou mesmo pela recusa profética de entrar em compromissos, retirando-se de certas funções sociais (Apocalipse), considerava-se genuíno testemunho da boa nova da salvação universal»<sup>55</sup>.

Temos imperativamente de anunciar a Cristo por palavras e obras, «sem excluir ninguém, e não como quem impõe uma nova obrigação, mas como quem partilha uma alegria, indica um horizonte estupendo, oferece um banquete apetecível»<sup>56</sup>.

---

<sup>53</sup> SENIOR, D. – STUHLMUELLER, C. – *Biblia y Mision*, p. 430.

<sup>54</sup> NUNES, J. – *Teologia da Missão*, p. 27.

<sup>55</sup> SENIOR, D. – STUHLMUELLER, C. – *Biblia y Mision*, p. 422.

<sup>56</sup> FRANCISCUS PP. – “Adhortatio Apostolica Evangelii Gaudium”, nº 14. *In AAS* 105 (2013), pp. 1119-1137.

## 5. Fundamento teológico-trinitário da missão da Igreja

Até agora, destacamos o fundamento bíblico da missão, no Antigo e no Novo Testamento. Constatamos que a missão é envio, com uma mensagem explícita e insubstituível a transmitir. Quando há um envio, significa que há quem envia e um enviado. Já referimos na nossa abordagem anterior, mas agora vamos ver de uma forma mais detalhada, embora não extensa, o fundamento teológico-trinitário da missão da Igreja, isto porque não é possível fazer uma abordagem da missão sem referência ao fundamento da nossa fé, isto é, a autocomunicação de Deus, Aquele que envia sem ser enviado, em Cristo, o enviado por excelência, que comunica o seu Espírito à Igreja para continuar a sua missão. «O Pai expressa-se a si mesmo no Filho, e ambos se expressam amando no Espírito Santo»<sup>57</sup>. Portanto,

«a missão vem de Deus Pai, pelo Filho, no Espírito Santo; realiza-se segundo os planos salvíficos de Deus e contempla-se continuamente numa dinâmica eclesial e cósmica para Deus. A missão é toda a Trindade em ação, para introduzir o homem, criado e restaurado à sua imagem, no seu mistério trinitário de amor. (...) a unidade de Jesus com o Pai, no Espírito converte-se em origem e objetivo da missão: a participação de cada ser humano na vida trinitária de Deus amor»<sup>58</sup>.

### 5.1. A missão de Cristo

Desde a criação, Deus acompanhou o homem e revelou-se-lhe de várias formas através dos tempos. No entanto, aprouve-Lhe, na Sua bondade, amor e sabedoria, revelar-se a Si mesmo e dar a conhecer o mistério da Sua vontade por meio do Seu Filho, Jesus Cristo (cf. Ef. 1, 9 e Heb 1, 1-2). Deus que ama tanto cada homem quis salvá-lo, por Cristo, «verdadeiro mediador entre Deus e os homens» (AG 3), chamando-o à plena comunhão com Ele, tornando-nos participantes da sua glória como filhos amados. Portanto, «o amor de Deus é a origem da missão de Jesus»<sup>59</sup>, que torna a revelação de Deus definitiva e completa, «confirmando-a com toda a manifestação da sua pessoa, com

---

85. <sup>57</sup> BIFET, J. E. – *Teologia de la evangelizacion. Curso de misionologia*. BAC: Madrid 1995, p.

<sup>58</sup> BIFET, J. E. – *Teologia de la evangelizacion*, pp. 85; 87.

<sup>59</sup> BIFET, J. E. – *Teologia de la evangelizacion*, p. 5.

palavras e obras, com sinais e milagres, e sobretudo com a sua morte, a sua ressurreição e com o envio do Espírito de verdade»<sup>60</sup>, e da missão do Espírito Santo. É do

«‘amor frontal’, isto é, da caridade de Deus Pai, que, sendo o Princípio sem Princípio de quem é gerado o Filho e de quem procede o Espírito Santo pelo Filho, quis derramar e não cessa de derramar ainda a bondade divina, criando-nos livremente pela sua extraordinária e misericordiosa benignidade, e depois chamando-nos gratuitamente a partilhar da sua própria vida e glória. Quis ser, assim, não só criador de todas as coisas mas também ‘tudo em todas as coisas’, conseguindo simultaneamente a sua glória e a nossa felicidade. Aprouve, porém, a Deus chamar os homens a esta participação na sua vida, não só de modo individual e sem qualquer solidariedade mútua, mas constituindo-os num Povo em que os seus filhos, que estavam dispersos, se congregassem em unidade» (AG 2).

Jesus, consciente de que é enviado, declara-se como missionário: «Tenho de anunciar a Boa-Nova do Reino de Deus também às outras cidades, pois para isso é que fui enviado» (Lc 4, 43). E até «o nome de ‘Jesus’ indica sua própria missão de ‘Salvador’, que veio para ‘salvar o seu povo de seus pecados’»<sup>61</sup>. Há uma total identificação entre o ser de Jesus e a sua missão, pois, «a consciência que Jesus tem de ser enviado pelo Pai é a mesma que tem de ser Filho de Deus»<sup>62</sup>. Esta consciência permite-lhe ser fiel, de forma que «a fidelidade de Jesus à missão do Pai é uma nota dominante das narrações evangélicas (...) É a garantia de autenticidade na missão»<sup>63</sup>. O Pai tem um plano de Salvação e concretiza-o enviando o Seu Filho, que quer fazer não a sua vontade mas a vontade do Pai (cf. Lc 22, 42): «Jesus, ‘Evangelho de Deus’, foi o primeiro e o maior dos evangelizadores. Ele foi isso mesmo até ao fim, até à perfeição, até ao sacrifício da sua vida terrena»<sup>64</sup>. Constatamos, através dos Evangelhos, que

«quando Jesus fala de si mesmo, designa-se como um ‘enviado’. ‘Eu vim para...’, ‘o meu Pai me enviou para...’, ‘Eu fui enviado para...’. (...) A sua personalidade é essa: a sua missão, o fato de estar identificado com essa missão. Para ele, a missão significa muito mais do que uma função, uma profissão, uma tarefa; a missão é o que envolve e ocupa a totalidade dele mesmo»<sup>65</sup>.

---

<sup>60</sup> PAULUS PP. VI – “Adhortatio Apostolica Evangelii Nuntiandi”, nº 12. *In AAS* 68 (1976), pp. 5-76.

<sup>61</sup> BIFET, J. E. – *Teologia de la evangelizacion*, p. 21

<sup>62</sup> BIFET, J. E. – *Teologia de la evangelizacion*, p. 5.

<sup>63</sup> BIFET, J. E. – *Teologia de la evangelizacion*, p. 5.

<sup>64</sup> PAULUS PP. VI – “Adhortatio Apostolica Evangelii Nuntiandi”, nº 7.

<sup>65</sup> COMBLIN, J. – *Teologia da missão*. Ed. Vozes: Petrópolis 1983, p. 17.

Isto porque, «em Cristo, seu ser, sua obra e sua vivência são enquadrados no âmbito da sua ‘missão’ ou envio»<sup>66</sup>a todos os povos. Logo, a missão de Jesus é universal, pois, pela Encarnação, tornou os homens participantes da sua natureza divina e, sendo rico, fez-se pobre para nos tornar ricos. A sua missão «inclui os ricos e os pobres, os oprimidos e os opressores, os pecadores e as pessoas pias. Sua missão faz desaparecer as aversões, derruba os muros de hostilidade e ultrapassa as fronteiras entre indivíduos e grupos»<sup>67</sup>. Também

«não consiste unicamente em cumprir a esperança de Israel de que Deus havia de reinar, mas também em revelar a toda a humanidade a face de Deus não visto. E assim, neste plano universal, se pode aclamá-lo, com razão, como ‘salvador do mundo’, como luz do mundo, como cordeiro que tira ‘o pecado do mundo’ e como ‘pão para a vida do mundo’»<sup>68</sup>.

Cristo anuncia o Reino, a salvação a todos os homens, que devem conquistá-lo através de uma vida em conformidade com o Evangelho, que é fruto da transformação interior, de uma conversão radical<sup>69</sup>. Tanto em Mateus como em Marcos, a missão de Jesus, que chama ao arrependimento e à conversão, é compreendida tendo em vista “o Reino de Deus” ou “Reino dos céus” – tema central das pregações, parábolas e curas/milagres de Jesus – que é identificado com o próprio Jesus, isto é, «encontrar o Reino é encontrar Jesus Cristo tal como é proclamado pela pregação, ensinamento e ministério da comunidade»<sup>70</sup>.

Jesus cumpriu a Sua missão sob a força e a ação do Espírito Santo, que O unge no batismo (Mt 3, 16); O conduz ao deserto onde é tentado (Lc 4, 1; Mt 4, 1); e O leva à pregação (Lc 4, 14). O próprio Jesus reconhece-se como o ungido pelo Espírito Santo enviado em missão, ao aplicar a Si a passagem de Isaías: «O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu para anunciar a Boa-Nova aos pobres; enviou-me a proclamar a libertação aos cativos e, aos cegos, a recuperação da vista; a mandar em liberdade os oprimidos, a proclamar um ano favorável da parte do Senhor» (Lc 4, 18-19). Podemos constatar que «a vida de Jesus era essencialmente missão a partir da sua unção ou

---

<sup>66</sup> BIFET, J. E. – *Teologia de la evangelizacion*, p. 4.

<sup>67</sup> BOSCH, D. J. – *Dynamique de la mission chrétienne*, p. 42.

<sup>68</sup> SENIOR, D. – STUHLMUELLER, C. – *Biblia y Mision*, p. 388.

<sup>69</sup> Cf. PAULUS PP. VI – “Adhortatio Apostolica Evangelii Nuntiandi”, n° 10.

<sup>70</sup> SENIOR, D. – STUHLMUELLER, C. – *Biblia y Mision*, p. 321.

consagração. Cristo, ‘o ungido’ (Messias), tinha recebido a unção de profeta, sacerdote e rei. A unção era para o anúncio da Boa Nova, para imolar-se ‘pelo Espírito’ de amor e para estender seu Reino de justiça e de paz a todos os povos»<sup>71</sup>.

Jesus não foi apenas enviado mas também enviante.<sup>72</sup> «A mesma missão trinitária, da qual Jesus é portador, enquanto Filho enviado pelo Pai, é a que comunica aos seus apóstolos, para que possam transformar toda a humanidade, introduzindo-a na vida de Deus Amor»<sup>73</sup>. Jesus envia os apóstolos, a partir da sua condição de enviado: «assim como o Pai me enviou, também Eu vos envio a vós» (Jo 20, 21). Com os Apóstolos, Jesus envia-nos a todos, enquanto batizados e inspirados pelo Espírito Santo, a dar continuidade à Sua missão, para que a vontade do Pai, de unir a Si a todos os homens por Cristo, seja uma realidade. No entanto, há aqueles que têm uma vocação especial para essa tarefa. Nesse sentido diz-nos o número 23 da AG:

«embora a todo o discípulo de Cristo incumba a obrigação de difundir a fé conforme as suas possibilidades, Cristo Senhor chama sempre dentre os discípulos os que Ele quer para estarem com Ele e os enviar a evangelizar os povos. E assim, mediante o Espírito Santo, que para utilidade comum reparte os carismas como quer, inspira no coração de cada um a vocação missionária e ao mesmo tempo suscita na Igreja Institutos, que assumem, como tarefa própria, o dever de evangelizar, que pertence a toda a Igreja» (AG 23).

Jesus Cristo é também a própria mensagem, a própria “Boa Nova”, isto porque Ele é a «autorrevelação definitiva de Deus»<sup>74</sup>. É de notar que, «sendo Ele a ‘Boa Nova’, então, em Cristo há identidade entre mensagem e mensageiro, entre o dizer, o fazer e o ser. A força e o segredo da eficácia da Sua ação residem na total identificação com a mensagem que anuncia: proclama a ‘Boa Nova’ não só por aquilo que diz ou faz, mas também pelo que é»<sup>75</sup>. Jesus Cristo, enviado do Pai, salvador e redentor universal, é fundamento da missão e centro do plano divino da salvação. É da fé em Jesus que nasce a missão universal da Igreja, guiada pelo mesmo Espírito que guiou Cristo<sup>76</sup>.

---

<sup>71</sup> BIFET, J. E. – *Teologia de la evangelizacion*, p. 10.

<sup>72</sup> Cf. COUTO, A. – *Fundamentação bíblica da missão*, p. 39.

<sup>73</sup> BIFET, J. E. – *Teologia de la evangelizacion*, p. 87.

<sup>74</sup> IOANNES PAULUS PP. II – “Litterae Encyclicae Redemptoris Missio”, nº 5. *In AAS* 83 (1991), pp. 249-340.

<sup>75</sup> IOANNES PAULUS PP. II – “Litterae Encyclicae Redemptoris Missio”, nº 13.

<sup>76</sup> Cf. IOANNES PAULUS PP. II – “Litterae Encyclicae Redemptoris Missio”, nº 4 e 6.

## 5.2. A missão do Espírito Santo

Falar da missão do Espírito Santo é falar do protagonismo que Ele tem na execução da vontade de Deus Pai desde a criação e, de modo particular, em toda a missão da Igreja. O Espírito de Deus que pairava sobre as águas (cf. Gn 1, 2) acompanhou e acompanha, ao longo de todos os tempos, todos aqueles que procuram dar a conhecer a vontade de Deus.

«No ápice da missão messiânica de Jesus, o Espírito Santo aparece-nos, no mistério pascal, em toda a Sua subjetividade divina, como Aquele que deve continuar agora a obra salvífica, radicada no sacrifício da cruz. Esta obra, sem dúvida, foi confiada aos homens: aos Apóstolos e à Igreja. No entanto, nestes homens e por meio deles, o Espírito Santo permanece o sujeito protagonista transcendente da realização dessa obra, no espírito do homem e na história do mundo»<sup>77</sup>.

Lembram-nos os padres conciliares que:

«o Espírito Santo é quem ‘unifica na comunhão e no ministério, e enriquece com diversos dons hierárquicos e carismáticos’ toda a Igreja através dos tempos, dando vida às instituições eclesiais, sendo como que a alma delas, e instalando nos corações dos fiéis aquele mesmo espírito de missão que animava o próprio Cristo. Por vezes precede visivelmente a acção apostólica, como também incessantemente a acompanha e dirige de vários modos» (AG 4).

Os Atos dos Apóstolos dão-nos conta de uma estreita e íntima relação entre o Espírito Santo e os Apóstolos, que testemunham a Cristo pela ação e força do Espírito Santo que lhes foi comunicado no dia de Pentecostes, realização da promessa de Cristo do envio do Espírito Santo e da sua presença no meio de nós (cf. Jo 14, 26; Lc 24, 48-49; Mt 28, 20). Pentecostes «marca o dia 1 da Igreja que contará sempre com a sua força, luz e coragem, levando os apóstolos pelos caminhos do mundo a anunciar o Evangelho»<sup>78</sup>. Portanto, «o Pentecostes e a missão são indissolúvelmente articulados entre eles»<sup>79</sup>. E vemos que Cristo, «antes de dar livremente a sua vida pelo mundo, de tal maneira dispôs

---

<sup>77</sup> IOANNES PAULUS PP. II – “Litterae Encyclicae Redemptoris Missio”, nº 21.

<sup>78</sup> NEVES, T. – “O Espírito Santo, protagonista da Missão”. In *Missão, urgência e prioridade. Jornadas Missionárias Nacionais*. Ed. OMP: Lisboa 2011, p. 457.

<sup>79</sup> BOSCH, D. J. – *Dynamique de la mission chrétienne*, p. 57.

o ministério apostólico e de tal forma prometeu enviar o Espírito Santo, que a ambos associava na tarefa de levar a cabo sempre e em toda a parte a obra da salvação» (AG 4).

O Espírito Santo, o operante da missão, impulsiona à missão, isto é, torna a Igreja missionária, antecede a missão, como nos mostra Act 10, e é o garante da eficácia da missão<sup>80</sup>, pois

«as técnicas da evangelização são boas, obviamente; mas, ainda as mais aperfeiçoadas não poderiam substituir a ação discreta do Espírito Santo. A preparação mais apurada do evangelizador nada faz sem Ele. De igual modo, a dialética mais convincente, sem Ele, permanece impotente em relação ao espírito dos homens. E, ainda, os mais bem elaborados esquemas com base sociológica e psicológica, sem Ele, em breve se demonstram desprovidos de valor»<sup>81</sup>.

Sem o Espírito Santo, «Deus fica muito longe; Cristo permanece no passado; o Evangelho é letra morta; a Igreja, uma simples organização: a Autoridade, despotismo; a Missão, uma forma de propaganda: o Culto, uma simples cerimónia; e a Vida cristã, uma moral de escravos»<sup>82</sup>. Logo, a missão da Igreja realiza-se mediante a graça e a caridade do Espírito Santo, «alma da Igreja evangelizadora»<sup>83</sup>. Assim sendo, temos verdadeiramente de ser “evangelizadores com espírito”, como nos diz o Papa Francisco, para que a nossa ação e palavras sejam de acordo com o mandato de Cristo e para que a nossa vivência missionária não seja «um conjunto de tarefas vividas como uma obrigação pesada que quase não se tolera, ou se suporta como algo que contradiz as nossas próprias inclinações e desejos»<sup>84</sup>, mas uma autêntica realização do Evangelho, a que somos chamados a dar testemunho, que é também função do Espírito Santo (cf. Jo 15, 26).

Para sermos verdadeiras testemunhas temos de estar conscientes de que «é necessária uma decidida confiança no Espírito Santo que ‘vem em auxílio da nossa fraqueza’»<sup>85</sup>, pois, caso contrário, só pelas nossas forças e capacidades ficamos muito

---

<sup>80</sup> Cf. IOANNES PAULUS PP. II – “Litterae Encyclicae Redemptoris Missio”, nº 26-27; PAULUS PP. VI – “Adhortatio Apostolica Evangelii Nuntiandi”, nº 75.

<sup>81</sup> PAULUS PP. VI – “Adhortatio Apostolica Evangelii Nuntiandi”, nº 75.

<sup>82</sup> NEVES, T. – “O Espírito Santo, protagonista da Missão”, p. 469.

<sup>83</sup> FRANCISCUS PP. – “Adhortatio Apostolica Evangelii Gaudium”, nº 261.

<sup>84</sup> FRANCISCUS PP. – “Adhortatio Apostolica Evangelii Gaudium”, nº 261.

<sup>85</sup> FRANCISCUS PP. – “Adhortatio Apostolica Evangelii Gaudium”, nº 280.

aqueém do que nos é proposto e requerido, até porque «o Espírito-Paráclito torna Cristo mais presente, mais compreensível, mais transformador»<sup>86</sup>.

Podemos concluir que toda a ação salvífica se realiza sob a inspiração e guia do Espírito Santo, sem a qual a missão da Igreja se torna inviável, até mesmo, impossível, pois, «Ele é aquele que dirige, organiza, e dá a força de testemunhar com coragem, entusiasmo e audácia, une e quebra as barreiras culturais, elimina as intolerâncias e discriminações tribais e, finalmente, encoraja à abertura à universalidade»<sup>87</sup>. Acreditamos e esperamos na realização do Reino de Deus, um reino de justiça e de amor, onde Cristo é tudo em todos, pois «estamos confiantes na inspiração e na força do Espírito que nos ensinará o que devemos dizer e o que devemos fazer, mesmo nas circunstâncias mais difíceis»<sup>88</sup> da vida da Igreja, que somos nós, Povo de Deus.

### 5.3. A missão da Igreja

«A Trindade de Deus Amor é a origem da missão e do mandato missionário que Cristo confiou à sua Igreja. Por isso, ‘a índole missionária da Igreja’ está ‘baseada dinamicamente na mesma missão trinitária’»<sup>89</sup>. A igreja é o eleito em que Deus faz confiança «ao ponto de deixar nas mãos do eleito o seu projecto de bênção-salvação para todos»<sup>90</sup>. Portanto, «a missão do Filho e do Espírito, da parte do Pai, é a fonte constitutiva e original da missão da Igreja, que prolonga esta mesma missão por mandato de Cristo e pela comunicação do Espírito Santo. A fonte da missão é, pois, a realidade profunda de Deus, isto é, sua economia salvífica trinitária»<sup>91</sup>, que Cristo nos apresenta. E da fé em Cristo, que revela e realiza a vontade do Pai de forma singular, nasce a missão, que não é uma simples função, como bem entenderam os primeiros cristãos, mas a alma, a expressão fundamental da vida da Igreja<sup>92</sup>. A Igreja estará em coerência com Jesus e na direção do seu próprio futuro, na medida em que se lança na missão universal.

---

<sup>86</sup> SENIOR, D. – STUHLMUELLER, C. – *Biblia y Mision*, p. 392

<sup>87</sup> KAYEMBE, C. M. – *La confirmation comme sacrement pour la mission*. Dissertação final sob orientação de Prof. Doutor António Abel Rodrigues Canavarro, Porto 2014, p. 60.

<sup>88</sup> WUEL, W. D. – *La vocation essentielle de l’Eglise à l’evangelisation*. In *DC*, 2501 (2012), p. 1036.

<sup>89</sup> BIFET, J. E. – *Teologia de la evangelizacion*, p. 85

<sup>90</sup> COUTO, A. – *Fundamentação bíblica da missão*, p. 26.

<sup>91</sup> BIFET, J. E. – *Teologia de la evangelizacion*, p. 93.

<sup>92</sup> BOSCH, D. J. – *Dynamique de la mission chrétienne*, p. 28.

Cristo chamou a Si homens com quem partilhou a vida e enviou-os a pregar. Antes de subir ao Céu, fundou a sua Igreja como sacramento de salvação e enviou os seus Apóstolos a todo o mundo tal qual Ele também tinha sido enviado pelo Pai, dando-lhes este mandato: «Ide, pois, fazei discípulos de todas as nações, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-as a cumprir tudo quanto vos prescrevi» (Mt 28, 19-20). É este mandato que a Igreja herdou dos apóstolos e tem o dever de cumprir esta missão, sabendo que cabe primeiramente aos Bispos, em união com o sucessor de Pedro e ajudados pelos presbíteros. A missão da Igreja realiza-se pois, mediante a atividade pela qual, obedecendo ao mandamento de Cristo e movida pela graça e pela caridade do Espírito Santo, se torna atual e plenamente presente a todos os homens ou povos para os conduzir à fé, liberdade e paz de Cristo, não só pelo exemplo de vida e pela pregação, mas também pelos sacramentos e pelos restantes meios da graça. De tal forma que lhes fique bem aberto, livre e seguro o caminho para participarem plenamente no mistério de Cristo (cf. AG 5).

A missão é intrínseca à Igreja visto que é segundo o desígnio de Deus Pai, na missão do Filho e do Espírito Santo. O dever missionário vem desde os apóstolos e é um mandato do fundador da própria Igreja. A Igreja não teria existência se não fosse missionária. Ela não pode ficar de consciência tranquila se não cumprir este seu dever. Deve fazer suas as palavras de São Paulo: «se eu anuncio o Evangelho, não é para mim motivo de glória, é antes uma obrigação que me foi imposta: ai de mim, se eu não evangelizar! Se o fizesse por iniciativa própria, mereceria recompensa; mas, não sendo de maneira espontânea, é um encargo que me está confiado» (1Co 9, 16-17), pois,

«Evangelizar constitui, de fato, a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade. Ela existe para evangelizar, ou seja, para pregar e ensinar, ser o canal do dom da graça, reconciliar os pecadores com Deus e perpetuar o sacrifício de Cristo na santa missa, que é o memorial da sua morte e gloriosa ressurreição. (...) Nela, a vida íntima, vida de oração, ouvir a Palavra e o ensino dos apóstolos, caridade fraterna vivida e fracção do pão, não adquire todo o seu sentido senão quando ela se torna testemunho, a provocar a admiração e a conversão e se desenvolve na pregação e no anúncio da Boa Nova. Assim, é a Igreja toda que recebe a missão de evangelizar, e a atividade de cada um é importante para o todo»<sup>93</sup>.

---

<sup>93</sup> PAULUS PP. VI – “Adhortatio Apostolica Evangelii Nuntiandi”, nº 14.

A igreja, que é «sacramento universal de salvação» (LG 48), procura incansavelmente anunciar o Evangelho a todos os homens. É chamada a ser sal da terra e luz do mundo, sobretudo nos dias de hoje, para que tudo seja instaurado em Cristo e n'Ele os homens constituam uma só família e um só Povo de Deus. Deus, no seu amor, chama os homens a participar na sua vida, a estar em comunhão com Ele. Por isso, a Igreja tem que dar a conhecer este chamamento para a glória de Deus e para a felicidade dos homens (cf. AG 2).

Assim como os apóstolos fizeram, a Igreja, movida pelo Espírito Santo continua a mesma missão, deve seguir o mesmo caminho de Cristo: o caminho da pobreza, da obediência, do serviço e da imolação própria até à morte, morte de que Ele saiu vencedor pela sua ressurreição.

O Espírito Santo, enviado por Cristo da parte do Pai, realiza no interior das almas a obra salvadora de Cristo e impele a Igreja à sua realização. Como foi referido anteriormente,

«o Espírito Santo é quem ‘unifica na comunhão e no ministério, e enriquece com diversos dons hierárquicos e carismáticos’ toda a Igreja através dos tempos, dando vida às instituições eclesíásticas, sendo como que a alma delas, e instalando nos corações dos fiéis aquele mesmo espírito de missão que animava o próprio Cristo. Por vezes precede visivelmente a ação apostólica, como também incessantemente a acompanha e dirige de vários modos» (AG 4).

Podemos concluir que a Igreja foi querida por Deus e instituída por Cristo, para ser, na plenitude dos tempos, sinal e instrumento do plano divino de salvação (cf. LG 1) e não pode existir se não é missionária. A Igreja é a enviada de Cristo que, guiada pelo Espírito Santo, transmite a mensagem do amor de Deus para com os homens. Animada pelo Espírito Santo anuncia ao homem que a promessa feita aos nossos pais, Deus a cumpriu em Jesus Cristo seu Filho e nosso salvador.

Se, no Antigo Testamento, a missão divina de salvação é dirigida primeiramente a Israel, com a vida, morte e ressurreição de Jesus, apresentada no Novo Testamento, que dá início a uma nova era, a graça de Deus oferece-se a todos. Deus manifesta o seu desejo explícito de salvar todos os povos, daí a necessidade, a urgência e a obrigação da Igreja

em dar a conhecer a todos essa graça, «pois cada pessoa é digna da nossa dedicação não pelo seu aspeto físico, suas capacidades, sua linguagem, sua mentalidade ou pelas satisfações que nos pode dar, mas porque é obra de Deus, criatura sua»<sup>94</sup>. Apesar de todos serem chamados e convidados a acolher e viver, segundo a graça oferecida por Deus, o anúncio da salvação não deve ser «como quem impõe uma nova obrigação, mas como quem partilha uma alegria, indica um horizonte estupendo, oferece um banquete apetecível»<sup>95</sup>.

Ao terminar este primeiro capítulo do nosso trabalho é de realçar o seguinte:

- A missão é transversal a toda a Bíblia e encontra nela o seu fundamento e razão de ser. No Antigo Testamento, destaca-se o envio dos profetas e a eleição de um povo, o povo de Israel, para testemunhar o amor de Deus que acompanha o homem na sua história. No Novo Testamento destaca-se a entrada de Deus na história humana fazendo-se homem e consumando todo o seu plano salvífico em seu Filho, Jesus Cristo, na força do Espírito Santo. Destaca-se também o testemunho de Cristo que, pela palavra e pelas obras, manifesta a sua missão e envia os Apóstolos, para que, com as graças do Espírito Santo, fruto do amor do Pai e do Filho, deem continuidade à sua missão;
- A identificação de Cristo com a missão, pois a sua vida, palavras e obras, espelha e testemunha a sua missão. Há uma coerência de vida, a que somos também chamados, que é a força da missão, e que nos permite dizer com Cristo: «Se não faço as obras do meu Pai, não acrediteis em mim; mas se as faço, embora não queirais acreditar em mim, acreditai nas obras, e assim vireis a saber e ficareis a compreender que o Pai está em mim e Eu no Pai» (Jo 10, 37-38);
- A interligação/indissolubilidade/comunhão entre a missão de Jesus, a missão do Espírito Santo e a missão da Igreja que tem sua fonte e razão de ser no desejo salvífico de Deus Pai.

---

<sup>94</sup> FRANCISCUS PP. – “Adhortatio Apostolica Evangelii Gaudium”, n° 274.

<sup>95</sup> FRANCISCUS PP. – “Adhortatio Apostolica Evangelii Gaudium”, n° 14.



## Capítulo II

### A missão *Ad Gentes* e a Nova Evangelização

A Igreja, ao longo dos tempos, não esqueceu o seu caráter missionário e procurou sempre exercer a sua missão, com mais ou menos intensidade, acentuando um ou outro aspecto, usando um ou outro método, mas tentando sempre seguir o seu fundador, Cristo, para que a vontade divina se realize. Mas a tarefa evangelizadora da Igreja não é desempenhada da mesma forma em todos os sítios nem em todos os tempos. Várias são as realidades que requerem o exercício evangelizador da Igreja, por palavras e obras, que vá ao encontro das mesmas. O Papa São João Paulo II, na sua encíclica *Redemptores Missio*, tendo por base a própria AG, apresenta-nos três realidades da evangelização da Igreja, que se distinguem, não nas motivações inerentes à missão em si, mas nas diversas circunstâncias onde ela se exerce: “a Nova Evangelização” que se realiza, em particular, nos países de antiga tradição cristã ou nas jovens igrejas, onde há pessoas batizadas mas que não vivem a sua fé, levando uma vida distante de Cristo e do seu Evangelho; “a missão *Ad Gentes*” destinada aos povos, grupos humanos e contextos socioculturais que não conhecem Cristo nem o seu Evangelho, ou, por vezes, mal o ouviram. É um contexto de primeira evangelização; por fim, “pastoral de aprofundamento e de formação permanente”, destinada às comunidades que têm uma fé bastante amadurecida e algum compromisso de vida cristã, testemunhando o Evangelho nos seus meios e sentindo o compromisso missionário universal<sup>96</sup>.

Neste trabalho iremos refletir sobre as duas primeiras realidades, isto é, sobre a Nova Evangelização e sobre a Missão *Ad Gentes*.

Portanto, depois de vermos os fundamentos da missão e como ela nunca pode ser posta de lado pela Igreja ou em segundo plano, pois estaria a pôr de parte o seu próprio ser, veremos os caminhos que o Concílio Vaticano II abriu para a missão – que tem uma repercussão grave sobre a conceção da missão nos nossos dias –, dando um novo “ar” à tarefa evangelizadora da Igreja e sublinhando o dever e a importância de todos os cristãos no desempenho desta tarefa. Tentaremos também perceber de que trata a missão *Ad Gentes* e a Nova Evangelização.

---

<sup>96</sup> Cf. IOANNES PAULUS PP. II – “Litterae Encyclicae Redemptoris Missio”, n° 33.

## 1. A Missão a partir do Concílio Vaticano II

Seria interessante se fizéssemos uma resenha histórica da evolução da compreensão e da execução da missão ao longo dos tempos, mas isso não nos é possível, pois tornaria o nosso trabalho muito longo e pensamos não ser indispensável para a compreensão do que pretendemos. Neste sentido, vamos restringir-nos à compreensão da missão a partir do Concílio, que «não somente dá um novo impulso a uma tradição missionária de vinte séculos, mas tomou conhecimento de uma série de mudanças relativas à nossa época e deu-os a conhecer a toda a Igreja»<sup>97</sup>. Também abre novos caminhos para a realização da missão, nas suas mais variadas dimensões, que os Papas Paulo VI, no *Evangelii Nuntiandi*, e São João Paulo II, na *Redemptoris Missio*, exploram e concretizam.

A reflexão missionária no Concílio não é algo que apareceu do nada ou fruto do acaso, ou até do próprio momento do Concílio em si. Como em todos os documentos do Concílio, uns mais do que outros, houve toda uma preparação e vários acontecimentos que levaram à reflexão final<sup>98</sup>. E toda a reflexão missiológica tem por base uma eclesiologia e a própria realidade social. A Igreja, consciente do seu dever missionário, procurou sempre, da melhor forma, responder ao apelo missionário, olhando para a própria realidade humana. Antecedido por vários documentos – *Maximum illud*, de Bento XV, *Rerum ecclesiae*, de Pio XI, *Evangelii praecones et Fidei donum*, de Pio XII – que dão conta da preocupação em renovar o alento missionário da Igreja, questionado sobre o objetivo da missão<sup>99</sup>, e não só, o Concílio olhou para a missão da Igreja, não como algo secundário ou colateral, mas como fundamental e transversal a todas as dimensões eclesiológicas. Assim, em todos os documentos podemos encontrar a semente da missão da Igreja e, a partir da sua eclesiologia, que rompe com o modelo triangular da Igreja, o Concílio evidencia a natureza missionária da Igreja que só se realiza enquanto tal, isto é, na medida em que corresponde ao desígnio fundador e obedece ao seu Senhor. O Concílio evidencia e recorda o fundamento trinitário da missão. Fala-nos da “*Missio Dei*”, mostrando que é do amor sem limite de Deus, que chama a si todos os homens através da Igreja, sacramento universal da salvação, que nasce a missão da Igreja, continuadora da

---

<sup>97</sup>THION, P. – “Des missions à la mission”, in *NRT* 107, Faculté de Théologie de la Compagne de Jésus: Bruxelles 1985, p. 522.

<sup>98</sup> Cf. NUNES, J. – *Teologia da Missão*, p. 51.

<sup>99</sup>THION, P. – “Des missions à la mission”, p. 523.

missão de Cristo, pela ação do Espírito Santo (cf. LG 1, 17; AG 1-5). O Concílio aplica a clássica conceção de “*Missio Dei*”, como envio do Filho pelo Pai e do Espírito Santo pelo Pai e pelo Filho, ao envio da Igreja pela Santíssima Trindade, mostrando que a missão tem nela a origem e o fim, sendo o próprio Deus o agente e o protagonista<sup>100</sup>.

Apresentando a Igreja como povo de Deus, onde todos têm um lugar e são necessários, o Concílio procurou tornar a Igreja mais adaptada à realidade dos novos tempos, sem perder o seu âmago, para que o próprio Evangelho evidencie a sua pertinência hoje e sempre<sup>101</sup>. Reconhece o fundamento missionário da Igreja, pois esta nasce da missão, vive mediante a Boa Nova que deve proclamar imperativamente, devido ao mandato recebido do seu fundador e por ser comunidade de graça e salvação<sup>102</sup>. Apresenta-nos também a supremacia e a relevância do Espírito Santo na realização e missão da Igreja, que só pode existir e prosseguir o seu caminho de seguimento ao seu fundador na força do Espírito, que não agiu somente na Igreja primitiva mas também no nosso tempo, considerado o tempo privilegiado do Espírito<sup>103</sup>. Diz-nos AG 5: «a missão da Igreja realiza-se, pois, mediante a actividade pela qual, obedecendo ao mandamento de Cristo e movida pela graça e pela caridade do Espírito Santo, ela torna-se actual e plenamente presente a todos os homens ou povos para os conduzir à fé, liberdade e paz de Cristo».

Na LG 18-29 e no decreto *Christus Dominus* (CD) o concílio apresenta-nos o papel dos bispos, que «recebem do Senhor, a quem foi dado todo o poder no céu e na terra, a missão de ensinar todos os povos e de pregar o Evangelho a toda a criatura, para que todos os homens se salvem pela fé, pelo Baptismo e pelo cumprimento dos mandamentos» (LG 24). Mostrando a sua proveniência a partir dos Apóstolos, sendo seus sucessores, o que os obriga, *a priori*, a perpetuar a obra da salvação, sob a ação do Espírito Santo, confiada aos Apóstolos (cf. AG 1), apresenta-nos o papel *sine qua non* dos bispos no cumprimento da missão evangelizadora da Igreja e a necessidade destes estarem em união com o sucessor de Pedro, o bispo de Roma.

---

<sup>100</sup> Cf. ZORN, J. F. – “Mission (Missio Dei)”, in *Dictionnaire œcuménique de missiologie*. Cerf: Paris 2001, p. 217.

<sup>101</sup> Cf. THION, P. – “Des missions à la mission”, p. 527

<sup>102</sup> Cf. MARTINS, J. S. – *Ide e annunciai. Fundamentos e desafios da missão hoje*. Paulus Ed.: Lisboa 2008, pp. 114-116.

<sup>103</sup> Cf. MARTINS, J. S. – *Ide e annunciai*, p. 75.

Reconhecendo a importância dos bispos, pastores das igrejas locais<sup>104</sup>, o Concílio reconheceu não só a preponderância destes na realização da missão da Igreja, que é inerente ao seu múnus, mas também o papel de cada igreja local, conseqüentemente dos seus fiéis (cf. AG 21), particularmente dos catequistas (cf. AG 17), no cumprimento da missão de toda a Igreja, que só será possível na medida em que cada uma das igrejas locais, encabeçadas pelos seus pastores, se consciencializarem e cumprirem o seu dever missionário. Diz-nos AG 20:

«A igreja particular, pela obrigação que tem de representar o mais perfeitamente possível a Igreja universal, deve ter consciência que foi também enviada aos habitantes do mesmo território que não crêem em Cristo, a fim de ser, pelo testemunho da vida de cada um dos fiéis e de toda a comunidade, um sinal a mostrar-lhes Cristo».

Assim, o Concílio reconhece o dever de todos, cada um a seu modo e de acordo com a sua função, na realização da obra da salvação. Contudo, ressalva a vocação missionária especial daqueles que são chamados a uma vida de total doação à atividade missionária:

«Embora a todo o discípulo de Cristo incumba a obrigação de difundir a fé conforme as suas possibilidades, Cristo Senhor chama sempre dentre os discípulos os que Ele quer para estarem com Ele e os enviar a evangelizar os povos. E assim, mediante o Espírito Santo, que para utilidade comum reparte os carismas como quer, inspira no coração de cada um a vocação missionária e ao mesmo tempo suscita na Igreja Institutos, que assumem, como tarefa própria, o dever de evangelizar, que pertence a toda a Igreja».

Continua:

«De facto, são marcados com vocação especial aqueles que, dotados de índole natural conveniente e das qualidades e talentos requeridos, estão prontos para empreender o trabalho missionário, quer sejam nativos quer estrangeiros: sacerdotes, religiosos e leigos. Enviados pela legítima autoridade, partem, movidos pela fé e obediência, para junto dos que estão longe de Cristo, escolhidos para uma obra à qual foram destinados como ministros do Evangelho, ‘a fim de que a oblação dos gentios seja aceite e santificada no Espírito Santo’» (AG 23).

---

<sup>104</sup>Aqui “igreja local” é sinónimo de “igreja particular”.

O Concílio apresenta-nos também dimensões e metodologias importantes a ter em conta no exercício da atividade missionária da Igreja, tais como: o diálogo da Igreja com a cultura, respeitando-a e apresentando coisas novas capazes de dar mais sentido à própria cultura. Reconhece que a missão da Igreja é diálogo com a cultura, que é legitimamente, em certa medida, autônoma da religião da Igreja, no entanto, o Evangelho, através dos cristãos, tem sempre algo de novo a dar ao mundo, à cultura do homem de hoje (cf. GS 58-59). Convida as Igrejas nascentes a tomarem «dos costumes e das tradições dos seus povos, da sabedoria e da doutrina, das artes e das disciplinas, tudo aquilo que pode contribuir para confessar a glória do criador, ilustrar a graça do Salvador, e ordenar, como convém, a vida cristã» (AG 22); o diálogo com as outras religiões, nas quais reconhece «elementos de verdade e de graça» (AG 9), «sementes do Verbo» (AG 11;15), «coisas verdadeiras e boas» (OT 16), «coisas preciosas, religiosas e humanas» (GS 92), «gérmenes de contemplação» (AG 18), «raios da verdade que ilumina a todos os homens» (NA 2). Contudo, não põe de lado, nem em causa a necessidade da Igreja para a salvação, como nos mostra AG 7, ao falar da necessidade da atividade missionária da Igreja; o trabalho em colaboração com os leigos que devem ser formados (cf. AG 17; 21); a cooperação entre os vários agentes da missão e institutos missionários (cf. AG 35-41); a espiritualidade e formação moral, espiritual, doutrinal e apostólica, do missionário, que deve estar em estrita união com Cristo e com a sua palavra; a promoção humana que passa pelo assumir de alegrias e tristezas (cf. GS 1) de cada ser humano, lutando pela justiça social e sendo a voz dos “sem voz nem vez”; e o testemunho de vida, em que convida os cristãos, sobretudo os missionários, a aproximarem-se dos destinatários da missão com respeito e amor e que «participem na vida cultural e social através dos vários intercâmbios e problemas da vida humana; familiarizem-se com as suas tradições nacionais e religiosas; façam assomar à luz, com alegria e respeito, as sementes do Verbo nelas adormecidas» (AG 11).

Apesar da sua ambiguidade, como alguns afirmam, não deixa de ser um documento que rompe, de certa forma, com as antigas concepções da missão e que chama a Igreja a tomar consciência de algo que faz parte da sua essência, ou seja, que é ontológico-constitutivo e um dever de todos os cristãos, particularmente dos bispos, sucessores dos apóstolos, e que urge de necessidade, pois «viver a fé na Igreja e propô-la a outras pessoas, como uma força real de conversão e de transformações pessoais e sociais, não é nenhum assunto privado, mas um compromisso que faz com que se

participe no mistério da salvação, no acolhimento e na comunicação do dom de Deus para a vida do mundo»<sup>105</sup>.

Como veremos mais à frente, as várias dimensões da missão, presentes nos textos do Concílio, particularmente, no AG, são aprofundados e concretizados no *Evangelii Nuntiandi*, que fala da “evangelização” em vez de “missão”, apresentando-a como «uma diligência complexa, em que há variados elementos: renovação da humanidade, testemunho, anúncio explícito, adesão do coração, entrada na comunidade, aceitação dos sinais e iniciativas de apostolado. Estes elementos (...) são complementares e reciprocamente enriquecedores uns dos outros»<sup>106</sup>; e na *Redemptoris Missio*, que sublinha a importância do critério geográfico da missão e do diálogo, que será aprofundado no documento a seguir, *Diálogo e Anúncio*<sup>107</sup>, e a atualidade da missão *Ad Gentes*.

Ambos os documentos mostram a pertinência, a atualidade e a urgência da missão, pois, para além de alguns acharem, erradamente, que o Concílio ao falar de “missão” e não de “missões” «falou apenas da natureza missionária da Igreja e não se preocupou nem se pronunciou sobre o concreto da actividade missionária nos seus espaços próprios e nos seus agentes [os missionários]»<sup>108</sup>, caiu-se no erro de que «tudo é missão, pode e deve ser-se missionário em qualquer lugar, todos os cristãos são missionários, os missionários estrangeiros devem até ‘demitir-se’ [abandonar as terras de missão]»<sup>109</sup>. Isto, pelo facto de o Concílio reconhecer a possibilidade da salvação por outros meios que não a Igreja, o que não significa que a Igreja é facultativa para a salvação, como bem mostrou ao retomar a conhecida expressão “fora da Igreja não há salvação” mas dando-lhe outro sentido; reconhecer as «sementes do Verbo» (AG 11;15) presentes nas outras religiões; apelar à consciência de todos ao dever missionário. E, como consequência, houve um afrouxamento da atividade missionária *Ad Gentes*<sup>110</sup>.

Perante o facto de haver, ainda hoje, muita gente que não tem conhecimento de Cristo ou mal ouviu falar d’Ele, a Igreja reafirma a necessidade, a urgência e a atualidade

---

<sup>105</sup> CONFERÊNCIA EPISCOPAL FRANCESA – propostas de fé para a sociedade atual. I servidores e testemunhas da fé, p. 35.

<sup>106</sup> PAULUS PP. VI – “Adhortatio Apostolica Evangelii Nuntiandi”, nº 24.

<sup>107</sup> Cf. COULON Paul, “La mission Chrétienne de Vatican II à aujourd’hui. Jalons historiques du côté catholique”, in *Histoire et Missions Chrétiennes*, 1 (Mars 2007), p. 112.

<sup>108</sup> NUNES, J. – *Teologia da Missão*, p. 49.

<sup>109</sup> NUNES, J. – *Teologia da Missão*, p. 50.

<sup>110</sup> Cf. IOANNES PAULUS PP. II – “Litterae Encyclicae Redemptoris Missio”, nº 2.

da missão *Ad Gentes* e chama a atenção, ela que não ignora a «evolução do género humano» (GS 44), para uma nova realidade missionária, a Nova Evangelização.

Tentaremos agora perceber, com base nos vários documentos da Igreja e outros documentos, estas duas realidades que manifestam pontos comuns e que apelam a uma maior autenticidade de vida cristã de toda a Igreja.

## **2. Missão *Ad Gentes* e Nova Evangelização: semelhanças e diferenças**

Baseada no mandato de Cristo, «Ide por todo o mundo» (Mc 16, 15) e na vontade divina que «quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade» e no facto de haver «um só Deus, e um só que é mediador de Deus e dos homens, o homem Cristo Jesus, que se deu a si mesmo como preço de resgate por todos» (1Tim 2, 4-6), a atividade evangelizadora da Igreja, que constitui o âmago, a essência e a vitalidade da mesma, apresenta características, objetivos e métodos, que embora comuns a toda a evangelização, se adaptam às diferentes realidades<sup>111</sup>, para que vá ao encontro de cada homem, a cada cultura. Assim, a missão *Ad Gentes* e a Nova Evangelização, tendo como objetivo dar Cristo a conhecer e a vivência efetiva da fé, apresentam, como se presume, diferenças mas também semelhanças, mesmo se destinadas a realidades diferentes. Vejamos essas duas realidades da evangelização que se afirmam graves para a Igreja de hoje.

### **2.1. Missão *Ad Gentes***

A alegria que nos vem da vida enraizada em Cristo e na alegria do seu Evangelho, a que ninguém é excluído<sup>112</sup>, é algo de contagiante que não se pode esconder nem guardar para si. A necessidade e obrigação da partilha da “alegria do Evangelho”, ou seja, de dar a conhecer «a manifestação ou epifania dos desígnios de Deus e a sua realização no mundo e na sua história, na qual Deus, pela missão, manifestamente vai tecendo a história da salvação» (AG 9), advém, como já foi dito, do próprio Evangelho e do dever que temos

---

<sup>111</sup> Cf. IOANNES PAULUS PP. II – “Litterae Encyclicae Redemptoris Missio”, nº 31 e AG 6.

<sup>112</sup> Cf. FRANCISCUS PP. – “Adhortatio Apostolica Evangelii Gaudium”, nº 1-2.

para com os outros, aos quais e pelos quais também Cristo veio ao mundo e quer salvar. Consciente disso, a Igreja desde a sua origem, e São Paulo nos confirma isso mesmo ao manifestar nas suas cartas a preocupação em evangelizar os gentios, preocupando-se em anunciar aos não cristãos a mensagem salvadora de Cristo, faz da missão o “coração” de toda a sua atividade evangélica. No entanto, devido a dificuldades internas e externas, fruto, entre outras, de uma má interpretação/compreensão de algumas afirmações e teorias do Concílio Vaticano II, que, entre outras, chama e realça o dever missionário de todos os cristãos, houve um afrouxamento em relação à missão *Ad Gentes*<sup>113</sup>, que é «a tarefa mais especificamente missionária que Jesus confiou e continua quotidianamente a confiar à Sua Igreja»<sup>114</sup>. Há também uma certa imprecisão do vocabulário, isto é, uma certa confusão no uso dos termos “evangelização”, “missão” e “missões”, que felizmente hoje foi ultrapassada, que contribuiu também para o afrouxamento:

«esta imprecisão no vocabulário, usando-se muitas vezes distintos termos para falar da mesma realidade, que provocou no espírito de não poucos cristãos e até agentes evangelizadores alguns pronunciamentos deste género: tudo é missão... pode e deve ser-se missionário em qualquer lugar... todos os cristãos são missionários... os missionários estrangeiros devem até ‘demitir-se’ (abandonar as terras de missão)»<sup>115</sup>.

Este facto, o afrouxamento, constitui uma preocupação para a Igreja, dada a importância da missão *Ad Gentes* na sua vida, sendo que, ao longo da história da Igreja, a pujança missionária foi sempre sinónimo da vitalidade eclesial, assim como a frouxidão sinal de crise de fé<sup>116</sup>. São João Paulo II, consciente desse facto, que afetou a Igreja sobretudo nos anos que se seguiram ao Concílio Vaticano II, chamou a atenção para ele dizendo:

«A integração das ‘missões’ na missão da Igreja, o confluir da missionologia para a eclesiologia, e a inserção de ambas no plano trinitário da salvação, deu um novo ar à própria actividade missionária, não concebida já como uma tarefa à margem da Igreja, mas antes inserida no âmago da sua vida, como compromisso fundamental de todo o Povo de Deus. Torna-se necessário, porém, precaver-se contra o risco de nivelar situações muito diferentes, e reduzir ou até fazer desaparecer a missão e os missionários ad gentes. A afirmação de que toda a Igreja é missionária não exclui a existência de uma específica

---

<sup>113</sup> Cf. IOANNES PAULUS PP. II – “Litterae Encyclicae Redemptoris Missio”, nº 1-2.

<sup>114</sup> IOANNES PAULUS PP. II – “Litterae Encyclicae Redemptoris Missio”, nº 31.

<sup>115</sup> NUNES, J. – *Teologia da Missão*, p. 12.

<sup>116</sup> Cf. IOANNES PAULUS PP. II – “Litterae Encyclicae Redemptoris Missio”, nº 2.

missão ad gentes, assim como dizer que todos os católicos devem ser missionários não impede — pelo contrário, exige-o — que haja missionários ad gentes, dedicados por vocação específica à missão por toda a vida»<sup>117</sup>.

Portanto, «sem a missão *Ad Gentes*, a própria dimensão missionária da Igreja ficaria privada do seu significado fundamental e do seu exemplo de atuação»<sup>118</sup>. Com isso, não se negligenciam nem se subestimam as outras realidades missionárias, o que seria um erro grave, tendo em conta que há uma interdependência entre as várias atividades salvíficas da Igreja que se estimulam e ajudam mutuamente, facto que não se pode ignorar:

«O dinamismo missionário permite uma troca de valores entre as Igrejas, e projecta para o mundo exterior influência positiva em todos os sentidos. As Igrejas de antiga tradição cristã, por exemplo, preocupadas com a dramática tarefa da nova evangelização, estão mais conscientes de que não podem ser missionárias dos não cristãos de outros países e continentes, se não se preocuparem seriamente com os não cristãos da própria casa: a actividade missionária *ad intra* é sinal de autenticidade e de estímulo para realizar a outra *ad extra*, e vice-versa»<sup>119</sup>

A missão *Ad Gentes*, que «tem como destinatários ‘os povos ou grupos que ainda não creem em Cristo’, ‘aqueles que estão longe de Cristo’, entre os quais a Igreja ‘não está ainda radicada’, e cuja cultura ainda não foi influenciada pelo Evangelho»<sup>120</sup>, encontra a sua originalidade/especificidade e distinção das outras atividades eclesiais na sua orientação para os não cristãos, isto é, para grupos e ambientes não cristãos, caracterizados pela ausência ou insuficiência do anúncio evangélico e da presença eclesial. Ela tem, portanto, como objetivo o anúncio de Cristo e do seu Evangelho, a edificação da Igreja local e a promoção dos valores do Reino.

A missão *Ad Gentes* contém um âmbito geográfico, pois concerne territórios e grupos humanos bem delimitados. Olhando para a atualidade e os fatores do nosso tempo vemos que há também novos fenómenos sociais que fazem parte do âmbito dessa missão, tais como a urbanização, os jovens não-cristãos, as migrações. Há ainda novos areópagos da missão como os meios de comunicação social, instrumento importantíssimo para a

---

<sup>117</sup> IOANNES PAULUS PP. II – “Litterae Encyclicae Redemptoris Missio”, n° 32.

<sup>118</sup> IOANNES PAULUS PP. II – “Litterae Encyclicae Redemptoris Missio”, n° 34.

<sup>119</sup> IOANNES PAULUS PP. II – “Litterae Encyclicae Redemptoris Missio”, n° 34.

<sup>120</sup> IOANNES PAULUS PP. II – “Litterae Encyclicae Redemptoris Missio”, n° 34.

propagação do Evangelho hoje, os direitos do ser humano e dos povos, a promoção da mulher e da criança, a salvaguarda da criação<sup>121</sup> ou da “casa comum”, como é apresentado pelo Papa Francisco na sua nova encíclica “*Laudato Si*”.

José Nunes apresenta-nos quatro características da missão *Ad Gentes* que também são as da Nova Evangelização, apesar de se destinarem a realidades diferentes: referência ao ‘negativo’ – não se trata de um pejorativo ou de juízo moral quanto aos valores e à santidade das pessoas abrangidas mas refere-se ao facto de serem pessoas não evangelizadas, não conhecedoras de Cristo ou não batizadas. Tratando-se de não-cristãos, não há um trabalho de reiniciação à fé, como na Nova Evangelização, mas sim levar o kerigma aos que têm estado à margem ou independentes do fenómeno cristão configurado em Igreja; anúncio explícito – tendo em conta a característica anterior, há que dar a conhecer Jesus Cristo e o Seu Evangelho através de um anúncio explícito, por palavras e obras. O testemunho de vida dos cristãos empenhados é muito importante, como pretendemos mostrar neste trabalho, mas isso não excluiu o anúncio explícito, pelo contrário, reclamam-se reciprocamente. É preciso ter bem em mente que o objetivo desta tarefa está centrado no dar a conhecer Cristo e na relação que deverá estabelecer-se entre o que recebe a Boa Nova e a pessoa de Jesus. Mais do que fazer cristãos trata-se de fazer testemunhas, discípulos e ser discípulo é precisamente entrar em comunhão íntima com o Senhor, que tem repercussão concreta na vida quotidiana; espiritualidade do envio e do êxodo – a missão *Ad Gentes* exige um “ir”, um “partir”, um êxodo em direção ao outro, em particular ao outro que não conhece Cristo ou não tem a sua vida enraizada no Evangelho. Há um “devorar” quilómetros/metros, culturas e ideologias e há um deixar que são próprios desta tarefa, e da qual não se pode abdicar. Não podemos é ficar apenas onde estamos, à espera que tais irmãos venham ao nosso encontro. É nossa obrigação ir ao encontro deles, enquanto enviados que somos pelo nosso batismo. O carisma missionário é dado a toda a comunidade eclesial, no entanto, condensa-se nesta ou naquela pessoa concreta que sente a chamada à missão e generosamente a acolhe, assumindo-se claramente como enviado de Jesus Cristo e movido pelo Espírito Santo. Cristo chama o missionário, este descobre-O, encontra-se em comunhão com Ele e depois parte ao encontro do outro para dizer “encontramos o Messias” e convidá-lo a fazer, por sua vez, a sua própria experiência (cf. Jo 1, 43-46). Como enviado, o missionário tem de

---

<sup>121</sup> Cf. MARTINS, J. S. – *Ide e anunciai*, pp. 335-344.

ser um representante autêntico, que diz e faz e que não impõe aos outros o que ele mesmo não quer mover com o dedo sequer (cf. Mt 23, 3-4), para que seja (a)creditado; a autorrealização eclesial – o objetivo de todo o processo evangelizador é a conversão e, conseqüentemente, entrada na Igreja pelo batismo, sinal da comunidade escatológica. Isso leva muitas vezes à implantação de uma Igreja local (cf. AG 6), sinal de um novo marco na história da salvação, que não tem apenas a tarefa de edificar a vida comunitária “*ad intra*” mas também a de fazer penetrar o Evangelho em toda a realidade sociocultural<sup>122</sup>.

A missão *Ad Gentes*, tarefa tão amada por S. Paulo, não pode cair na indiferença nem diluir-se «na missão global de todo o Povo de Deus, ficando desse modo descurada ou esquecida»<sup>123</sup>. Ela continua atual e urgente, visto que, há ainda muitos homens e mulheres que não conhecem Cristo e aos quais temos o dever e a obrigação de anunciar a “alegria do Evangelho”, que é como «o primeiro serviço que a Igreja pode prestar a cada homem e à humanidade inteira»<sup>124</sup>. O cardeal Saraiva Martins apresenta-nos três razões fundamentais da validade do mandato de Cristo: a missionariedade, que é intrínseca à Igreja, o que faz com que abandonando a sua atividade missionária ela perde a sua identidade e falta à sua vocação essencial; a fidelidade da Igreja à vontade explícita do seu Senhor, que a envia ao mundo para dar a conhecer a todos os homens o alegre anúncio da salvação messiânica. Portanto, cumprindo esse mandato, a Igreja exprime *in actu* a essência missionária; a universalidade da salvação de Cristo, o único Salvador dos homens, todos, sem distinção.

Todo o Novo Testamento nos dá conta disso mesmo: Cristo, o caminho a verdade e a vida (cf. Jo 14, 6) é aquele que nos conduz ao Pai. A Igreja tem a tarefa imperecível e sempre atual de fazer chegar aos homens de todos os tempos e culturas, em toda a sua frescura e eficácia salvífica, a palavra divino-humana do Redentor<sup>125</sup>.

---

<sup>122</sup> Cf. NUNES, J. – *Teologia da Missão*, pp. 13-15.

<sup>123</sup> Cf. IOANNES PAULUS PP. II – “*Litterae Encyclicae Redemptoris Missio*”, nº 34.

<sup>124</sup> MARTINS, J. S. – *Ide e annunciai*, p. 123.

<sup>125</sup> Cf. MARTINS, J. S. – *Ide e annunciai*, pp. 332-335.

## 2.2. A Nova Evangelização

A Nova Evangelização, como a entendemos à luz da Igreja e do mundo contemporâneo, é fruto de um contexto muito particular, cujas raízes podemos atribuir ao Concílio Vaticano II. Desde o discurso programático do Papa São João XXIII, se nota esta preocupação pela capacidade de olhar para a contemporaneidade na sua transformada relação com Deus, a fim de encontrar, em formas adequadas, a possibilidade de lhe fazer chegar e entender o Evangelho. Dizia ele, no mesmo discurso:

«É necessário que esta doutrina certa e imutável, que deve ser fielmente respeitada, seja aprofundada e exposta de forma a responder às exigências do nosso tempo. Uma coisa é a substância do *depositum fidei*, isto é, as verdades contidas na nossa doutrina, e outra é a formulação com que são enunciadas, conservando-lhes, contudo, o mesmo sentido e o mesmo alcance»<sup>126</sup>.

No entanto, a expressão “nova evangelização” foi usada por São João Paulo II, pela primeira vez, de forma incipiente, no documento de Puebla de 1979, como constatação da existência de novas situações decorrentes de fenómenos como as mudanças socioculturais nomeadamente a imigração, urbanização galopante, influência de seitas e ideologias desviantes; como um meio de comunicação de forças com vista a um novo ardor missionário e evangelizador. São João Paulo II, em visita a Cracóvia, no mesmo ano, ao deparar-se com Nova Huta, recordou o episódio em que se ergueu uma cruz que foi símbolo de uma nova evangelização num meio cristão, ateizado à força durante décadas pelo regime soviético<sup>127</sup>.

A partir daqui, utilizará frequentemente o termo, mas de uma forma que pode criar uma certa confusão: quando dizemos “nova evangelização”, falamos de um novo impulso missionário *Ad Gentes*, de uma reevangelização, ou de algo diferente de ambos?

Se na encíclica *Redemptoris Missio*, nomeadamente no número 33, parece haver uma certa confusão de termos, usando as expressões “reevangelização” e “nova

---

<sup>126</sup> IOANNIS PP. XXIII – “Allocutio Gaudet Mater Ecclesia”. In AAS 54 (1962) p. 792.

<sup>127</sup> Cf. MANNS, F. – Qu’est-ce que la nouvelle évangélisation?, p. 64 e PHILIBERT, J. – La nouvelle évangélisation. De Jean-Paul II à Benoit XVI. Ed. Des Béatitudes: Clamecy 2012, p. 11.

evangelização” como sinónimos, ajuda sobremaneira reler o discurso do Papa dirigido à assembleia da CELAM, reunido em Port-au-Prince, Haiti, em Março de 1983:

«Olhando hoje para o mapa da América Latina (...) deve-se reconhecer em tudo isto o fruto de séculos de paciente e perseverante evangelização. (...) Como latino-americanos, deveis celebrar esta data com uma séria reflexão sobre os caminhos históricos desta parte do continente. (...) A comemoração de meio milénio de evangelização terá o seu pleno significado se for um empenhamento vosso como bispos, juntamente como o vosso presbitério e com todos os fiéis; empenhamento não certamente de reevangelização, mas de uma nova evangelização. Nova no seu ardor, nos seus métodos e nas suas expressões»<sup>128</sup>.

Como vemos, apesar do equívoco aparente, o diferencial terminológico está no facto de a nova evangelização não ter por meta uma “reconquista” de uma fé passada, mas uma renovação da chama da fé onde ela se mostre enfraquecida, através da imutável Palavra de Salvação, anunciada, não a gentes do passado, mas aos homens de hoje.

Este impulso será continuado e desenvolvido no magistério de Bento XVI, com a criação do Conselho Pontifício para a Nova Evangelização, donde se destaca a convocação de um Sínodo dos Bispos dedicado ao tema, realizado em 2012, do qual saíram propostas que estiveram na base da recente exortação apostólica do Papa Francisco, *Evangelii Gaudium*.

A nova evangelização é, portanto, uma atitude, um estilo audaz. É a capacidade do cristianismo de saber ler e decifrar os novos cenários que nestas últimas décadas se têm vindo a criar na história da humanidade, para os habitar e transformar em lugares de testemunho e de anúncio do Evangelho. Estes cenários foram identificados, analisados e descritos diversas vezes; são cenários sociais, culturais, económicos, políticos, religiosos.

Este esforço, por trazer a questão de Deus para dentro dos problemas do homem de hoje, interceta o retorno da necessidade religiosa e a procura da espiritualidade que a partir das novas gerações emerge com renovado vigor. As mudanças de cenário não podiam deixar de exercer influência também sobre o modo como os homens deram voz e corpo ao seu sentido religioso. A própria Igreja Católica é afetada por este fenómeno, que

---

<sup>128</sup> JOÃO PAULO II – *Discurso à Assembleia do CELAM*, Port-au-Prince, 9 de Março de 1983.

oferece recursos e oportunidades de evangelização inesperadas há algumas décadas. Os grandes encontros mundiais da juventude, as peregrinações aos lugares de culto antigo e moderno, a primavera dos movimentos e dos grupos eclesiais são o sinal visível de um sentimento religioso que não se apagou. A Nova Evangelização, neste contexto, exorta a Igreja a saber discernir os sinais do Espírito na ação, dirigindo e educando as suas expressões, em vista de uma fé adulta e consciente «até chegar à medida da plenitude de Cristo» (Ef 4, 13). Além dos grupos recentemente nascidos, fruto promissor do Espírito Santo, uma grande tarefa na nova evangelização diz respeito à vida consagrada nas suas antigas e novas formas. Recordemos que, nos dois mil anos de cristianismo, todos os grandes movimentos de evangelização estiveram ligados a formas de radicalismo evangélico.

Assim, a nova evangelização é, principalmente, uma tarefa e um desafio espiritual. É um dever dos cristãos que perseguem a santidade. As testemunhas para serem credíveis devem saber falar a linguagem do seu tempo anunciando, assim, a partir de dentro, as razões da esperança que as anima (cf. 1Pe 3, 15). Semelhante tarefa não pode ser imaginada de forma espontânea, exige atenção, educação e cuidado<sup>129</sup>.

Como já fizemos referência, assim como para Missão *Ad Gentes*, sem esquecer que os espaços e os destinatários são diversos, a Nova Evangelização também tem: referência ao ‘negativo’ – destina-se aos não-evangelizados, aos que não vivem a sua fé e estão longe da Igreja e das suas práticas, ou seja, vivem como se não fossem batizados e Deus não existisse; anúncio explícito – pelo facto de estarem distantes e tratar-se de batizados desconhecedores do Evangelho de Jesus Cristo é necessário apresentar, de forma clara, viva e coerente, a Boa Nova que dá sentido à vida; Espiritualidade do envio e do êxodo – porque, estando eles distanciados da Igreja, tem de ser ela a ir à procura, ao encontro deles, dos que não vêm à comunidade, à paróquia, aos movimentos eclesiais, e não ficar entre as suas paredes à espera que sejam eles a virem ter com ela. Se não houver este movimento de saída, não haverá um movimento de regresso da parte deles; um apelo à vivência eclesial – é preciso desafiar tais batizados a uma efetiva pertença e vivência comunitária. Em consequência disso, é preciso que haja um verdadeiro acolhimento da

---

<sup>129</sup> Cf. FISICHELLA, R. – *A Nova Evangelização. Um desafio para sair da indiferença*. Paulus Ed. : Lisboa 2012.

comunidade paroquial e estruturas onde possam ser integrados e sentirem-se verdadeiros membros da Igreja<sup>130</sup>.

A exigência da nova evangelização é de facto determinada pelo contexto cultural e social<sup>131</sup>. Por isso, somos confrontados com a necessidade de o Evangelho entrar, plasmar e transformar internamente as culturas. Talvez fosse mais fácil no passado, seja quando estávamos num contexto de primeiro anúncio, seja quando havia uma ideologia unitária e identificável, com a qual o ideal cristão entrava em rota de colisão direta com as ideologias vigentes. Mas o contexto atual de fragmentação cultural e de pluralidade impõem uma atenção diferente.

Um dos desafios que se coloca mais diretamente à Nova Evangelização, muito característico das sociedades ocidentais, de cristianismo relativamente antigo e impregnado, ainda em alguns lugares, muito sociológico, é o secularismo. Este mundo *etsi Deus non daretur*, de secularismo utópico, é herdeiro das convulsões sociais europeias no pós-guerra, e teve o seu clímax no final da década de 60, com a euforia do recente Vaticano II quase misturada com a liberalidade social das contestações juvenis de 1968. Como se foi vendo, nem tudo o que luzia era ouro, e estas esperanças de um mundo novo baseado na bondade intrínseca e voluntarismo quase ingénuo do homem deram azo a grandes dissabores e desilusões.

No meio de tantas utopias quase angélicas é fácil campearem equívocos e extremismos. A secularização degenerou em secularismo e minou a compreensão da existência pessoal. O cordão umbilical que ligava a Deus foi cortado, mas não se conseguiu um sucedâneo à altura das necessidades e aspirações do homem. Mas o mundo pós-moderno fez do homem um adulto que não precisa mais de alimentação externa. Com este corte com o transcendente, e com o ciúme da independência própria, o homem limita-se ao momento histórico, uma espécie de empirismo pragmático, sem suporte nem resistência, numa explosão de reivindicações de liberdade individual na vida sexual, relações, atividades, trabalho.

Neste antropofagismo disfarçado de antropocentrismo, Deus é algo inútil, mesmo algo a evitar ou a combater. Mas o enigma da existência pessoal não se resolve recusando o mistério, sob perigo de nos vermos em terreno selvagem, sem qualquer pista de retorno

---

<sup>130</sup> Cf. NUNES, J. – *Teologia da Missão*, p. 15.

<sup>131</sup> FISICHELLA, R. – *A Nova Evangelização*, p. 33.

ou saída. Relegando Deus para um canto obscuro, o homem perde-se a si mesmo, porque não consegue mais relacionar-se consigo mesmo, tão-pouco com os outros e o que o rodeia. É, por isso, tarefa primordial trazer de novo o rosto de Deus ao homem de hoje, para que ele possa voltar a fixar n'Ele o seu olhar.

Tudo isto acontece no contexto de um ocidente em crise e tem repercussão em todo o mundo globalizado. Um Ocidente que, não sendo o berço do cristianismo, é ele mesmo fundado pelo Cristianismo, além de ter no seu seio, desde os primórdios, contribuído para o seu crescimento e desenvolvimento doutrinal. É terra de grandes e admiráveis histórias de conversão, devoção e evangelização. A Europa, em particular, tem uma matriz indelevelmente cristã, assim como o cristianismo tem uma história marcadamente europeia.

Na base de qualquer civilização, existem princípios que a condicionam e lhe determinam o ciclo vital. Dentre estes, estão sem dúvida a cultura, a religião e a lei. A cultura assenta na língua, história e tradição; a religião como satisfação de interrogações fundamentais sobre o sentido da existência; a lei, como conjunto de disposições que regulam a vida social e permitem uma identificação com um sistema de pensamento que seja garante de justiça, de definição do bem e do mal. Todos os três pilares estão em franca desagregação no caso da Europa.

Os cristãos não devem chamar a si todas as conquistas culturais e civilizacionais dos últimos dois milénios. Porém, não devemos abdicar de sublinhar a originalidade e extensão do nosso contributo. Isto simplesmente para dizer que o cristianismo não é um obstáculo para o progresso da sociedade, mas condição do seu genuíno desenvolvimento<sup>132</sup>. A própria laicidade de que todos nos orgulhamos não é mais que a aplicação do mandamento de Jesus: «dai a César o que é de César» (Mt 22, 21). A laicidade, portanto, não deve excluir o cristianismo, mas acolher na abertura o seu contributo peculiar. Muito se fez desde o início da secularização, em nome do avanço da sociedade. Que frutos trouxe? Terá trazido um efetivo avanço, na vida individual, laboral, familiar, na transmissão de valores e realização pessoal e coletiva? São questões de difícil resposta, atualmente. Partindo do visível primado da liberdade individual, há que chamar a atenção para a responsabilidade social.

---

<sup>132</sup> FISICHELLA, R. – *A Nova Evangelização*, p. 50.

O cristianismo foi, historicamente, apesar de alguns episódios menos felizes, bem mais favorável à liberdade e construção do homem, bem como à livre expressão e governo das sociedades do que é hoje comumente entendido. E um dos testemunhos que somos chamados hoje a dar é precisamente o de não caminharmos sozinhos, mas de forma “católica”, aberta a todos e desejosos de fazer caminho em conjunto. Para isso, é nossa missão ajudar o ocidente a reencontrar a continuidade perdida e descartada, pois o desenvolvimento terá um fio condutor com mais de dois mil anos, ou simplesmente se reduzirá a nada.

A indiferença, religiosa ou como atitude de vida, é beco sem saída. Somente uma forte identidade partilhada poderá fazer frente às desagregações e aos focos de fundamentalismo a que hoje assistimos. Colocar de novo, em primeira linha de consideração, valores unitários como a vida e a família, bem como propor Jesus Cristo e o Reino de Deus como horizonte de sentido, é tarefa urgente e de suma importância, para que se possa vislumbrar um futuro para o ocidente, em particular, mas para o mundo, no seu todo. E, atualmente, ninguém poderá almejar substituir-se aos cristãos nessa matéria.

### **2.3. As dimensões da missão<sup>133</sup>**

Várias são as dimensões que constituem a ação evangelizadora da Igreja. Passemos a apresentar algumas que nos parecem pertinentes para a Missão *Ad Gentes* e para a Nova Evangelização e a ambas comum.

Pelo facto de o anúncio ser o “coração” da ação missionária, muitas vezes, identifica-se missão com o anúncio. Ora, o anúncio é fundamental na missão da Igreja, mas não é a única dimensão da missão, e as outras dimensões, como o serviço da caridade, a presença, o testemunho de vida, que passa pela luta por uma sociedade mais justa, libertando o homem de várias “prisões”, o diálogo inter-religioso, a inculturação, são também importantes e valem por si mesmos. Diz-nos Paulo VI, em relação à complexidade da ação evangelizadora da Igreja:

---

<sup>133</sup>Ao que Paulo VI chama de “elementos” apresentamos como dimensões.

«Qualquer definição parcial e fragmentária que tente apresentar a realidade da evangelização em toda a sua riqueza, complexidade e dinamismo corre o risco de empobrecê-la e mesmo de distorcê-la. É impossível compreender o conceito de evangelização a menos que se tenha em vista todos os seus elementos essenciais»<sup>134</sup>.

Paulo VI e São João Paulo II expandiram os horizontes da evangelização. A visão mais restritiva, que sustentava somente a proclamação explícita do Evangelho e a vida sacramental, foi superada.

### – O anúncio

Interroga-nos S. Paulo: «Como poderiam crer naquele que não ouviram? E como poderiam ouvir sem pregador? A fé, portanto, vem da pregação, e a pregação é feita por mandato de Cristo» (Rm 10, 14-17). Não se pode “fazer missão” sem o anúncio. O anúncio é a comunicação da mensagem evangélica, o mistério de salvação realizado por Deus para todos em Jesus Cristo, com o poder do Espírito Santo. É um convite a um empenho de fé em Jesus Cristo, a entrar, mediante o batismo, na comunidade dos crentes que é a Igreja. Este anúncio pode fazer-se em forma solene e pública, como aconteceu no dia de Pentecostes (cf. Act 2) ou sob a forma de simples conversão privada (cf. Act 8, 30-38). Conduz, naturalmente, a uma catequese que tende a aprofundar esta fé. O anúncio é a base, o centro e o ápice da evangelização<sup>135</sup> e «não haverá nunca evangelização verdadeira se o nome, a doutrina, a vida, as promessas, o reino, o mistério de Jesus de Nazaré, Filho de Deus, não forem anunciados»<sup>136</sup>.

Para cumprir o seu dever missionário, a Igreja não pode deixar de fazer o anúncio de Jesus Cristo. Como disse o Papa Paulo VI, na sua Exortação *Evangelii Nuntiandi*:

«A apresentação da mensagem evangélica não é para a Igreja uma contribuição facultativa: é um dever que lhe incumbe, por mandato do Senhor Jesus, a fim de que os homens e as mulheres possam acreditar e serem salvos. Sim, esta mensagem é necessária; ela é única e não poderá ser substituída. Ela não admite indiferença, nem sincretismo, nem acomodação. É a salvação dos homens e das mulheres que está em causa»<sup>137</sup>.

---

<sup>134</sup> PAULUS PP. VI – “Adhortatio Apostolica Evangelii Nuntiandi”, nº 17.

<sup>135</sup> Cf. PAULUS PP. VI – “Adhortatio Apostolica Evangelii Nuntiandi”, nº 27.

<sup>136</sup> PAULUS PP. VI – “Adhortatio Apostolica Evangelii Nuntiandi”, nº 22.

<sup>137</sup> PAULUS PP. VI – “Adhortatio Apostolica Evangelii Nuntiandi”, nº 5.

Assim como S. Paulo, a Igreja deve declarar: «Porque, se anuncio o Evangelho, não tenho de que me gloriar, pois que me é imposta essa obrigação: Ai de mim se não evangelizar!» (1Cor 9, 16). O anúncio do evangelho é algo de urgente e sempre atual, pois responde à aspiração humana à salvação. Diz-nos *Ad Gentes* n° 13:

«Onde quer que Deus abre a porta da palavra, para anunciar o mistério de Cristo a todos os homens, com confiança e constância, seja anunciado o Deus vivo e aquele que enviou para salvação de todos, Jesus Cristo, para que os não-cristãos, por moção interior do Espírito Santo, creiam e se convertam livremente ao Senhor, e sinceramente adiram àquele que, sendo ‘caminho, verdade e vida’, satisfaz todas as suas exigências espirituais, superando-as».

No documento *Diálogo e Anúncio*, o Magistério da Igreja reforça a ideia da importância do anúncio e o facto de o mesmo ser insubstituível:

«É útil, contudo, salientar mais uma vez que proclamar o nome de Jesus e convidar as pessoas a serem seus discípulos na Igreja é um importante e sagrado dever a que a Igreja não pode furtar-se. A sua missão tornaria a evangelização incompleta, porque, sem este elemento central, os outros, embora sendo formas autênticas da missão da Igreja, perderiam a sua coesão e vitalidade. É evidente, portanto que nas situações em que, por razões políticas ou de outra natureza, o anúncio é quase impossível, a Igreja já cumpre a sua missão evangelizadora não só graças à sua presença e ao seu testemunho, mas também mediante atividades como o empenho por um desenvolvimento humano integral e pelo diálogo».

Prossegue:

«Por outro lado, nas situações em que as pessoas estão dispostas a escutar a mensagem do Evangelho e se encontram na possibilidade de responder, a Igreja tem o dever de ir ao encontro das suas expectativas. (...) Igreja, que não pode simplesmente substituir o anúncio, mas permanece para o anúncio, enquanto nele o processo dinâmico da missão evangelizadora da Igreja atinge o seu ápice e a sua plenitude»<sup>138</sup>.

O anúncio não deve ser feito de qualquer maneira. A Igreja deve anunciar com as qualidades próprias do Evangelho. O documento *Diálogo e Anúncio* apresenta-nos algumas qualidades que devem caracterizar o anúncio feito pela Igreja:

---

<sup>138</sup> CONSELHO PONTIFÍCIO PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO – “Dialogue et Annonce”, n° 76 e 82, in *DC* 2036 (1991), pp. 887-888.

«a) Confiante no poder do Espírito e obediente ao mandato recebido do Senhor. b) Fiel na transmissão do ensinamento recebido de Cristo e conservado na Igreja, depositária da Boa Nova a anunciar. (...) c) Humilde, porque consciente de que a plenitude da revelação em Jesus Cristo foi recebida como dom gratuito, e que os mensageiros do Evangelho nem sempre estão plenamente à altura das suas exigências. d) Respeitoso da presença e da ação do Espírito de Deus nos corações daqueles que escutam a mensagem, reconhecendo que o Espírito é ‘o agente principal de evangelização’. e) Dialogador, dado que no anúncio aquele que escuta a Palavra não é um ouvinte passivo»<sup>139</sup>.

É com estas qualidades e tendo sempre por base o próprio Evangelho, vivo e eficaz, que a Igreja deve anunciar, sem medo, respeitando sempre as outras religiões e as culturas. O anúncio explícito não constitui uma afronta ao diálogo, como veremos, mas, pelo contrário, aperfeiçoa. Dialogar não significa renunciar à verdade de que em Cristo todos somos salvos, até porque «a Igreja não pode esquivar-se ao mandato explícito de Cristo, não pode privar os homens da ‘Boa Nova’ de que Deus os ama e salva»<sup>140</sup>. O anúncio de Cristo, seu objeto e aquele que plenifica e autentifica toda a obra salvífica, feito numa atitude de amor e de estima, é vital para todos os povos que têm o direito de O conhecer e é o âmago da missão e da vida da Igreja<sup>141</sup>, que encontra em Deus, seu fundamento, a força para anunciar, mesmo diante das dificuldades (cf. 1Ts 2, 2). A Igreja é chamada a dizer com os Apóstolos: «quanto a nós, não podemos deixar de afirmar o que vimos e ouvimos» (Act 4, 20).

#### – O diálogo inter-religioso

O diálogo inter-religioso, fruto do Concílio Vaticano II, que abandona a antiga interpretação de “fora da Igreja não há salvação” (cf. LG 14-16) e valoriza as verdades presentes nas outras religiões (cf. NA 1), é parte integrante da missão evangelizadora da Igreja<sup>142</sup>, consciente de que «quanto mais nos aproximarmos e compreendermos, com delicadeza e caridade, a sua maneira de ver, tanto mais facilmente poderemos com eles dialogar» (GS 28), sendo necessária uma sólida espiritualidade. É de saber que «antes de

---

<sup>139</sup> CPDIR – “Dialogue et Annonce”, n° 70, p. 886.

<sup>140</sup> IOANNES PAULUS PP. II – “Litterae Encyclicae Redemptoris Missio”, n° 44.

<sup>141</sup> Cf. IOANNES PAULUS PP. II – “Litterae Encyclicae Redemptoris Missio”, n° 44.

<sup>142</sup> Cf. IOANNES PAULUS PP. II – “Litterae Encyclicae Redemptoris Missio”, n° 55.

ser uma atividade, o diálogo é um encontro e uma exigência da fé cristã. Está enraizado profundamente no mistério trinitário, num Deus que é amor e comunhão»<sup>143</sup>. No entanto,

«o diálogo não dispensa a evangelização. (...) O diálogo não nasce de táticas ou de interesses, mas é uma atividade que apresenta motivações, exigências, dignidade própria: é exigido pelo profundo respeito por tudo o que o Espírito, que sopra onde quer, operou em cada homem. Por ele, a Igreja pretende descobrir as ‘sementes do Verbo’, os ‘fulgores daquela verdade que ilumina todos os homens’ - sementes e fulgores que se abrigam nas pessoas e nas tradições religiosas da humanidade. O diálogo fundamenta-se sobre a esperança e a caridade, e produzirá frutos, no Espírito.»

Continua o Papa mostrando o desafio que as outras religiões constituem para a Igreja:

«As outras religiões constituem um desafio positivo para a Igreja: estimulam-na efetivamente quer a descobrir e a reconhecer os sinais da presença de Cristo e da ação do Espírito, quer a aprofundar a própria identidade e a testemunhar a integridade da revelação, da qual é depositária para o bem de todos. (...) O diálogo tende à purificação e conversão interior que, se for realizado na docilidade ao Espírito, será espiritualmente frutuoso»<sup>144</sup>.

Enquadrado na dinâmica evangelizadora da Igreja, o diálogo é de natureza teológica – se bem que tem também uma natureza antropológica, no sentido em que é a partir da valorização das pessoas que se desencadeia o diálogo<sup>145</sup> – pois Deus, num diálogo contínuo com a humanidade, oferece sempre e para sempre a sua salvação através da Igreja, que na fidelidade à sua vocação, deve, portanto, entrar num diálogo de salvação com todos<sup>146</sup>.

O diálogo inter-religioso e o anúncio, embora não no mesmo nível, são autênticos elementos da única missão evangelizadora da Igreja que, na própria perspectiva do diálogo, é muito mais do que um método ou uma atitude, é a própria razão de ser, e são orientados para a comunicação da verdade salvífica<sup>147</sup>. Portanto, «o diálogo inter-religioso é um elemento da missão da Igreja, e a proclamação da obra salvífica de Deus em Jesus Cristo

---

<sup>143</sup> PANIKKAR, R. – “Religión”. In FLORISTAN, C. (dir.), *Conceptos fundamentales del cristianismo*, Madrid: Trotta 1993, p. 1149.

<sup>144</sup> IOANNES PAULUS PP. II – “Litterae Encyclicae Redemptoris Missio”, nº 55 -56.

<sup>145</sup> Cf. NUNES, J. – *Teologia da Missão*, p. 108.

<sup>146</sup> Cf. CPDIR – “Dialogue et Annonce”, nº 38.

<sup>147</sup> Cf. CPDIR – “Dialogue et Annonce”, nº 2.

nosso Senhor é um outro (...) Não se trata de escolher um e ignorar ou rejeitar o outro»<sup>148</sup>. Assim, estando intimamente ligados, não são intercambiáveis: o verdadeiro diálogo inter-religioso supõe, da parte do cristão, o desejo de fazer conhecer melhor, reconhecer e amar Jesus Cristo, e o anúncio de Jesus Cristo deve fazer-se no espírito evangélico do diálogo. As duas atividades permanecem distintas mas, como a experiência demonstra, a mesma Igreja local e a mesma pessoa podem estar diversamente empenhadas em ambas<sup>149</sup>.

O diálogo inter-religioso implica partilha de vida, experiência e conhecimento. Ele acontece entre pessoas que estão enraizadas e comprometidas com a sua fé específica, mas igualmente disponíveis à compreensão da diferença. Sendo «fundamental para a Igreja, chamada a colaborar no plano de Deus com os seus métodos de presença, de respeito e de amor para com todos os homens»<sup>150</sup>, requer alguns preliminares, indispensáveis:

«*equilíbrio* [nem ingenuidade benevolente nem sentido hipercrítico: sim espírito de abertura e acolhimento]; *convicção religiosa* [a sinceridade do diálogo supõe a integralidade da fé dos respectivos credos]; *abertura à verdade* [para os cristãos a verdade é Cristo, mas ninguém a possui plenamente; o diálogo deve servir a conquista progressiva da verdade]»<sup>151</sup>.

Só assim será um diálogo verdadeiro, respeitador e frutífero.

### – A inculturação

Um termo de uso recente, apesar de a realidade, enquanto tal, fazer parte desde sempre da história da Igreja<sup>152</sup>, como se pode constatar nos capítulos 14, 15 e 17 dos Atos, mas que ganhou corpo nos discursos e na prática missionária da Igreja, hoje, exprimindo a necessidade da encarnação da mensagem evangélica, como nos diz o pe. José Nunes citando o pe. Pedro Arrupe, que define a inculturação como

«incarnação da vida e mensagem cristã numa área cultural concreta, de tal modo que esta experiência não só chegue a expressar-se com os elementos próprios da cultura em questão (o que seria só uma adaptação superficial), mas que se converta num princípio

---

<sup>148</sup> MARTINS, J. S. – *Ide e annunciai*, p. 306.

<sup>149</sup> Cf. CPDIR – “Dialogue et Annonce”, n° 77.

<sup>150</sup> CPDIR – “Dialogue et Annonce”, n° 39.

<sup>151</sup> NUNES, J. – *Teologia da Missão*, p. 103.

<sup>152</sup> PAULUS PP. VI – “Adhortatio Apostolica Evangelii Nuntiandi”, n° 52.

inspirador, normativo e unificante, que transforma e recria esta cultura, dando origem a uma nova criação»<sup>153</sup>.

Olhando para o Novo Testamento, em particular os Evangelhos, vemos que o próprio Jesus incarnou e inculturou-se numa determinada classe e cultura com todos os desafios que apresenta, no entanto, não aceitou a alienação cultural que destrói o próprio povo e o indivíduo, mas transformou-a<sup>154</sup>.

Podemos constatar que, no Antigo Testamento, «a eleição e aliança (de Israel) com Javé não impedem, pois, que a sua missão seja entendida como serviço a prestar em tolerância e diálogo cultural e não como privilégio totalitário»<sup>155</sup>. Hoje, a própria comunidade cristã, chamada a dar continuidade a essa missão, iniciada com o povo de Israel e culminada e iniciada em Cristo, vive o seu caráter missionário com autenticidade «na medida em que se deixa guiar e implicar no ritmo da vida dos povos»<sup>156</sup>, pois «o reino que o Evangelho anuncia é vivido por homens profundamente ligados a uma determinada cultura, e a edificação do reino não pode deixar de servir-se de elementos da civilização e das culturas humanas»<sup>157</sup>. A missão evangelizadora, incompleta «se ela não tomasse em consideração a interpelação recíproca que se fazem constantemente o Evangelho e a vida concreta, pessoal e social, dos homens, (...) comporta uma mensagem explícita, adaptada às diversas situações e continuamente atualizada»<sup>158</sup>.

A inculturação, sendo um processo complexo, profundo e globalizante que requer tempo, conhecimento e identificação da cultura que se quer evangelizar, tem de descobrir o que na cultura é incompatível com o Evangelho e proclamar explicitamente a mensagem cristã e a Igreja, parte e objeto da proclamação. É preciso ainda nesse processo uma íntima e autêntica comunhão e colaboração entre os missionários e os autóctones<sup>159</sup>. Não se trata de uma simples adaptação mas da «íntima transformação dos valores culturais autênticos, pela sua integração no cristianismo, e o enraizamento do cristianismo nas várias

---

<sup>153</sup>NUNES, J. – *Teologia da Missão*, p. 76.

<sup>154</sup>Cf. NUNES, J. – *Teologia da Missão*, p. 82.

<sup>155</sup> NUNES, J. – *Pequenas comunidades Cristãs. O Ondjango e a inculturação em África/Angola*. Ed. UCP: Porto 1991, 33.

<sup>156</sup> DE LA FUENTE, E. B. – *Eclesiologia*. Biblioteca de autores cristianos: Madrid 2001, p. 266.

<sup>157</sup>IOANNES PAULUS PP. II – “Litterae Encyclicae Redemptoris Missio”, nº 20.

<sup>158</sup> PAULUS PP. VI – “Adhortatio Apostolica Evangelii Nuntiandi”, nº 29.

<sup>159</sup> Cf. NUNES, J. – *Teologia da Missão*, pp. 87-100 ou – *Pequenas comunidades Cristãs*, pp. 77-92.

culturas»<sup>160</sup>. Ela enriquece a Igreja e faz dela «um sinal mais transparente daquilo que realmente ela é, e um instrumento mais apto para a missão»<sup>161</sup>. Consciente dos «múltiplos laços [que] existem entre a mensagem da salvação e a cultura humana» (GS 58) e aberto às inspirações do Espírito Santo, protagonista e impulsionador de toda atividade evangelizadora, a Igreja, que recebe «dos costumes e das tradições dos seus povos, da sabedoria e da doutrina, das artes e das disciplinas, tudo aquilo que pode contribuir para confessar a glória do criador», (AG 22) procura por meios humanos, formular a mensagem de Cristo, ilustrando-a com saber filosófico e adaptando-a à capacidade de compreensão de todos (cf. GS 44). Mas tem também presente o facto de que todas as culturas são iguais e capazes de apresentar elementos da revelação divina e que nenhuma é superior a outra no que toca à manifestação da presença de Deus, que dirige a sua mensagem a todas sem que ela se confunda com uma cultura<sup>162</sup>. Diz-nos Paulo VI:

«o Evangelho, e conseqüentemente a evangelização, não se identificam por certo com a cultura, e são independentes em relação a todas as culturas. (...) O Evangelho e a evangelização independentes em relação às culturas, não são necessariamente incompatíveis com elas, mas suscetíveis de as impregnar a todas sem se escravizar a nenhuma delas»<sup>163</sup>.

Como em tudo o que a Igreja faz, a inculturação também é possível graças à ação do Espírito Santo, que antecede a Igreja e é protagonista da missão. Ele que «é aquele que preside de modo fecundo ao diálogo entre a Palavra de Deus, revelada em Cristo, e as questões mais profundas que brotam da multidão das pessoas e das culturas. Continua assim na história, na unidade de uma única e mesma fé, o evento do Pentecostes, que se enriquece através da diversidade das linguagens e das culturas»<sup>164</sup>.

Guiada pela compatibilidade com o Evangelho e pela comunhão com a Igreja universal e em união com as demais dimensões da evangelização, a inculturação deve fazer-se realidade na vida da Igreja para que haja uma vivência autêntica e efetiva da mensagem salvadora de Cristo, meio privilegiado da evangelização de hoje e se desenvolva, com base na semente da palavra de Deus e unida ao povo de Deus, igrejas

---

<sup>160</sup> PAULUS PP. VI – “Adhortatio Apostolica Evangelii Nuntiandi”, n° 52.

<sup>161</sup> PAULUS PP. VI – “Adhortatio Apostolica Evangelii Nuntiandi”, n° 52.

<sup>162</sup> Cf. NUNES, J. – *Teologia da Missão*, p. 85.

<sup>163</sup> IOANNES PAULUS PP. II – “Litterae Encyclicae Redemptoris Missio”, n° 20.

<sup>164</sup> CONGREGATIO PRO DOCTRINA FIDEI – “Nota Doctrinalis De Quibusdam Rationibus Evangelizationis”, n° 6. In *AAS* 100 (2008), pp. 489-504.

autóctones, com hierarquia própria e providas de meios que levam a uma vida cristã autêntica, contribuindo assim para o bem da Igreja universal (cf. AG 6).

### – O testemunho de vida

O testemunho de vida é algo de extrema importância na missão da Igreja, pois «tornar-se discípulo implica uma mudança irrevogável de comportamento em relação a Deus e ao próximo»<sup>165</sup>. O próprio Jesus Cristo, conteúdo e modelo da ação missionária, deu testemunho do Reino que Ele anunciava por palavras e obras e a prova maior está na sua morte na cruz. Diz-nos João Paulo II:

«o testemunho da vida cristã é a primeira e insubstituível forma de missão: Cristo, cuja missão nós continuamos, é a ‘testemunha’ por excelência e o modelo do testemunho cristão. O Espírito Santo acompanha o caminho da Igreja, associando-a ao testemunho que Ele próprio dá de Cristo. A primeira forma de testemunho é a própria vida do missionário, da família cristã e da comunidade eclesial, que torna visível um novo modo de se comportar»<sup>166</sup>.

A Igreja, desde o princípio, anunciou a Cristo pelo estilo de vida que os cristãos levavam, aqui destaca-se a caridade que tinham para com os mais pobres, e pelo martírio que muitos padeceram e ainda hoje sofrem por causa da sua fé. Ela tem uma Boa Nova a proclamar, que

«há de ser proclamada, antes de mais, pelo testemunho. Suponhamos um cristão ou punhado de cristãos que, no seio da comunidade humana em que vivem, manifestam a sua capacidade de compreensão e de acolhimento, a sua comunhão de vida e de destino com os demais, a sua solidariedade nos esforços de todos para tudo aquilo que é nobre e bom. Assim, eles irradiam, de um modo absolutamente simples e espontâneo, a sua fé em valores que estão para além dos valores correntes, e a sua esperança em qualquer coisa que se não vê e que não se seria capaz sequer de imaginar. Por força deste testemunho sem palavras, estes cristãos fazem aflorar no coração daqueles que os vêem viver, perguntas indeclináveis: Por que é que eles são assim? Por que é que eles vivem daquela maneira? O que é, ou quem é, que os inspira? Por que é que eles estão connosco? Pois bem: um

---

<sup>165</sup> BOSCH, D. J. – *Dynamique de la mission chrétienne*, p. 110.

<sup>166</sup> IOANNES PAULUS PP. II – “Litterae Encyclicae Redemptoris Missio”, n° 42.

semelhante testemunho constitui já proclamação silenciosa, mas muito valiosa e eficaz da Boa Nova. Nisso há já um gesto inicial de evangelização»<sup>167</sup>.

Pois,

«para a Igreja, o testemunho de uma vida autenticamente cristã, entregue nas mãos de Deus, numa comunhão que nada deverá interromper, e dedicada ao próximo com um zelo sem limites, é o primeiro meio de evangelização. ‘O homem contemporâneo escuta com melhor boa vontade as testemunhas do que os mestres, (...) ou então se escuta os mestres, é porque eles são testemunhas’. São Pedro exprimia isto mesmo muito bem, quando evocava o espetáculo de uma vida pura e respeitável, ‘para que, se alguns não obedecem à Palavra, venham a ser conquistados sem palavras, pelo procedimento’. Será pois, pelo seu comportamento, pela sua vida, que a Igreja há de, antes de mais nada, evangelizar este mundo; ou seja, pelo seu testemunho vivido com fidelidade ao Senhor Jesus, testemunho de pobreza, de desapego e de liberdade frente aos poderes deste mundo; numa palavra, testemunho de santidade»<sup>168</sup>.

Na sua missão, a Igreja lembra a todos os seus filhos que têm o dever de testemunhar, pela vida e pela palavra, a vida que receberam, eles que estão robustecidos pelo Espírito Santo. Para poderem dar frutuosa e este testemunho de Cristo, é necessário que se unam a esses homens com estima e caridade, que se considerem a si mesmos como membros dos agrupamentos humanos em que vivem e participem na vida cultural e social através dos vários intercâmbios e problemas da vida humana. É no seu meio e no seu dia a dia que o cristão é chamado a ser testemunho (cf. AG 11).

Olhando para o que fomos apresentando neste capítulo, ao terminá-lo, é de acentuar o seguinte:

- O Vaticano II abriu caminhos para uma evangelização de conjunto, isto é, todos estão implicados na tarefa, insubstituível, da missão da Igreja;
- Apesar de todos sermos missionários, cada um participa segundo a sua condição, tendo os bispos um papel prioritário e inestimável nesta tarefa;

---

<sup>167</sup> PAULUS PP. VI – “Adhortatio Apostolica Evangelii Nuntiandi”, n° 21.

<sup>168</sup> PAULUS PP. VI – “Adhortatio Apostolica Evangelii Nuntiandi”, n° 41.

- Aqueles que são chamados à vocação missionária a tempo pleno não o podem ignorar nem perdem a sua importância e necessidade pelo facto de todos serem discípulos missionários;
- A humildade e o espírito cristão da Igreja em reconhecer que não possui a totalidade da verdade, se bem que está nela em plenitude, nem esgota os meios da salvação, o que não significa que ela não é necessária para a salvação, pois é, de facto, o meio “normal” da salvação, não inviabiliza nem muito menos dispensa a missão, concretamente a missão *Ad Gentes*. Pelo contrário, compromete mais a Igreja com a missão e apela (para não dizer obriga-a) a ter em conta todas as dimensões, o anúncio, o diálogo, a inculturação, o testemunho, que não são justapostas nem dicotómicas, para melhor desempenhar a sua missão evangélica;
- Perante a realidade que nos apresenta milhares de irmãos e irmãs que não tiveram a graça de conhecer Cristo e de intimar com Ele, podendo assim viver na alegria evangélica que só Ele nos pode dar, a missão *Ad Gentes* não só é atual como é também urgente, sendo ela o “coração” da Igreja, ontologicamente missionária;
- É também pelo ser carácter ontológico-missionário, pela fidelidade ao seu princípio fundador e, conseqüentemente, pela obediência ao seu Fundador, Cristo, que veio ao mundo manifestar o amor do Pai para com todos e dar a sua vida pela salvação de toda a humanidade, realizando assim a vontade de Deus, que a Igreja não pode, por motivo nenhum, abandonar a atividade missionária, sem deixar de perder a sua identidade;
- A Nova Evangelização não é inventar tudo de novo, mas sim, com um novo alento e ardor evangélico, dar resposta à nova realidade missionária que a sociedade nos apresenta, pois a mensagem do Evangelho é sempre a mesma, no entanto, ela é viva e eficaz para todos os tempos;
- A necessidade de uma Nova Evangelização nasce das transformações das mentalidades e das estruturas que provocaram o questionamento de valores recebidos do passado, que nem sempre parecem adaptar-se bem ao

condicionalismo atual, e a perturbação no comportamento e até nas normas que o regulam (cf. GS 7). Portanto, ela não se refere exclusivamente à Europa, se bem que a tenha como principal alvo, por assim dizer, mas também lugares de missão cristã recente, “apanhados pela onda” da globalização mediática e secularista, rápida e sem fronteiras<sup>169</sup>;

- Também a Missão *Ad Gentes*, não se destina apenas aos países ditos terra de missão. Como refere a exortação apostólica pós-sinodal *Ecclesia in Europa*, também nos países tradicionalmente cristãos encontramos situações de Missão *Ad Gentes*, isto é, de primeira evangelização:

«Em várias partes da Europa, há necessidade do primeiro anúncio do Evangelho (...) Com efeito, a Europa faz parte já daqueles espaços tradicionalmente cristãos, onde, para além duma nova evangelização, se requer em determinados casos a primeira evangelização. A Igreja não pode subtrair-se ao dever dum corajoso diagnóstico, que lhe permita predispor as terapias mais oportunas. Mesmo no ‘velho’ continente existem extensas áreas sociais e culturais, onde se torna necessária uma verdadeira e própria *missio ad gentes*»<sup>170</sup>.

- Tanto a missão *Ad Gentes* como a Nova Evangelização apresentam uma referência ao “negativo” que, conseqüentemente, requer o anúncio explícito e que implica “sair da sacristia”, como nos diz o Papa Francisco, ou seja, uma Espiritualidade do envio e do êxodo para assim poder, com a conversão dos destinatários, constituir a comunidade eclesial;
- A atividade missionária da Igreja será frutífera, levando os homens à relação com Cristo na Igreja, quando, olhando para a cultura, da qual deve tirar proveito e evangelizar, num processo que leva à inculturação, anuncia de forma explícita a Boa Nova de Cristo, num diálogo contínuo com as outras religiões e com as outras igrejas, vivendo no dia a dia aquilo que anuncia e que acredita que dá um novo e único sentido à vida. Só na medida em que testemunha no concreto aquilo em que acredita pode ser

---

61. <sup>169</sup> CLEMENTE, M. – *O tempo pede uma nova evangelização*, Paulinas Ed.: Prior Velho 2013, p.

<sup>170</sup> IOANNES PAULUS PP. II – “Adhortatio Apostolica Post-Synodalis Ecclesia In Europa”, 2, nº 46. In AAS 95 (2003) pp. 649-719.

(a)creditado e assim interpelar os outros que, convertendo, aderem a Cristo vivendo na Igreja a relação pessoal e comunitária com Ele.



## Capítulo III

### A pertinência do testemunho de vida na evangelização hoje

Como já vimos, o dever de evangelizar está na origem da Igreja e a Igreja não pode abdicar dele. Com a evolução da sociedade, a Igreja foi adaptando sempre a sua forma de “fazer missão”. Hoje, vivemos numa sociedade marcada pelo secularismo, pela indiferença, pelo novo ateísmo (acreditar mas viver como se Deus não existisse). Perante estes factos, a Igreja sentiu a necessidade de rever/reformular o seu modo de “fazer missão”, de forma a dar resposta ao mundo de hoje. Nesta busca constante de uma nova resposta, de «meios e a linguagem adequados para lhes [quantos estão distantes da fé] propor a revelação de Deus e a fé em Jesus Cristo»<sup>171</sup>, falou-se muito da importância do testemunho de vida, que é cada vez mais requerido pelo mundo, pois o homem está “farto” de palavras sem vida. Neste sentido, sem desvalorizar as outras dimensões apresentadas mais acima – até porque elas estão interligadas e não é possível uma verdadeira Missão *Ad Gentes* e uma verdadeira Nova Evangelização sem ter em conta todas as dimensões (mesmo algumas que não foram explicitamente apresentadas aqui) – vamos apresentar a importância do testemunho de vida hoje. Começaremos por mostrar como ela é inerente ao ser cristão para depois mostrar a sua mais-valia, a sua capital preponderância na Missão *Ad Gentes* e na Nova Evangelização.

#### **1. O testemunho de vida, dever do cristão e consequência da autenticidade de vida cristã**

O testemunho de vida cristã não é um compartimento à parte na vida do cristão mas é algo que lhe é inerente, isto é, é algo que surge de forma automática quando o cristão vive a sua fé em Cristo, com quem ele faz um encontro transformador, que o chama à conversão e à santidade. Portanto, o testemunho de vida é, para o cristão, a manifestação de uma vida ancorada em Deus Pai, que nos enviou o seu Filho para a nossa salvação e nos dá o Espírito Santo para nos fortalecer, santificar e guiar no caminho que nos conduz à vida, no amor a Deus e ao próximo. Ao próximo que não conhece a Deus ou que vive como se Deus não existisse, devemos dar a conhecer a graça salvífica de

---

<sup>171</sup> PAULUS PP. VI – “Adhortatio Apostolica Evangelii Nuntiandi”, n° 56.

Deus, pela proclamação da Palavra que gera para a vida e pelo testemunho que autentifica a ação da mesma Palavra em nós.

### 1.1. Fé e Testemunho de vida

O Papa Francisco tem vindo a insistir no facto de todos os cristãos serem discípulos missionários. Tem, na mesma linha, insistido na inseparabilidade entre o discipulado e a missão. Não é possível sermos discípulos sem sermos missionários e vice-versa. Portanto, as duas coisas andam juntas e implicam-se. Na raiz do ser discípulos missionários está a fé. O Novo Testamento é rico em textos em que Jesus sublinha a importância da fé para a realização e o anúncio do reino de Deus (cf. Mt 6, 30; 21, 21; Mc 5, 34; Lc 22, 32). A fé é a base de toda a vida cristã, o seu espírito «deve acompanhar-nos em todas as acções, de manhã até à noite, de dia e de noite; e deve ser uma certeza viva e profunda que guia a nossa vida concreta»<sup>172</sup>, pois, «sem a fé é impossível agradar a Deus» (Hb 11, 6).

A nossa fé assenta em Cristo ressuscitado que revela a vontade de Deus que, na sua bondade e sabedoria, quis revelar-se a Si mesmo e dar a conhecer o mistério da sua vontade, segundo o qual os homens, por meio de Cristo, Verbo incarnado, têm acesso ao Pai no Espírito Santo e se tornam participantes da natureza divina. Através de Cristo, Deus, rico no amor, fala-nos como amigos e convive connosco, para nos convidar e admitir à comunhão com Ele (cf. DV 2). Chama-nos a uma vida nova em Cristo ressuscitado que plasma toda a nossa existência. Logo,

«os pensamentos e os afectos, a mentalidade e o comportamento do homem vão sendo pouco a pouco purificados e transformados, ao longo de um itinerário jamais completamente terminado nesta vida. A ‘fé, que actua pelo amor’, torna-se um novo critério de entendimento e de acção, que muda toda a vida do homem»<sup>173</sup>.

Nós acreditamos numa pessoa, Jesus Cristo, portanto, a nossa fé é um real encontro com a pessoa de Cristo que nos interpela; Ele que deu a vida por nós e que nos chama à comunhão no amor manifesto pela sua entrega na cruz. Rebaixando-se, desceu ao mundo do pecado para nos levar à Santidade de Deus (cf. Fl 2, 6-8). Santidade esta

---

<sup>172</sup> ALLAMANO, J. – *Tudo pelo Evangelho. Apontamentos de Espiritualidade Missionária*. Ed. Missões Consolata: Torres Novas 2010, p. 132.

<sup>173</sup> BENEDICTUS PP. XVI – “Litterae Apostolicae Motu Proprio Porta Fidei”, nº 6. *In ASS* 103 (2011), pp. 723-734.

que se torna um programa de vida, *sine qua non*, do cristão. Cristo convida-nos incessantemente: «sede perfeitos como é perfeito o vosso Pai celeste» (Mt 5, 48). Portanto, pela fé, que é dom de Deus e que «cresce quando é vivida como experiência de um amor recebido e é comunicada como experiência de graça e de alegria»<sup>174</sup>, fazemos cristãos, através do Batismo, que não só manifesta e simboliza a confissão da fé como nos mergulha, nos faz participantes dos mistérios de Cristo, nos torna novas criaturas e filhos adotivos de Deus<sup>175</sup>. Como cristãos abraçamos um estilo de vida que reflete a vida do próprio Cristo que anunciou por palavras e obras o reino de Deus (cf. LG 5); abraçamos um caminho que se percorre, com a força do Espírito, no amor a Deus e ao próximo. Este amor que deve ser visível no nosso modo de ser, ou seja, deve comunicar a Santidade de vida a que somos chamados, transmitindo assim com autenticidade e sinceridade a fé que professamos. Diz-nos o Papa Francisco na sua encíclica *Lumen Fidei*:

«De facto, a fé tem necessidade de um âmbito onde se possa testemunhar e comunicar, e que o mesmo seja adequado e proporcionado ao que se comunica. Para transmitir um conteúdo meramente doutrinal, uma ideia, talvez bastasse um livro ou a repetição de uma mensagem oral; mas aquilo que se comunica na Igreja, o que se transmite na sua Tradição viva é a luz nova que nasce do encontro com o Deus vivo, uma luz que toca a pessoa no seu íntimo, no coração, envolvendo a sua mente, vontade e afectividade, abrindo-a a relações vivas na comunhão com Deus e com os outros. Para se transmitir tal plenitude, existe um meio especial que põe em jogo a pessoa inteira: corpo e espírito, interioridade e relações»<sup>176</sup>.

Pela fé em Cristo, acreditamos que a Igreja, fonte da fé e lugar privilegiado para a vivência da mesma, foi por Ele fundada. No Credo, dizemos que acreditamos que a Igreja una e santa. É, pois, da santidade dela que irradia a santidade do seu Fundador, que emana a santidade de cada cristão. E a santidade de cada cristão é o manifestar da santidade da Igreja como nos recordam os padres do Concílio Vaticano II:

«a nossa fé crê que a Igreja, cujo mistério o sagrado Concílio expõe, é indefectivelmente santa. Com efeito, Cristo, Filho de Deus, que é com o Pai e o Espírito ao único Santo, amou a Igreja como esposa, entregou-Se por ela, para a santificar e uniu-a a Si como Seu corpo, cumulando-a com o dom do Espírito Santo, para glória de Deus. Por

---

<sup>174</sup> BENEDICTUS PP. XVI – “Litterae Apostolicae Motu Proprio Porta Fidei”, nº 7.

<sup>175</sup> Cf. FRANCISCUS PP. – “Litterae Encyclicae Lumen Fidei”, nº 41. *In AAS* 105 (2013), pp. 555-596.

<sup>176</sup> FRANCISCUS PP. – “Litterae Encyclicae Lumen Fidei”, nº 40.

isso, todos na Igreja, quer pertençam à Hierarquia quer por ela sejam pastoreados, são chamados à santidade, segundo a palavra do Apóstolo: “esta é a vontade de Deus, a vossa santificação”. Esta santidade da Igreja incessantemente se manifesta, e deve manifestar-se, nos frutos da graça que o Espírito Santo produz nos fiéis; exprime-se de muitas maneiras em cada um daqueles que, no seu estado de vida, tendem à perfeição da caridade, com edificação do próximo» (LG 39).

Assim, como quando construímos um edifício fazemos um bom alicerce para sustentar todo o edifício, também acontece o mesmo com a nossa santidade, com toda a nossa vida cristã que assenta na fé, se constrói com a esperança e se aperfeiçoa com a caridade.<sup>177</sup> Sem essa base, não podemos ser evangelizadores. Como nos recorda o Papa Bento XVI, que sublinha a importância da atitude espiritual ou moral na atividade missionária da Igreja, que não funciona sem o testemunho do cristão transformado pelo amor de Deus<sup>178</sup>:

«Para proclamar de modo fecundo a Palavra do Evangelho, exige-se sobretudo que se viva uma profunda experiência de Deus. Como pude afirmar na minha primeira Encíclica *Deus caritas est*: ‘No início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e com isto a orientação decisiva’. Analogamente, na raiz de cada evangelização não existe um desígnio humano de expansão, mas sim o desejo de compartilhar o dom inestimável que Deus nos quis conceder, comunicando-nos a sua própria Vida»<sup>179</sup>.

A fé que professamos está obrigada a “dar nas vistas”, pois, «o professar com a boca indica que a fé implica um testemunho e um compromisso públicos»<sup>180</sup>. A fé tem uma dimensão prática, sem a qual ela perde vida:

«De que aproveita, irmãos, que alguém diga que tem fé, se não tiver obras de fé? Acaso essa fé poderá salvá-lo? Se um irmão ou uma irmã estiverem nus e precisarem de alimento quotidiano, e um de vós lhes disser: ‘Ide em paz, tratai de vos aquecer e de matar a fome’, mas não lhes dais o que é necessário ao corpo, de que lhes aproveitará? Assim também a fé: se ela não tiver obras, está completamente morta» (Tg 2, 14-17).

---

<sup>177</sup> Cf. ALLAMANO, J. – *Tudo pelo Evangelho*, p. 131.

<sup>178</sup> Cf. TYVAERT, S. – *La Nouvelle Évangélisation chez Jean-Paul II et Benoît XVI*, p. 174.

<sup>179</sup> BENEDICTUS PP. XVI – “*Motu Proprio Ubiicumque et Semper*”. In ASS 102 (2010), p. 791.

<sup>180</sup> BENEDICTUS PP. XVI – “*Litterae Apostolicae Motu Proprio Porta Fidei*”, n° 10.

Para a vivência autêntica da nossa fé temos «o dom do Espírito Santo que prepara para a missão e fortalece o nosso testemunho, tornando-o franco e corajoso»<sup>181</sup>. Assim, podemos verdadeiramente anunciar a fé que vivemos, proporcionando aos outros a experiência de encontro, que é ao mesmo tempo íntimo e pessoal, público e comunitário, com Cristo. Encontro este que transforma e torna cada um dos que o experimentam capazes de fazer coisas novas e de testemunhar a alegria da vida vivida com Cristo<sup>182</sup>, como podemos ver no exemplo de Zaqueu que nos apresenta o evangelista Lucas (cf. Lc 19, 1-10).

Apesar de a fé ser um dom que recebemos de Deus, no Filho, pelo Espírito Santo, não é algo que se adquire uma vez e conservamos intacto. Para além de nos pôr em movimento em direção ao outro, no sentido de darmos a conhecer o que recebemos, testemunhando a resposta que a nossa fé cristã nos dá aos problemas existenciais colocados pela vida, em cada tempo e em cada cultura e a todos os homens, sem distinção<sup>183</sup>, ela precisa ser alimentada com a liturgia, meditação da palavra de Deus e os sacramentos, sem os quais, «a profissão da fé não seria eficaz, porque faltaria a graça que sustenta o testemunho dos cristãos»<sup>184</sup>. Os padres conciliares, no documento *Sacrosantum concilium*, evidenciam a suprema importância da liturgia, em particular do sacrifício eucarístico, no robustecimento dos fiéis, para que expressem na vida e testemunhem aos outros o mistério de Cristo e a verdadeira e autêntica natureza da Igreja (cf. SC 2). Também é preciso uma formação adequada a cada estado de vida cristã – recorda-nos São João Paulo II, citando a II Assembleia Especial do Sínodo dos Bispos para a Europa – «não só para evitar que a fé defina por falta de cuidado num ambiente hostil como é o do mundo, mas também para dar apoio e impulso ao testemunho evangelizador»<sup>185</sup>.

A Sagrada Escritura, que deve estar presente em tudo que a Igreja faz, caso contrário estaria sem “o seu coração e a sua ferramenta”, é fundamental para o nascer e para o crescer da fé que nos leva à missão, «expressão da fé. Daquela fé em Jesus Cristo

---

<sup>181</sup> BENEDICTUS PP. XVI – “Litterae Apostolicae Motu Proprio Porta Fidei”, nº 10.

<sup>182</sup> Cf. XIII ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS – *A nova evangelização para a transmissão da Fé. Instrumentum laboris*, nº 18-19.

<sup>183</sup> Cf. XIII ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS – *Instrumentum laboris*, nº 118.

<sup>184</sup> BENEDICTUS PP. XVI – “Litterae Apostolicae Motu Proprio Porta Fidei”, nº 11.

<sup>185</sup> IOANNES PAULUS PP. II – “Adhortatio Apostolica Post-Synodalis Ecclesia In Europa”, 2, nº 49.

que nos torna em tudo semelhantes a Ele»<sup>186</sup>. Como nos diz S. João: «o que vimos e ouvimos, isso vos anunciamos, para que também vós estejais em comunhão conosco» (1Jo 1, 3).

A essência do acolhimento verdadeiro da Palavra vivificante é o encontro pessoal do homem com Cristo. E isto é algo de interior, único e irrepetível. No entanto, seria redutor procurar afirmar que o cristianismo é algo de intimista e pessoal: é sobretudo uma experiência de relação. Como tal, ele pode e deve ser fecundado e facilitado por uma experiência de comunidade, por acompanhamento, pelo testemunho dos irmãos na fé.

Várias são as formas de se encontrar com Deus. Estando Ele em toda a parte, é só uma questão de afinar as nossas antenas para sentirmos a sua presença, e nos configurarmos gradativamente com Ele<sup>187</sup>. Cada um pode ter linguagens que lhe falem mais profundamente de Deus. Mas, sem dúvida, uma das mais poderosas é o testemunho<sup>188</sup>. Os efeitos da graça de Deus na pessoa, não sendo palpáveis, são visíveis, porque consequentes e exteriorizáveis. A paz, serenidade, sabedoria, coerência de vida e amor para com os outros são qualidades, entre outras, de um homem de Deus. E, dizia Bento XVI, na sua mensagem para o dia mundial das vocações de 2010, que será sempre pelo testemunho que o anúncio da Palavra de Deus será convincente e eloquente<sup>189</sup>.

A procura da vida comunitária, formação doutrinal e vida litúrgica e de oração, aliadas a um testemunho de coerência social e pessoal são procurados pela generalidade dos cristãos, e comprovam-se nos vários novos movimentos/comunidades que vão surgindo segundo a inspiração do Espírito Santo. O homem de hoje está sedento de algo que o comprometa e lhe dê um verdadeiro sentido. Quer realizar-se e isso só é possível na medida em que se encontra com Aquele que lhes diz quem ele é: Cristo. Assim, Cristo será tudo em todos e o reino de Deus que pregou será uma realidade efetiva.

---

<sup>186</sup> MARTINS, J. S. – *Ide e anunciai*, p. 216.

<sup>187</sup> Cf. FRANCISCUS PP. – “Adhortatio Apostolica Evangelii Gaudium”, nº 102.

<sup>188</sup> Cf. FISICHELLA, R. – *A Nova Evangelização*, p. 78.

<sup>189</sup> Cf. BENTO XVI – *Mensagem para o dia mundial das vocações de 2010*.

## 1.2. Santidade/Conversão e Testemunho de vida

Da nossa condição de cristão nasce o chamamento à santidade. Portanto, a santidade é inerente ao ser cristão, isto porque, «a consagração baptismal é também uma consagração à santidade e, portanto, à missão, ao testemunho e, também, se necessário, ao martírio»<sup>190</sup>, que é a máxima demonstração de amor a Cristo e ao próximo, isto é, o supremo testemunho dado à verdade da fé; a manifestação da união pela caridade a Cristo, morto e ressuscitado, e da verdade da fé da doutrina cristã<sup>191</sup>.

Todos somos convocados à santidade que, apropriada à vocação de cada um (cf. LG 42), é um programa de vida proposto e que «não muda com a variação dos tempos e das culturas, embora se tenha em conta o tempo e a cultura para um diálogo verdadeiro e uma comunicação eficaz»<sup>192</sup>. A santidade, sendo um dom objetivo, é oferecida a cada batizado. No entanto, este «dom gera, por sua vez, um dever, que há-de moldar a existência cristã inteira: ‘Esta é a vontade de Deus: a vossa santificação’. É um compromisso que diz respeito não apenas a alguns, mas ‘os cristãos de qualquer estado ou ordem são chamados à plenitude da vida cristã e à perfeição da caridade’»<sup>193</sup>. Todos nós somos «chamados e obrigados a buscar a perfeição do próprio estado de vida» (LG 42), tendo em horizonte uma sociedade mais fraterna, mais humana até, visto que a santidade propaga uma gradual humanização (cf. LG 42).

A necessidade do testemunho de vida de todos os cristãos, e de modo particular dos pastores, nasce do facto de pelo batismo sermos chamados à santidade e do facto de o próprio Evangelho ser vivo e eficaz, isto é, o acolhimento do Evangelho exige de nós uma mudança de vida, exige conversão. Não é possível acolher verdadeiramente o Evangelho sem que este nos leve à conversão, à mudança de vida. E esta conversão torna-se visível através dos nossos atos e atitudes que vão interpelar os não crentes e se tornam verdadeiramente testemunho de vida, Evangelho vivo.

O convite à conversão lançado pelos profetas (cf. Jr 31, 18), reafirmado por João Batista (cf. Mt 3, 2) e confirmado e realizado por Jesus (cf. Mc 1, 15) é sempre atual e

---

<sup>190</sup> MARTINS, J. S. – *Ide e annunciai*, p. 216.

<sup>191</sup> Cf. MARTINS, J. S. – *Ide e annunciai*, p. 217.

<sup>192</sup> IOANNES PAULUS PP. II – “Epistula Apostolica Novo Millennio Ineunte”, n° 29. *In AAS* 93 (2001), pp. 266-309.

<sup>193</sup> IOANNES PAULUS PP. II – “Epistula Apostolica Novo Millennio Ineunte”, n° 30.

urgente. Implícito a este convite está o anúncio do Reino de Deus. Não é possível uma vida cristã, e muito menos evangelização, sem a conversão<sup>194</sup>, que «convida a sair da autossuficiência, (...). Ela exige a humildade para entrar no amor ao outro, um amor que se torna medida da sua própria vida»<sup>195</sup>.

Cada batizado é chamado a ter o Evangelho como a lei fundamental de sua vida, pois não basta dizer “Senhor, Senhor” mas é preciso ouvir a Palavra de Deus e pô-la em prática, cumprindo assim a vontade de Deus e tornando-nos, efetivamente, irmãos de Cristo (cf. Mt 7, 21; Lc 8, 21). O compromisso que assumimos no dia do nosso batismo obriga, antes de tudo, a empreender uma corajosa caminhada de evangelização a nós mesmos, através da Palavra viva de Deus, para anunciarmos idoneamente o Evangelho da salvação, isto é, não podemos esquecer que «para se poder anunciar o Evangelho da esperança, é necessária uma sólida fidelidade ao próprio Evangelho»<sup>196</sup>.

Na encíclica *Redemptoris Missio*, São João Paulo II apresenta-nos o verdadeiro missionário como o santo, pois o chamamento à missão brota do chamamento à santidade, que é «um pressuposto fundamental e uma condição totalmente insubstituível para se realizar a missão de salvação da Igreja»<sup>197</sup>. François Liberman<sup>198</sup> aconselha um confrade enviado em missão:

«seja santo, faça que o sejam todos os seus confrades, disso é que depende a salvação dessas almas infelizes pelas quais sofre, pelas quais se imola. Todos os seus sofrimentos e todos os seus sacrifícios serão estéréis se não forem santificados por todo o conjunto da sua vida. Não basta só oferecer os seus sofrimentos a Deus, não basta oferecer a sua vida pela salvação das almas (...) se não tivermos a santidade de Deus entranhada em todos os hábitos da nossa vida, se esta santidade não dominar, não eliminar ou pelo menos não reprimir todos os nossos defeitos e imperfeições (...) Ah! Como desejaria que todos os meus caros confrades sentissem tão vivamente quanto a necessidade da santidade num

---

<sup>194</sup> Cf. MANNNS, F. – *Qu’est-ce que la nouvelle évangélisation?* Bayard: Montrouge 2012, p. 53-55.

<sup>195</sup> MANNNS, F. – *Qu’est-ce que la nouvelle évangélisation?* p. 55.

<sup>196</sup> IOANNES PAULUS PP. II – “Adhortatio Apostolica Post-Synodalis Ecclesia In Europa”, 2, nº 48.

<sup>197</sup> IOANNES PAULUS PP. II – “Litterae Encyclicae Redemptoris Missio”, nº 90.

<sup>198</sup> Nasceu em Saverne, França, no dia 12 de abril de 1802 e morreu em 1852 em Paris onde está enterrado. Era judeu e converteu-se ao cristianismo. Foi batizado em 1826 em Paris e ordenado padre em 1841 em Amiens. Em Setembro de 1841 fundou a Sociedade do Sagrado coração de Maria que no ano 1848 fez fusão com a Congregação do Espírito Santo. Pio X declara-o Venerável no dia 19 de Junho de 1910.

missionário de África. Seja, pois, santo como Jesus era santo, é esse o único meio de resgatar, de santificar as almas»<sup>199</sup>.

Também Allamano chama a atenção para os futuros missionários da Consolata, apresentando a santidade, que não é uma santidade por capricho mas sim intrínseca ao missionário e a todo o cristão e uma santidade que se torna efetiva no estilo de vida, como fundamento do sucesso missionário: «podemos administrar um sacramento sem sermos santos, mas converter as pessoas sem sermos santos não resulta»<sup>200</sup>.

Para o Papa São João Paulo II, toda a atividade missionária da Igreja, em particular a Nova Evangelização e a Missão *Ad Gentes*, tem a santidade por dinamismo. Santidade esta que «se manifesta através do testemunho da nossa própria fé, da caridade sem limite, do amor vivido e posto em prática nas atividades quotidianas»<sup>201</sup>; que se alimenta da eucaristia, da oração, do sacramento da reconciliação, e da Sagrada Escritura, meditada e vivida<sup>202</sup>. O mesmo disse na missa de envio, por ocasião do segundo retiro mundial dos sacerdotes em Roma, 1990:

«A santidade deve ser também o fundamento da nossa missão de evangelização. (...) O primeiro laço é que a nossa santidade é uma condição estabelecida pelo próprio Deus para tornar a nossa evangelização mais fecunda. (...) O segundo laço é que a força sobrenatural de todo o nosso trabalho de evangelização vem do dom do Espírito, isto é, do dinamismo da nossa santificação. (...) Um terceiro laço é que a santidade torna-se, ela mesma, evangelização. A santidade/evangelização torna-se anúncio de Jesus Cristo e o dom do próprio Cristo»<sup>203</sup>.

Portanto, todos os cristãos, como missionários que somos, são, pois, chamados e obrigados a procurar a santidade e a perfeição próprias da nossa condição, sabendo que a santidade da Igreja, refletida nos seus membros, é «um pressuposto fundamental e uma condição totalmente insubstituível da realização da missão de salvação na Igreja». A

---

<sup>199</sup> Antologia Espiritana, Volume I, Congregação do Espírito Santo e do Imaculado Coração de Maria: Lisboa 2010, pp. 265-266. Ele fala de África porque no início os Missionários do Espírito Santo tinham como terra de missão a África. Hoje certamente não diria «num missionário de África» mas sim «num missionário» pois a congregação encontra-se em todos os continentes.

<sup>200</sup> ALLAMANO, J. – *Tudo pelo Evangelho*, p. 40.

<sup>201</sup> JOÃO PAULO II – “Homilia pronunciada em Espanha por ocasião da canonização de Enrique Osso e Cervello”. In *DC* nº 2077 (1993), p.723.

<sup>202</sup> Cf. TYVAERT, S. – La nouvelle évangélisation chez Jean-Paul II et Benoît XVI. In *Lumen Vitae* 2 (2012), p. 170.

<sup>203</sup> TYVAERT, S. – La nouvelle évangélisation chez Jean-Paul II et Benoît XVI, p. 168.

própria eficácia de toda a atividade eclesial depende dela, isto porque «a santidade da Igreja é a fonte secreta e a medida infalível da sua operosidade apostólica e do seu dinamismo missionário. Só na medida em que a Igreja, Esposa de Cristo, se deixa amar por Ele e O ama, é que ela se torna Mãe fecunda no Espírito»<sup>204</sup>.

Podemos concluir que «a evangelização, o apelo à santidade e à conversão, tornam-se assim três palavras-chave intimamente ligadas: constituem o conteúdo desta reforma que a Igreja é chamada a viver»<sup>205</sup> (nós acrescentaríamos a fé, se bem que ela é transversal às três sendo a base, como já dissemos). A Igreja é interpelada a ler os sinais dos tempos, para melhor falar ao coração do homem, podendo assim «chegar a atingir e como que a modificar pela força do Evangelho os critérios de julgar, os valores que contam, os centros de interesse, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida da humanidade, que se apresentam em contraste com a Palavra de Deus e com o desígnio da salvação»<sup>206</sup>.

Não é possível haver «um novo céu e uma nova terra» (Ap 21, 1), onde se viva efetivamente o amor a Deus e ao próximo, desejo e objetivo da Igreja, continuadora da missão de Cristo, «se não houver em primeiro lugar homens novos, pela novidade do batismo e da vida segundo o Evangelho»<sup>207</sup>.

Tudo o que dissemos até agora só se torna realidade se vivermos sob a força e ação do Espírito Santo que acompanhou Cristo, os Apóstolos e acompanha a Igreja. Ou seja, só é possível chegarmos à fé, vivê-la com autenticidade, aceitar, corresponder ao apelo à santidade e conseqüentemente à conversão, sermos evangelizadores que testemunham com a vida o que pregam, se nos deixarmos mover pelo Espírito Santo. Sendo Ele o protagonista da missão, Aquele que permite e anima a Igreja na geração de novos filhos, não é possível nenhuma ação frutífera sem o ter em conta, sabendo que Ele nos antecede em tudo e é Ele que nos desperta para o acolhimento e a vivência do Evangelho, escrito sob sua inspiração.

---

<sup>204</sup> IOANNES PAULUS PP. II – “Adhortatio Apostolica Post-Synodalis Christifideles Laici” n° 17.

<sup>205</sup> BRESSAN, L. – Un synode pour la réforme de l’Eglise. In *Lumen Vitae* 2 (2012), p. 134; Cf. XIII ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS – *Instrumentum laboris*, n° 24.

<sup>206</sup> PAULUS PP. VI – “Adhortatio Apostolica Evangelii Nuntiandi”, n° 19.

<sup>207</sup> PAULUS PP. VI – “Adhortatio Apostolica Evangelii Nuntiandi”, n° 18.

## **2. A pertinência do testemunho de vida na evangelização hoje**

No ponto anterior, vimos como o testemunho de vida não é um compartimento que é anexado à vida do cristão ou algo que nasce só para a evangelização, mas sim algo que é inerente ao ser cristão, isto é, à sua fé, ao seu chamamento à santidade, que implica uma conversão e aderência ao Evangelho, visível nas atitudes e comportamentos dum cristão. Portanto, o testemunho de vida é intrínseco ao batismo que recebemos e que nos faz cristãos, isto é, outros “cristos” que não só anunciam o Reino mas o vivem e realizam na sua vida.

Assim sendo, o testemunho de vida é algo que devia estar presente desde sempre na vida missionária da Igreja? E esteve, como fomos mostrando ao longo do nosso trabalho. Desde o início da Igreja, o testemunho de vida foi sempre tido como algo de fundamental no anúncio da Boa Nova. Os Atos do Apóstolos testemunham-nos isso. Consultando a própria história, vemos como a coerência de vida e a fidelidade ao Evangelho, que levou ao martírio, sobretudo no início, foi motivo de admiração e de mudança de comportamento, mesmo a nível político. Muitos se interrogavam ao verem o testemunho dos cristãos, tanto a nível religioso como a nível civil, e aderiram a Cristo.

Se assim é, por que nos interrogamos sobre a importância do testemunho de vida hoje na evangelização, sabendo que ela foi desde sempre importante e preponderante na obra evangelizadora? Pois é isso que nos dispomos a refletir e apresentar neste ponto.

### **2.1. Pequena resenha analítica da sociedade atual**

Quando um paciente se apresenta perante o médico e lhe apresenta os seus sintomas, este faz um diagnóstico para apurar os factos e, assim, apresentar um tratamento que possa curar o doente. Assim deve fazer a Igreja perante os destinatários da sua ação evangelizadora, ou seja, tem de «saber ler e decifrar os novos cenários que nestas últimas décadas se têm vindo a criar na história da humanidade, para os habitar e transformar em lugares de testemunho e de anúncio do Evangelho».<sup>208</sup>

Não há dúvida de que houve uma mudança de paradigma na sociedade atual, que resulta num eclipse de dogmas e valores fixos, substituídos por um agnosticismo, uma

---

<sup>208</sup> XIII ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIO DO SÍNODO DOS BISPOS – *A nova evangelização para a transmissão da fé cristã. Lineamenta*, nº 6.

multiplicidade de verdades, um subjetivismo, uma segmentação das “cosmovisões”, com uma desagregação do sentido da história. Há igualmente, uma pluralidade ideológica e cultural, com grande quantidade de ecletismo, ou seja, a negação de qualquer sistema. Há identicamente uma crise aguda da ética com uma flexibilidade de costumes, permissividade, hedonismo, narcisismo, e uma divisão religiosa. Nada é eterno, os mitos e as ideologias que guiavam a sociedade e a vida nas épocas anteriores à pós-modernidade perdem o seu valor.

A busca da liberdade absoluta, que acabou por cair na libertinagem, leva a que se caia num relativismo e num niilismo, uma ausência de um critério absoluto e universal, que tem o seu ponto máximo na morte de Deus, Ele que é considerado como o grande limitador da liberdade humana. Assim, se Deus está morto tudo é permitido ao homem. Evidentemente, esta ideia de que não há verdades absolutas coloca grandes desafios à Igreja, já que ela afirma que Jesus é o portador da Verdade, Ele mesmo é Verdade, um conceito difícil de aceitar e de ser acolhido hoje. Ao seguir o caminho do niilismo, surge o risco de cairmos num relativismo, de afirmarmos que tudo possui um valor, sendo que esse valor depende do contexto cultural, da época ou do ponto de vista de cada um de nós. O grande desafio que se coloca à evangelização é saber colocar esses novos métodos ao serviço da verdade, não temer anunciar Cristo tal como Ele é, por palavras e obras. Assim, podemos esperar que o homem de hoje acolha, de uma forma efetiva, a mensagem de Cristo, não temendo as consequências de abraçar a fé ou as mudanças que o Evangelho traz à sua vida.

Com a queda do comunismo como modelo económico, a sociedade atual vê o capitalismo como o único modelo viável para garantir o desenvolvimento e bem-estar geral. Mas este modelo neoliberal que predomina, doutrina e seleciona, através de um sistema de sobrevivência económica do mais competente, os indivíduos de quem necessita, cria cada vez mais espaço para desigualdades e injustiças. O sistema económico tornou-se o centro de tudo, sendo até as pessoas resumidas a meros bens ou ativos. O ser humano passa a ser algo manipulável e mecânico, um meio para chegar ao produto final, uma peça num complexo e desumano sistema de produção. Ao mesmo tempo, o ser humano é o consumidor final, mas, como cada vez mais a oferta é maior do que a procura, a sociedade é conduzida a buscar incansavelmente a satisfação de “necessidades” criadas artificialmente, através da publicidade e das modas, por forma a garantir um mercado

livre globalizado. Possuir mais coisas acaba por ser, cada vez mais, o objetivo da vida humana. Vivemos numa alienação onde “ser” é mais confundido com o “ter”.

Dentro desta realidade, a relação do homem com a cultura e com o sagrado é a de um mero “comprador” perante um bem. A religião torna-se um “assunto privado”, na qual se pode escolher o que melhor satisfaz, dirigidos pelas suas preferências, determinando a formação de uma religiosidade individual.

A secularização que, tendo em vista, no seu início, algo de positivo que era uma fé madura e responsável, «transformou-se em secularismo (...) [que] infiltrou-se nas instituições até se tornar, nos nossos dias, cultura e comportamento das massas, de tal forma que não se tem mais possibilidade de lhe fixar os limites objetivos»<sup>209</sup>. O secularismo remeteu Deus e, conseqüentemente, a fé para a esfera privada e intimista, fazendo querer na possibilidade de uma falsa liberdade onde Deus não tinha lugar, a não ser para aqueles, considerados por vezes como francos, que o queiram.

A globalização, que tem um sentido positivo enquanto proximidade de todos a tudo ou respeito pelas diferenças, tem derivações perigosas<sup>210</sup>. Ela criou a sensação de todos pertencermos à mesma realidade, cada vez mais o homem se vê diluído no coletivo, perdendo a capacidade de ter uma ideia ou opinião.

Uma das primeiras coisas que o nosso Papa Francisco se apercebeu quando chegou à cadeira de Pedro (provavelmente já se tinha apercebido antes), é que a Igreja está muito centrada sobre si mesma e precisa de ir ao encontro das pessoas, “sair da sacristia” e ir às “periferias” da sociedade. Uma das realidades sociais que provocou o aumento da periferia, se assim podemos dizer, é a migração. Várias são as pessoas que abandonam o seu país à procura de uma melhor condição de vida; outras fogem por causa da guerra; outras por causa de regimes desumanos; das catástrofes naturais. No entanto, nem sempre encontram aquilo que procuram do outro lado, alguns até ficam numa situação bem pior do que antes. Elas precisam de acolhimento da parte das comunidades que os recebem para uma melhor integração. Nisso, os cristãos são os primeiros a serem chamados a dar o exemplo de Cristo acolhedor e próximo. Este fenómeno provocou

---

<sup>209</sup> FISICHELLA, R. – *A Nova Evangelização*, p. 35..

<sup>210</sup> Cf. CLEMENTE, M. – *O tempo pede uma nova evangelização*, p. 66.

também uma certa perda de identidade religiosa, que levou por vezes ao afastamento da vivência da fé em Igreja.

Uma outra realidade presente na nossa sociedade é o individualismo. A sociedade antes vista como um corpo indivisível, começa a ser caracterizada pela primazia e a centralidade do indivíduo e não do grupo, como sujeito de direitos e de decisões; o primado da subjetividade; o pluralismo e a ideologia; a concepção linear de história; a realimentação mútua entre ciência e tecnologia. Esta nova concepção de sociedade favoreceu a construção de um mundo mais democrático, onde os direitos humanos do indivíduo devem ser respeitados. Como afirma a *Gaudium et spes*: «O mundo actual apresenta-se, assim, simultaneamente poderoso e débil, capaz do melhor e do pior, tendo patente diante de si o caminho da liberdade ou da servidão, do progresso ou da regressão, da fraternidade ou do ódio» (GS 9).

O individualismo que reina na esfera económica invadiu a esfera religiosa, o que torna necessário que os próprios evangelizadores deixem de viver a sua fé de uma forma *lighth*, individualista e consumista. São João Paulo II incentivou a Igreja

«a dar o seu testemunho por Cristo, assumindo posições corajosas e proféticas, face à corrupção do poder político ou económico; não correndo ela própria atrás da glória e dos bens materiais; usando os seus bens para o serviço dos mais pobres e imitando a simplicidade de vida de Cristo. A Igreja e os missionários devem ainda dar o testemunho da humildade, começando por si próprios, ou seja, desenvolvendo a capacidade de exame de consciência, a nível pessoal e comunitário, a fim de corrigirem nas suas atitudes aquilo que é antievangélico e desfigura o rosto de Cristo»<sup>211</sup>.

Perante a mentalidade da nossa sociedade, a própria cultura vê ruir os seus mitos, ideologias, verdades e valores. Surge o relativismo, os valores fundamentados sobre uma pretensa verdade absoluta perdem a sua grandeza plena e apenas são acolhidos como verdade quando se comprova que dão um contributo para o funcionamento correto da sociedade ou se defendem certos interesses. Verificou-se também o brotar de um niilismo.

Vivemos numa sociedade afetada em todas as etapas da vida. Ela «está fragilizada nas famílias, incerta na juventude, perplexa na meia-idade e desacompanhada na velhice (...) a grande massa da informação e distração, não criticada nem assimilada, reduz

---

<sup>211</sup> IOANNES PAULUS PP. II – “Litterae Encyclicae Redemptoris Missio”, nº 43.

facilmente a realidade ao virtual ou imediatamente compensatório, sobretudo sem compromisso»<sup>212</sup>.

A pessoa humana cresce assim num mundo em que não há mais valores comuns, que estabelecem o agir nas distintas áreas da vida, nem uma realidade única, semelhante para todos. Há um determinado número de morais, repartido entre diferentes comunidades de vida e de convicção. Contudo, isto não significa que as pessoas não orientem mais o seu agir e a sua conduta de vida segundo valores supraordenados, que predominam em suas comunidades. Valores como o direito à vida são aceites nas maiorias das sociedades, principalmente na sociedade ocidental, mas mesmo assim a visão da defesa da vida não é idêntica para todos, pois no meio da aclamação do direito à vida, defendem-se a pena de morte, o aborto ou a eutanásia.

Olhando para tudo isto, constatamos que de facto há uma urgência missionária, que os próprios bispos do sínodo sobre a Nova Evangelização e a transmissão da fé se aperceberam, que não podemos mais adiar:

«Guiar os homens e as mulheres do nosso tempo a Jesus, ao encontro com Ele, é uma urgência em todas as regiões do mundo, de antiga e de recente evangelização. De facto, em toda a parte se sente a necessidade de reavivar uma fé que corre o risco de se ofuscar em contextos culturais que obstam à sua radicação pessoal e a presença social, a clareza dos conteúdos e os frutos coerentes»<sup>213</sup>.

Na mensagem final, os mesmos bispos reconheceram os problemas que os desafios da sociedade atual colocam a toda a Igreja, mas não veem isso como um “bicho-de-sete-cabeças” mas como uma oportunidade que a Igreja tem, na força do Espírito Santo, de apresentar o Evangelho com mais vida e de forma mais eficaz:

«Não nos escondemos os problemas que estes desafios apresentam, mas eles não nos assustam. Isto é válido antes de tudo para os fenómenos da globalização, que devem ser para nós oportunidades para uma dilatação da presença do Evangelho. Assim também as migrações — mesmo se com o peso dos sofrimentos que comportam e dos quais queremos estar sinceramente próximos com o acolhimento próprio dos irmãos — são ocasiões, como aconteceu no passado, de difusão da fé e de comunhão entre as variedades

---

<sup>212</sup> CLEMENTE, M. – *O tempo pede uma nova evangelização*, p. 23.

<sup>213</sup> XIII ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS - *Mensagem ao povo de Deus*, nº 2.

das suas formas. A secularização, mas também a crise da hegemonia da política e do Estado, pedem à Igreja que reconsidere a própria presença na sociedade, sem a isso renunciar. As muitas e sempre novas formas de pobreza abrem espaços inéditos ao serviço da caridade: a proclamação do Evangelho compromete a Igreja a estar com os pobres e a ocupar-se dos seus sofrimentos, como Jesus. Até nas formas mais ásperas de ateísmo e de agnosticismo sentimos que podemos reconhecer, mesmo se de formas contraditórias, não um vazio, mas uma saudade, uma expectativa que espera uma resposta adequada»<sup>214</sup>.

A Igreja tem, de facto, de sair e ir ao encontro de cada homem e enfrentar com confiança os problemas atuais, sem nunca se esquecer da promessa de Cristo: «Eu estarei sempre convosco até ao fim dos tempos» (Mt 28, 20).

Torna-se necessário viver de uma forma verdadeiramente fraterna, onde reine a caridade e a força mobilizadora e congregadora do Espírito Santo. Cada um deve estar disponível e aberto para acolher o outro como um irmão e com ele caminhar e construir o Reino; «é necessário dar forma a comunidades acolhedoras, nas quais todos os marginalizados encontrem a sua casa, a experiências concretas de comunhão que, com a força ardente do amor — ‘*Vede como se amam!*’ — atraiam o olhar desencantado da humanidade contemporânea»<sup>215</sup>.

## **2.2. Testemunho de vida: uma resposta à sociedade atual**

Nem tudo é mau na contemporaneidade, já que vai crescendo nos nossos dias a sensibilidade para os direitos humanos, para a luta contra a pobreza, pelas causas ecológicas, pelo reconhecimento e preservação das culturas e dos povos. Não obstante o materialismo consumista que prende o homem hoje, há, na sociedade atual, um emergir da sede dos valores superiores que respondem às aspirações mais profundas, fruto, se calhar, da desilusão perante as ideologias que foram surgindo na tentativa de dar respostas às buscas existenciais do homem<sup>216</sup>. Isso comprova-se com os novos movimentos eclesiais que vão surgindo. A essa aspiração é preciso dar uma resposta convincente e verdadeira, pois há muitas respostas que vão surgindo, aproveitando-se da situação, sem

---

<sup>214</sup> XIII ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS - *Mensagem ao povo de Deus*, nº 6.

<sup>215</sup> XIII ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS - *Mensagem ao povo de Deus*, nº 3.

<sup>216</sup> Cf. MARTINS, J. S. – *Ide e anunciai*, p. 343.

que leve o homem ao encontro com Aquele que dá sentido à sua vida. A resposta que podemos dar e devemos dar é anunciar a Boa Nova de Cristo com testemunho de vida, sem descurar do anúncio explícito do Evangelho. Testemunho esse que não é só obras mas é também o manifestar de uma vida de intimidade com Cristo. Isto, porque não se pode ser evangelizador nem testemunha sem uma verdadeira vida de oração, de sacramentos. Pois «antes de se transformar em ações, a evangelização e o testemunho são duas atitudes que, como fruto de uma fé que continuamente as purifica e converte, surgem nas nossas vidas do encontro com Jesus Cristo, Evangelho de Deus para o homem»<sup>217</sup>. Assim como Cristo, a nossa ação evangelizadora deve levar a uma relação de intimidade com o Pai, no Filho, pelo Espírito Santo, que, obviamente, se reflete nas nossas ações. E estas permitir-nos-ão responder aos que nos interrogam sobre a eficácia e importância da vida em Cristo: vede como vivo. Jesus, quando os discípulos de João o interrogaram sobre a sua identidade, não lhes mostrou o *Curriculum Vitae*, mas apresentou factos que falam por si, dando-O a conhecer (cf. Lc 7, 21-22).

No contexto hodierno em que vivemos, a emergência educativa na qual nos encontramos, em que há de facto «sede de autenticidade»<sup>218</sup>, são-nos lançadas, com força e em alto brado, estas perguntas: «Acreditais verdadeiramente naquilo que anunciais? Viveis aquilo em que acreditais? Pregais vós verdadeiramente aquilo que viveis?»<sup>219</sup>.

As palavras de Pio XII, pronunciadas há mais de 60 anos, ganham força e atualidade: «hoje mais que nunca, e como nos primeiros tempos da sua existência, a Igreja tem necessidade do testemunhas mais do que apologistas: de testemunhas que, através de toda a sua vida, façam resplandecer o verdadeiro rosto de Cristo e da Igreja, aos olhos do mundo pagанизado que os circunda»<sup>220</sup>. E também as palavras do Papa Paulo VI:

«O homem contemporâneo escuta com melhor boa vontade as testemunhas do que os mestres, ou então se escuta os mestres, é porque eles são testemunhas. (...) Será pois, pelo seu comportamento, pela sua vida, que a Igreja há-de, antes de mais nada, evangelizar este mundo; ou seja, pelo seu testemunho vivido com fidelidade ao Senhor

---

<sup>217</sup> XIII ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS – *Instrumentum laboris*, nº 20.

<sup>218</sup> PAULUS PP. VI – “Adhortatio Apostolica Evangelii Nuntiandi”, nº 76.

<sup>219</sup> PAULUS PP. VI – “Adhortatio Apostolica Evangelii Nuntiandi”, nº 76.

<sup>220</sup> PII XII – “Conventum Eucharisticum e Tota Gallia in urbe Nannetensi Coadunatis”. *In ASS* 39 (1947), p. 312.

Jesus, testemunho de pobreza, de desapego e de liberdade frente aos poderes deste mundo; numa palavra, testemunho de santidade»<sup>221</sup>.

Os bispos europeus, aquando de uma assembleia especial, reconheceram a necessidade e a importância do testemunho de vida para a Europa de hoje e para o mundo em geral:

«para que os europeus do nosso tempo, que dão valor sobretudo ao que se vê e se pode tocar, possam acolher o Evangelho, é necessário que o testemunho das pessoas e das comunidades acompanhe sem cessar o anúncio da palavra de Deus e o confirme, manifestando a sua verdade e força divina. Em fidelidade a tantos novos mártires do nosso tempo, este testemunho deve tirar a própria eficácia da santidade de vida, tornando visível na existência o mistério de comunhão com Deus e entre os homens que a Igreja celebra na Eucaristia»<sup>222</sup>.

O Papa Bento XVI, na exortação pós-sinodal *Ecclesia in Medio Oriente*, e São João Paulo II, nas exortações pós-sinodais *Ecclesia in Oceania, in Africa e in Asia*, dedicam vários números ao testemunho de vida, ressaltando a preponderância deste no anúncio autêntico e comprometedor do Evangelho. Chamam a atenção a todos os cristãos para a obrigação que têm, cada um no seu estado de vida, de ser “sal e luz” no meio dos seus irmãos que não saborearam a alegria de viver em e por Cristo, na força do Espírito Santo, pois «as pessoas se deixam persuadir mais pela santidade de vida do que por argumentos intelectuais»<sup>223</sup>. Relembrem, ainda, o facto de, em alguns países destes continentes, só ser possível o anúncio de Cristo ressuscitado através do testemunho de uma presença silenciosa mas interpelante de muitos missionários e cristãos que vivem na clandestinidade a sua fé.

O padre Allamano, consciente da necessidade de uma vida autêntica para o sucesso da missão, disse aos futuros missionários da Consolata: «não bastam o hábito nem as palavras para revelar os verdadeiros missionários e as verdadeiras missionárias; é preciso que se manifestem através das obras»<sup>224</sup>.

---

<sup>221</sup> PAULUS PP. VI – “Adhortatio Apostolica Evangelii Nuntiandi”, nº 41.

<sup>222</sup> ASSEMBLEIA ESPECIAL PARA A EUROPA DO SÍNODO DOS BISPOS – *Sejamos testemunhas de Cristo que nos libertou. Declaração final*. Ed. SGE: Lisboa, 1992, p. 25.

<sup>223</sup> IOANNES PAULUS PP. II – “Adhortatio Apostolica Post-Synodalis Ecclesia in Asia”, nº 42. In AAS 92 (2000), pp. 450-528.

<sup>224</sup> ALLAMANO, J. – *Tudo pelo Evangelho*, p. 45.

Portanto, qualquer projeto de evangelização, de anúncio e de transmissão da fé, não pode ignorar esta necessidade de ter homens e mulheres que, com a sua conduta de vida, dão força ao empenho evangelizador que vivem. É esta sua exemplaridade uma mais-valia que confirma a verdade da sua dedicação, do conteúdo de quanto ensinam e do que pedem para as suas vidas. A atual emergência missionária faz crescer o problema dos missionários por excelência e de todos os cristãos, comprometidos na vivência da sua fé e do seu dever de discípulo missionário, em serem testemunhas credíveis daquela realidade e dos valores sobre os quais é possível fundar tanto a vida pessoal de cada homem, como os projetos comuns do viver social.

Há que trazer Deus de novo para o centro da nossa existência e das nossas decisões, Ele deve ser, realmente, o Senhor que tanto clamamos, mas que tão pouco aceitamos. Mas, para isso, são necessários testemunhos de vida que mostrem a superabundância da riqueza de Cristo na existência de cada homem; testemunhos que falem ao coração de uma forma perceptível e compreensível. Por isso, cada evangelizador deve ter uma vida alicerçada na oração e no acolhimento do Espírito Santo. São João Paulo II afirma na sua exortação apostólica “*Ecclesia in Europa*”:

«Esta forma de pensar levou a considerar o homem como ‘o centro absoluto da realidade, fazendo-o ocupar astuciosamente o lugar de Deus e esquecendo que não é o homem que cria Deus, mas é Deus que cria o homem. O ter esquecido Deus levou a abandonar o homem’ (...) A cultura europeia dá a impressão de uma ‘apostasia silenciosa’ por parte do homem saciado, que vive como se Deus não existisse»<sup>225</sup>.

Encontramos muita gente que diz crer em Deus mas não crer na Igreja, devido aos maus exemplos que damos. A nossa vida de doutores da lei que carregam os outros com fardos insuportáveis, por vezes até suportáveis e de acordo com o Evangelho, mas que nem sequer com um dedo tocam nesses fardos ou vivem aquilo que apregoam (Cf. Lc 11, 46). Não podemos ficar no “faz o que digo mas não faças o que faço”.

Enquanto discípulos missionários, que consiste «não só ensinar uma doutrina, mas anunciar Jesus Cristo com palavras e ações, isto é, fazer-se instrumento da sua presença e ação no mundo»<sup>226</sup>, os cristãos, «esforçando-se por imitar o divino Mestre, podem e

---

<sup>225</sup> IOANNES PAULUS PP. II – “Adhortatio Apostolica Post-Synodalis Ecclesia In Europa”, nº 9.

<sup>226</sup> CONGREGATIO PRO DOCTRINA FIDEI – “NOTA DOCTRINALIS DE QUIBUSDAM RATIONIBUS EVANGELIZATIONIS” nº 2. *In* AAS 100 (2008), pp. 489-504.

devem dar o mesmo testemunho»<sup>227</sup>. Não um testemunho moralizante, para mostrar que somos melhores do que os outros mas sim um testemunho que brota da verdade do encontro com Cristo, um testemunho evangélico. E,

«O testemunho evangélico, a que o mundo é mais sensível, é o da atenção às pessoas e o da caridade a favor dos pobres, dos mais pequenos, e dos que sofrem. A gratuidade deste relacionamento e destas ações, em profundo contraste com o egoísmo presente no homem, faz nascer questões precisas, que orientam para Deus e para o Evangelho. Também o compromisso com a paz, a justiça, os direitos do homem, a promoção humana, é um testemunho do Evangelho, caso seja um sinal de atenção às pessoas e esteja ordenado ao desenvolvimento integral do homem»<sup>228</sup>.

Ao proclamar o ano da fé, o Papa Bento XVI apresentou como um dos objetivos desse ano a credibilidade do testemunho de Vida: «esperamos que o testemunho de vida dos crentes cresça na sua credibilidade»<sup>229</sup>. Consciente da necessidade da renovação da Igreja, chama-nos a atenção para o facto de que «a renovação da Igreja realiza-se também através do testemunho prestado pela vida dos crentes: de facto, os cristãos são chamados a fazer brilhar, com a sua própria vida no mundo, a Palavra de verdade que o Senhor Jesus nos deixou»<sup>230</sup>.

A Igreja tem necessidade não só de rever os seus métodos e estratégias mas sobretudo aumentar a qualidade do seu testemunho<sup>231</sup>, retomando de forma criativa «o contributo das quatro anteriores – testemunho evangélico (mártires), experiência comunitária de adoração e serviço (monges), proximidade com todos, de pobre para pobres (frades), evangelização permanente do mundo em redor (missionários)»<sup>232</sup>. É preciso ter em conta ainda o testemunho de uma vida enraizada em Cristo no meio da sociedade civil, nos trabalhos laicos (os Leigos).

A Igreja tem de dar testemunho alegre de uma vida que brota da contemplação, do encontro com Cristo. Mesmo «não enfrentando – em geral e na Europa – a oposição frontal dos primeiros séculos, o testemunho de hoje, tem de ser convicto, coerente e

---

<sup>227</sup> IOANNES PAULUS PP. II – “Litterae Encyclicae Redemptoris Missio”, nº 42.

<sup>228</sup> IOANNES PAULUS PP. II – “Litterae Encyclicae Redemptoris Missio”, nº 42.

<sup>229</sup> BENEDICTUS PP. XVI – “Litterae Apostolicae Motu Proprio Porta Fidei”, nº 9.

<sup>230</sup> BENEDICTUS PP. XVI – “Litterae Apostolicae Motu Proprio Porta Fidei”, nº 6.

<sup>231</sup> Cf. XIII ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS – *Instrumentum laboris*, nº 158.

<sup>232</sup> CLEMENTE, M. – *O tempo pede uma nova evangelização*, p. 24.

persistente, nos vários meios em que a vida decorre»<sup>233</sup>, respondendo assim ao chamamento à santidade. Cada um tem de viver segundo a sua condição, na «fidelidade ao Senhor Jesus, ao seu estilo, ao seu modo de viver, de fazer e de dizer: Dom total de Si mesmo num estilo de vida pobre, despojado, apaixonado, feliz, ousado, próximo e dedicado»<sup>234</sup>.

O *L'Osservatore Romano*, na sua edição de 15-16 de outubro de 2012, ao apresentar a análise dos trabalhos da primeira semana do Sínodo sobre a evangelização, deu-nos conta da consciência que os bispos sinodais tiveram de que «a primeira responsabilidade no esmorecimento da fé nos países de antiga cristandade se fica a dever sobretudo à responsabilidade dos próprios cristãos, debilitados no testemunho, porque menos conhecedores e menos convictos do anúncio». Isto vale também para a Missão *Ad Gentes*. Não há dúvida que o testemunho, por ser uma vida exposta, é mais forte e mais radical de que todas as provas que possamos dar. No entanto, ele tem de levar o destinatário a não se inclinar perante as provas, mas a fazer, ele próprio, a sua experiência. Vemos isso no episódio de Filipe e Natanael que nos narra Jo 1, 45-46<sup>235</sup>.

Estamos conscientes de que «os mudados cenários sociais, culturais, económicos, políticos e religiosos chamam-nos a algo novo: a viver de modo renovado a nossa experiência comunitária de fé e o anúncio, mediante uma evangelização ‘nova no seu fervor, nos seus métodos, nas suas expressões’»<sup>236</sup>. A evangelização tem de «repropor ao coração e à mente, não poucas vezes distraídos e confundidos, dos homens e das mulheres do nosso tempo, antes de tudo a nós mesmos, a beleza e a novidade perene do encontro com Cristo (...), [ela que] tem o seu centro em Cristo e a atenção na pessoa humana, para dar vida a um encontro real com Ele»<sup>237</sup>.

O convite, que é mais que um convite, um imperativo, a evangelizar através da vida, «requer, antes de mais, o compromisso de viver o Evangelho que pregamos, de o incarnar na vida pessoal e comunitária, de forma que, o anúncio da Boa Nova seja

---

<sup>233</sup> CLEMENTE, M. – *O tempo pede uma nova evangelização*, p. 24.

<sup>234</sup> COUTO, A. – *Os desafios da nova evangelização*. Paulus Ed.: Lisboa 2014, p. 23.

<sup>235</sup> Cf. COUTO, A. – *Os desafios da nova evangelização*, p. 87-88.

<sup>236</sup> XIII ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS - *Mensagem ao povo de Deus*, nº 2.

<sup>237</sup> XIII ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS - *Mensagem ao povo de Deus*, nº 10.

sustentado pela força do próprio testemunho evangélico»<sup>238</sup>. O Papa Francisco recorda-nos a necessidade de estarmos convencidos de que a vida sem Cristo perde o seu verdadeiro sentido, para podermos permanecer numa fervorosa evangelização:

«não se pode perseverar numa evangelização cheia de ardor, se não se está convencido, por experiência própria, que não é a mesma coisa ter conhecido Jesus ou não O conhecer, não é a mesma coisa caminhar com Ele ou caminhar tateando, não é a mesma coisa poder escutá-Lo ou ignorar a sua Palavra, não é a mesma coisa poder contemplá-Lo, adorá-Lo, descansar n'Ele ou não o poder fazer. (...) E uma pessoa que não está convencida, entusiasmada, segura, enamorada, não convence ninguém»<sup>239</sup>.

Os bispos africanos, aquando do primeiro sínodo para a África, chamaram a atenção para a necessidade de não perder de vista aquilo que é fundamental, sem o qual não há uma verdadeira missão evangelizadora: Cristo. É preciso dar a centralidade às Palavras e gestos de Cristo, que constituem o alicerce da atividade missionária da Igreja. O cardinal Napier recordou as consequências desastrosas que advêm da não centralidade de Cristo: «se queremos ter um impacto sobre a sociedade, o Evangelho deve estar no centro da nossa vida e cada membro da Igreja deve ser autenticamente e profundamente evangelizado, nós devemos procurar uma amizade autêntica, uma relação pessoal com Cristo»<sup>240</sup>.

Diz-nos a carta aos Hebreus: «Recordai-vos dos vossos guias, que vos pregaram a palavra de Deus; observai o êxito da sua conduta e imitai a sua fé» (Hb 13, 7). Aqui fica bem assente que nunca podemos descurar do anúncio, no entanto, «o estilo de vida do crente provoca a imitação»<sup>241</sup>, pois nós não acreditamos simplesmente numa teoria mas sim numa mensagem de vida que nos transforma, na medida em que nos encontramos com essa mensagem que é a própria pessoa de Cristo. A própria «eficácia do ministério não se resolve com a pregação; esta tem de encontrar realização visível num testemunho que lhe ateste a credibilidade»<sup>242</sup>, dando razões da nossa fé. O Papa Francisco recorda-

---

<sup>238</sup> GRIÉGER, F. P. – *Pédagogie personnalisée et la nouvelle évangélisation*. Leberit: Roma, 2001, p. 52.

<sup>239</sup> FRANCISCUS PP. – “Adhortatio Apostolica Evangelii Gaudium”, n° 266.

<sup>240</sup> BINGIBYAGE, P. K. – “Le Christ au centre de la mission de l’Église. Poin de vue africain”. In *SPIRITUS* 198(Mars 2010), p. 45.

<sup>241</sup> FISICHELLA, R. – *A Nova Evangelização*, p. 60.

<sup>242</sup> FISICHELLA, R. – *A Nova Evangelização*, p. 61.

nos que «Jesus quer evangelizadores que anunciem a Boa Nova, não só com palavras mas sobretudo com uma vida transfigurada pela presença de Deus»<sup>243</sup>.

Todos estamos conscientes da insuficiência da evangelização para a adesão à fé, quer no que toca à Missão *Ad Gentes* quer à Nova Evangelização, caso o anúncio não «se fundar no mistério que determina a vida e que se relaciona com o mistério infinito do Deus de Jesus Cristo»<sup>244</sup>. E quando há uma resposta de fé, é preciso que as comunidades acolham os convertidos e se tornem «locais disponíveis e acolhedores de adoração e serviço, autênticos ‘mosteiros na cidade’»<sup>245</sup>.

O testemunho de cristão nasce do amor de Deus para conosco, amor este que nos transforma e nos remete para o outro, isto é, faz brotar em nós o amor ao próximo e envia-nos a amar gratuitamente como fomos amados: «assim como Deus nos amou com um amor gratuito, assim também os fiéis, pela sua caridade, sejam solícitos pelos homens, amando-os com o mesmo zelo com que Deus veio procurá-los» (AG 12). Paulo VI, na *Evangelii Nuntiandi*, insistiu muito na primazia do testemunho de vida na ação evangelizadora da Igreja: «o testemunho de uma vida autenticamente cristã, entregue nas mãos de Deus, numa comunhão que nada deverá interromper, e dedicada ao próximo com um zelo sem limites, é o primeiro meio de evangelização»<sup>246</sup>. Mas, para que haja um verdadeiro e frutuoso testemunho de Cristo, os cristãos

«unam-se a esses homens [os não cristão ou também os que não vivem como cristão] com estima e caridade, considerem-se a si mesmos como membros dos agrupamentos humanos em que vivem, e participem na vida cultural e social através dos vários intercâmbios e problemas da vida humana; familiarizem-se com as suas tradições nacionais e religiosas; façam assomar à luz, com alegria e respeito, as sementes do Verbo nelas adormecidas; mas atendam, ao mesmo tempo, à transformação profunda que se opera entre os povos e trabalhem por que os homens do nosso tempo não dêem tanta importância à ciência e tecnologia do mundo moderno que se alheiem das coisas divinas, mas, antes pelo contrário, despertem para um desejo mais profundo da verdade e da caridade reveladas por Deus» (AG 11).

---

<sup>243</sup> FRANCISCUS PP. – “Adhortatio Apostolica Evangelii Gaudium”, n° 259.

<sup>244</sup> FISICHELLA, R. – *A Nova Evangelização*, p. 66.

<sup>245</sup> CLEMENTE, M. – *O tempo pede uma nova evangelização*, p. 24.

<sup>246</sup> PAULUS PP. VI – “Adhortatio Apostolica Evangelii Nuntiandi”, n° 41.

A evangelização é, na essência, um gesto de amor para com os irmãos e irmãs, aos quais oferecemos a Palavra de Deus, a Boa Nova. Não chegamos ao coração da evangelização se nos preocuparmos só com noções e normas. Não seremos salvos pelas táticas. O cristianismo não será salvo pelas táticas, mas por uma fé repensada e revivida de modo novo, mediante o qual Cristo, e, com Ele, o Deus vivo, entra neste nosso mundo. A primazia deve ser dada ao testemunho, portanto, como principal instrumento para levar a toda pessoa, de qualquer lugar e em todo tempo, o anúncio de que a salvação se tornou realidade. Assim sendo, é no meio desta sociedade atual, com todos os desafios que ela nos lança, que

«todos os fiéis cristãos, onde quer que vivam, têm obrigação de manifestar, pelo exemplo da vida e pelo testemunho da palavra, o homem novo de que se revestiram pelo batismo, e a virtude do Espírito Santo por quem na Confirmação foram robustecidos, de tal modo que os demais homens, ao verem as suas boas obras, glorifiquem o Pai e compreendam, mais plenamente o sentido genuíno da vida humana e o vínculo universal da comunidade humana» (AG 11).

Não há Evangelização sem uma fé vivida. O anúncio pressupõe o testemunho de vida, «quem quiser pregar, deve primeiro estar disposto a deixar-se tocar pela Palavra e encarná-la na sua vida concreta»<sup>247</sup>.

É bem verdade que a fé é dom de Deus, mas chega às pessoas pela mediação da Igreja e pelo seu testemunho. Só quem vive a fé é que poderá ser veículo para a transmitir. Mais do que aos discursos, as pessoas estão sensíveis às obras e ao testemunho de vida. Não basta dizer que o Evangelho “humaniza”. Temos de testemunhar isso, e os testemunhos de vida suscitam espanto, interpelam e provocam interrogações. Paulo VI descreveu um exemplo concreto, quando escreveu:

«Suponhamos um cristão ou um punhado de cristãos que, no seio da comunidade humana em que vivem, manifestam a sua capacidade de compreensão e de acolhimento, a sua comunhão de vida e de destino com os outros, a sua solidariedade nos esforços de todos para tudo aquilo que é nobre e bom. Assim, eles irradiam, de um modo absolutamente simples e espontâneo, a sua fé em valores que estão para além dos valores correntes, e a sua esperança em qualquer coisa que não se vê e que não se seria capaz sequer de imaginar.

---

<sup>247</sup> FRANCISCUS PP. – “Adhortatio Apostolica Evangelii Gaudium”, n° 150.

Por força deste testemunho sem palavras, estes cristãos fazem aflorar, no coração daqueles que os veem viver, perguntas indeclináveis: Por que é que eles são assim? Por que é que eles vivem daquela maneira? O que é, ou quem é, que os inspira? Por que é que eles estão connosco? Pois bem: um semelhante testemunho constitui já proclamação silenciosa, mas muito valiosa e eficaz, da Boa Nova»<sup>248</sup>.

O Evangelho será uma das forças em convergência com outras forças a moldar a nova civilização se for tornado presente pela credibilidade de testemunhas de autêntica vivência cristã. A autenticidade de vida tornará forte e poderosa a palavra da Igreja, e através dela, o Evangelho estará presente<sup>249</sup>. Não temos dúvidas da importância e da eficácia da Palavra de Deus para construirmos uma nova civilização, mas

«a palavra de Deus, ontem, hoje e sempre só é eficaz se a Igreja ao anunciá-la manifesta uma vida e instituição em que os valores do Reino ocupam verdadeiramente o primeiro lugar. Nunca como hoje, o testemunho é urgente, seja das pessoas, seja das comunidades, que mostrem, não apenas por palavras, mas sobretudo pelas obras, a síntese vital entre o esforço do humano e os bens da religião. É preciso mostrar claramente que existe no cristianismo uma capacidade profunda de transformar os homens e a sociedade, para que a Igreja não seja esvaziada, por muitos contemporâneos nossos, transformando num simples sistema ou numa qualquer ideologia entre outras, incapaz de salvar radicalmente o homem e a sociedade. A eficácia das palavras está na autenticidade da acção»<sup>250</sup>.

O testemunho, que leva por vezes ao dom da própria vida, ou seja, ao martírio, enfrentado por muitos dos nossos irmãos na fé, no passado e no presente, com verdadeira alegria e grande coragem<sup>251</sup> (como testemunham os vários relatos dos mártires), «é um anúncio vigoroso que trespassa os corações, suscita inquietações e converte à fé»<sup>252</sup>.

Ao ressaltar aqui a importância do testemunho de vida na evangelização, concretamente na Missão *Ad Gentes* e Nova Evangelização, não pretendemos eliminar as outras dimensões que são também indispensáveis e inseparáveis do testemunho de vida, sobretudo o anúncio que é autenticado pelo testemunho de vida ao mesmo tempo, ele

---

<sup>248</sup> PAULUS PP. VI – “Adhortatio Apostolica Evangelii Nuntiandi”, nº 21.

<sup>249</sup> POLICARPO, J. C. – *A Missão de Evangelizar*, p. 12.

<sup>250</sup> POLICARPO, J. C. – *A Missão de Evangelizar*, p. 208.

<sup>251</sup> Cf. MARTINS, J. S. – *Ide e anunciai*, pp. 218; 224-233.

<sup>252</sup> MARTINS, J. S. – *Ide e anunciai*, p. 218.

explicita-o. O anúncio leva à conversão no sentido da livre aceitação e vivência da boa nova de Cristo e de se tornar um membro da Igreja. Sabemos que «o testemunho pertence à natureza profunda da evangelização de tal modo que, se por um lado, a pregação não se pode habitualmente substituir pelo testemunho, por outro a eficácia da pregação depende, em grande parte, do testemunho de vida»<sup>253</sup>. O testemunho está ligado à caridade que deve acompanhar o Cristão sempre. E esta caridade deve ser para com todos. A Igreja deve seguir a Cristo sempre. Assim como deve, por meio dos seus filhos, estabelecer relações com homens de qualquer condição, de modo especial os abandonados e os pobres. Ela participa da realidade humana: das suas alegrias e dores. No entanto, no exercício da sua missão a Igreja deve ter sempre em conta o seu fim último e não se reduzir às coisas terrenas nem se envolver em campos que não lhe pertencem (cf. AG 12). Também não é possível dar um verdadeiro testemunho cristão se não procuramos dialogar com todos, particularmente com os que não pensam nem têm a mesma fé cristã, que pressupõe a conversão no sentido de um retorno do nosso coração a Deus, no amor e na obediência à sua vontade. É preciso ainda o diálogo com a cultura. Sem uma verdadeira compreensão do outro, de forma a apresentar um Evangelho que fala à sua realidade e “encarna” nesta mesma realidade. No entanto, olhando para a realidade social de hoje pensamos ser, mais do que nunca, necessário um testemunho de vida explícito, que abarca todas as outras dimensões, de todos os cristãos e, de modo particular, dos agentes da missão.

Tendo em conta tudo o que fomos dizendo, não podemos não citar as palavras do Papa Paulo VI, que nos apresenta um resumo dos gritos do mundo de hoje, mesmo se já foram pronunciadas há algum tempo, e nos apontam caminhos a seguir:

«O mundo que, apesar dos inumeráveis sinais de rejeição de Deus, paradoxalmente, o procura entretanto por caminhos insuspeitados e que dele sente bem dolorosamente a necessidade, o mundo reclama evangelizadores que lhe falem de um Deus que eles conheçam e lhes seja familiar como se eles vissem o invisível. O mundo reclama e espera de nós simplicidade de vida, espírito de oração, caridade para com todos, especialmente para com os pequeninos e os pobres, obediência e humildade, desapego de nós mesmos e renúncia. Sem esta marca de santidade, dificilmente a nossa palavra fará a

---

<sup>253</sup> POLICARPO, J. C. – *A Missão de Evangelizar*. Obras escolhidas 2, Ed. UCP: Lisboa 2003, p. 201.

sua caminhada até atingir o coração do homem dos nossos tempos; ela corre o risco de permanecer vã e infecunda»<sup>254</sup>.

Chamemos à razão todos os cristãos, cada um no seu “*múnus*”, a darem Jesus Cristo a conhecer, a proporcionar um encontro pessoal com Ele, a partir da alegria e da exemplaridade da sua vida transformada pelo encontro com Cristo, com as palavras exortativas do Papa Paulo VI que são de uma atualidade indiscutível:

«Exortamos, pois, os nossos Irmãos no episcopado, constituídos pelo Espírito Santo para governar a Igreja; exortamos os sacerdotes e diáconos, colaboradores dos Bispos no congregar o povo de Deus e na animação espiritual das comunidades locais; exortamos os religiosos, testemunhas de uma Igreja chamada à santidade e, por isso mesmo, convidados eles próprios para uma vida que testemunhe as bem-aventuranças evangélicas; exortamos os leigos, e com estes, as famílias cristãs, os jovens e os adultos, todos os que exercem uma profissão, os dirigentes, sem esquecer os pobres, quantas vezes ricos de fé e de esperança, enfim, todos os leigos conscientes do seu papel evangelizador ao serviço da sua Igreja ou no meio da sociedade e do mundo; e a todos nós diremos: É preciso que o nosso zelo evangelizador brote de uma verdadeira santidade de vida, alimentada pela oração e sobretudo pelo amor à eucaristia, e que, conforme o Concílio no-lo sugere, a pregação, por sua vez, leve o pregador a crescer em santidade»<sup>255</sup>.

Olhando para a nossa fraqueza, pobreza e debilidade, temos consciência de que é uma tarefa difícil, que precisamos de nos converter ao poder de Cristo que é capaz de renovar todas as coisas. Nunca estaremos, por nós próprios, à altura do compromisso evangelizador, mas temos também a certeza da presença fortificadora do Espírito Santo, ao qual devemos ser dóceis, que nos torna mais capazes do compromisso de testemunhar a Cristo<sup>256</sup>:

«Não se pode testemunhar Cristo sem espelhar a Sua imagem, que é gravada em nós por obra e graça do Espírito. A docilidade ao Espírito permitirá acolher os dons da fortaleza e do discernimento, que são traços essenciais da espiritualidade missionária (...) O Espírito transformá-los-á em testemunhas corajosas de Cristo e anunciadores

---

<sup>254</sup> PAULUS PP. VI – “Adhortatio Apostolica Evangelii Nuntiandi”, nº 76.

<sup>255</sup> PAULUS PP. VI – “Adhortatio Apostolica Evangelii Nuntiandi”, nº 76.

<sup>256</sup> Cf. XIII ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS - *Mensagem ao povo de Deus*, nº 5.

esclarecidos da Sua Palavra: será o Espírito que os conduzirá pelos caminhos árduos e novos da missão»<sup>257</sup>.

Portanto, temos de ser evangelizadores com espírito, que quer dizer

«evangelizadores que rezam e trabalham. Do ponto de vista da evangelização, não servem as propostas místicas desprovidas de um vigoroso compromisso social e missionário, nem os discursos e ações sociais e pastorais sem uma espiritualidade que transforme o coração. Estas propostas parciais e desagregadoras alcançam só pequenos grupos e não têm força de ampla penetração, porque mutilam o Evangelho. É preciso cultivar sempre um espaço interior que dê sentido cristão ao compromisso e à atividade. Sem momentos prolongados de adoração, de encontro orante com a Palavra, de diálogo sincero com o Senhor, as tarefas facilmente se esvaziam de significado, quebrantamo-nos com o cansaço e as dificuldades, e o ardor apaga-se (...) Ao mesmo tempo, ‘há que rejeitar a tentação duma espiritualidade intimista e individualista, que dificilmente se coaduna com as exigências da caridade, com a lógica da encarnação’»<sup>258</sup>.

Finalmente, é de salientar ainda os seguintes pontos:

- O testemunho, sinal de vida enraizada na Palavra de Deus, pertence à natureza do ser cristão e é fruto do encontro transformador com Cristo, que se manifesta no concreto da vida;
- A nossa fé em Cristo ressuscitado é algo que nos “queima” e exige, conseqüentemente, ser partilhada e comunicada na nossa maneira de viver na sociedade, provocando interpelações naqueles que não acreditam;
- A fé em Cristo nasce na Igreja e é nela que ela pode fortificar-se e dar frutos, através do testemunho. E, como membros da Igreja, que é santa em razão do seu Fundador e Esposo, somos chamados a manifestar a sua santidade na nossa vida quotidiana;
- Pelo batismo somos chamados à santidade, como Deus é santo, e, inerente a este chamamento, está o chamamento a uma vida autêntica;

---

<sup>257</sup> IOANNES PAULUS PP. II – “Litterae Encyclicae Redemptoris Missio”, n° 87.

<sup>258</sup> FRANCISCUS PP. – “Adhortatio Apostolica Evangelii Gaudium”, n° 262.

- A fé, a santidade, o testemunho de vida e a evangelização estão de tal modo interdependentes que não pode haver uma sem as outras;
- A nossa sociedade, apesar de marcada pela globalização, secularização, individualismo, consumismo, imigração, tem sede de algo que possa dar resposta à sua inquietação mas está “farta” de palavras ocas, sem vida;
- O homem atual quer uma Igreja justa, responsável, transparente e autêntica que possa apresentar o Evangelho com a própria vida. Já passamos a geração onde todos acreditam na Igreja e não a questionam. Hoje, a Igreja tem de apresentar, com convicção e alegria, a felicidade eterna de uma vida ancorada em Cristo e no seu Evangelho;
- Sendo que todos os cristãos são missionários pelo batismo, cada um deve testemunhar, no meio onde vive e trabalha, uma vida transformada pelo encontro com Cristo. Que os não crentes não olhem para nós e digam “vão à Igreja mas são piores do que eu que não vou”, mas que possam perguntar-nos onde encontrar a resposta para as suas inquietações e força para levar uma vida radiante de alegria e de amor ao próximo;
- Só na força do Espírito Santo, que acompanhou e acompanha todos os discípulos de Cristo que se abrem à sua ação, podemos ser autênticos “cristos” na sociedade de hoje, mesmo com as nossas debilidades e fraquezas.



## Conclusão

Ao terminarmos este trabalho de descoberta e de aprofundamento, alguns sentimentos são suscitados em nós. Por um lado, o sentimento de dever cumprido e de ter valido a pena o percurso percorrido, apesar das dificuldades encontradas, tais como afunilar o nosso tema perante o campo temático tão vasto que é a evangelização ou, então, apresentar coisas concretas e resumidas sobre algo que dispõe de uma enorme quantidade de bibliografia e de várias opiniões divergentes e, por vezes, até contraditórias, o que nos levou a modificar algumas vezes o nosso projeto inicial. Houve também uma dificuldade inicial de percepção do próprio vocabulário “evangelização”/“missão”/“missões”. As dificuldades foram sendo ultrapassadas e conseguimos, ao longo do caminho percorrido, descobrir a riqueza textual que possuímos no que respeita àquilo que é fundamental, primordial para a Igreja: a evangelização. Descobrimos como, desde sempre, houve a preocupação para que haja uma autenticidade de vida cristã, considerada insubstituível na missão evangelizadora da Igreja.

Havendo um fosso entre o Evangelho pregado e a vida concreta, o magistério da Igreja não deixou de apelar para a necessidade de uma conversão que é sinal de maturidade cristã e da santidade da Igreja, expressão na santidade dos seus membros, chamados a cumprir o seu dever missionário, de modo particular, a partir do Vaticano II, que sublinha claramente o facto de todos sermos missionários no estado de vida em que estamos. Os documentos como *Evangelii Nuntiandi* e *Redemptoris Missio* são de uma tal preciosidade e atualidade que, com as fragilidades que têm, o que é normal, torna-se impossível falar da missão evangelizadora da Igreja sem fazer referência a eles. De uma tal preciosidade é também o mais recente documento referente à evangelização, *Evangelii Gaudium*, que espelha a vida simples, próxima e interpeladora que é a vida do Papa Francisco, que não deixa ninguém indiferente, independentemente da crença ou não crença. É de cristãos como o nosso pastor universal que precisamos. Todos estes documentos destacam a necessidade de uma vida verdadeiramente ancorada em Cristo, de uma vida que nasce do encontro transformador com Cristo que nos impele à missão, anunciando-O com palavras e com a vida. Saímos mais ricos e com uma maior bagagem para viver, com mais profundidade e conhecimento, aquilo que é o nosso sonho: ser missionário de Cristo.

Por outro lado, descobrimos um sentimento de que este trabalho é apenas o início de uma caminhada, pois há muito que dizer e aprofundar sobre o tema. É, ainda, início de uma caminhada, porque, como missionários que somos, sentimo-nos desafiados a empreender um processo de conversão pessoal a partir do encontro com Cristo, através da Sua palavra, para que, onde estejamos como missionários, logremos anunciar com autenticidade, com verdade, com convicção, com alegria, a pessoa de Cristo, o único capaz de dar sentido à vida. Não há dúvida de que é necessário com urgência uma verdadeira conversão de toda a Igreja de forma a poder, com as suas limitações e fragilidades, na força do Espírito, anunciar de forma convincente o amor de Deus para com todos os homens manifesto em Cristo Jesus.

Durante várias épocas, a religião, e conseqüentemente a Igreja, teve sempre um papel ativo na sociedade e na vida em geral. Esse papel social foi, pouco a pouco, desaparecendo e o seu lugar foi ocupado por outras ideologias, fruto de uma sociedade que procura viver as novidades e rejeita tudo o que considera “velho”. Se antigamente a própria sociedade, no mundo ocidental, “fazia os cristãos”, no sentido de que todos eram cristãos e quem não era cristão era até discriminado, hoje em dia, a Igreja tem de voltar ao princípio da sua vida e fazer os seus cristãos, e esta não é uma tarefa fácil. Se nas ditas terras de missão, havia uma grande abertura e receptividade dos missionários sem muitas resistências e críticas, hoje em dia, não se dá ouvidos a um missionário que diz uma coisa e faz outra, que não procura entrar na vida do povo, na sua realidade, respeitando-a e a partir daí apresentar as novidades do Evangelho.

Nem tudo está perdido, há que semear a Palavra de Deus com a esperança de que o Reino de Deus pode, através da força do Espírito Santo, germinar em todas as realidades. A questão que se coloca é como fazer chegar estas sementes ao coração de um homem adormecido num mundo que o convida a caminhar noutra direção e que lhe apresenta outros “deuses”, se não houver autenticidade? Como apresentar o Evangelho de Cristo com a atualidade que lhe é intrínseca, para que as pessoas se possam deixar transformar por ele, levando assim uma vida com base nele? Como combater uma das maiores “seitas” do mundo de hoje “cristão não praticante” e uma das maiores “doenças cristãs” viver como se Deus não existisse? As nossas comunidades de hoje são verdadeiramente lugares de encontro com Cristo e lugares onde todos são necessários? Como vemos e acolhemos pessoas que, apesar de serem cristãos, andaram longe de Deus?

As nossas celebrações são convidativas? Proporcionam um verdadeiro encontro com Cristo que irradia na vida? Como dar a eficácia e atualidade que o próprio Evangelho pressupõe? São perguntas para as quais não temos resposta pronta, até porque não foi nosso objetivo responder a todas as questões, o que seria impossível, tendo em conta a nossa própria limitação no assunto. No entanto, estas perguntas devem fazer-nos pensar e procurar o caminho a empreender.

Para atingir o seu objetivo, que é levar a pessoa ao encontro com Cristo, que será vivenciado na e enquanto Igreja, a ação missionária da Igreja tem de munir-se com um novo ardor e novas metodologias, que antes de tudo têm de ser vividos no interior dela mesma. As primeiras e principais mudanças deverão acontecer dentro da Igreja; na forma como ela vive a sua fé e a partilha com os demais. A relação com Cristo tem de ser aprofundada e reavivada, pois é a Sua Boa-Nova que queremos transmitir com alegria ao Mundo, para isso é necessário que haja um elo autêntico e forte com Aquele que nos envia. Depois há que resgatar o papel da comunidade na evangelização, pois o Evangelho mostra que a evangelização se faz em comunidade e não de uma forma individualista, a missão é de todos, a missão é da Igreja. Por fim, há que vencer as barreiras colocadas pela secularização e levar a Palavra para fora das paredes das nossas comunidades paroquiais, ir pelas ruas e aldeias com coragem, alegria e força, por forma a anunciar de uma forma contagiosa a fé que vivemos.

A vida cristã deve ser o modelo e o referencial para a sociedade. Por isso, o Testemunho cristão não deve ser visto como uma opção, e sim, como um imperativo. Para que a missão integral da Igreja seja eficaz é preciso ter como base a vivência da Palavra de Deus. Não se trata de uma experiência apenas intelectual, envolve também a prática. Precisamos de ter autenticidade entre a pregação e a vivência, o próprio Cristo que é nosso Mestre e Senhor viveu aquilo que pregou. Não há uma dualidade entre o que o crente diz e faz, do tipo “faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço”. O testemunho é feito principalmente por meio de nossa vida. Ele fala aos nossos ouvintes mais alto até que as nossas palavras. Por isso, o apóstolo Paulo exorta-nos: «Portai-vos de modo que não deis escândalo nem aos judeus, nem aos gregos, nem à igreja de Deus» (1Cor 10, 32). É dever de todo cristão ter uma vida íntegra, independente do modelo e dos padrões da sociedade moderna. Como disse o Senhor, por intermédio do profeta Malaquias: «Então, vereis outra vez a diferença entre o justo e o ímpio; entre o que serve a Deus e o que não serve»

(Mt 3, 18); demonstrando, assim, ao mundo a diferença entre viver com Deus e viver sem Deus (cf. 2Rs 4, 9; 1Tm 4, 12).

Hoje, precisamos, mais do que nunca, de cristãos que são diferentes dos que não são cristãos, pelo seu modo de vida, pela sua atitude, pelas suas palavras. Cristãos que, comprometidos na sociedade, sejam fermento e deem a conhecer Cristo em tudo que fazem e dizem e não dizem e não fazem. É necessário dar a conhecer Cristo, anunciando a Sua palavra e vivendo a palavra anunciada.

A sociedade acusa a Igreja de ser tradicionalista e de ficar parada no tempo. É verdade que há aspetos que precisamos de avançar e de rever à luz do Espírito Santo. No entanto, há valores dos quais não podemos abdicar, até porque não vêm de nós, mas da lei divina. A sociedade lança-nos desafios. Há que aproveitar o que já foi atingido e tentar aumentar os terrenos comuns onde a Igreja e a sociedade caminham como parceiros. Terrenos como os direitos humanos, a ecologia, a defesa dos mais pobres e débeis da nossa sociedade. Há que trabalhar com as instituições e todos aqueles que buscam um desenvolvimento a todos os níveis, que procuram construir uma sociedade justa e pacífica, instituições onde o Evangelho, através da Sua mensagem e da Sua riqueza, pode dar um contributo inigualável. Ao mesmo tempo, devemos defender valores e pilares fundamentais da sociedade, como a família, o matrimónio, a vida, sem ter medo de sermos vistos como retrógrados ou ultrapassados. Temos de mostrar à sociedade que existem valores que são perenes, pois estão alicerçados Naquele que é eternamente Verdade, Caminho e Vida. A missão, nos dias de hoje, vive um desafio contínuo que, só com a presença e a força do Espírito, pode ser vencido. Será, pois, pelo seu comportamento, pela sua vida, que a Igreja há de, antes de mais, evangelizar este mundo, ou seja, pelo seu testemunho vivido com fidelidade ao Senhor Jesus: testemunho de pobreza, de desapego e de liberdade frente aos poderes deste mundo, numa palavra, testemunho de santidade. A validade do nosso testemunho será mostrada na forma como vivemos. São Paulo, na carta aos filipenses, define o objetivo do nosso testemunho: «para que vos torneis irrepreensíveis e sinceros, filhos de Deus inculpáveis no meio de uma geração pervertida e corrupta, na qual resplandeceis como luzeiros no mundo» (Fl 2, 15). A efetiva testemunha cristã viverá sua vida de forma irrepreensível no poder do Espírito Santo, cujo fruto exibimos quando permanecemos em Cristo (cf. Jo 15, 1-8; Gl 5, 22-23). Portanto, o poder/a força do nosso testemunho é o Espírito Santo. É o Espírito Santo que transforma

a vida (cf. Tt 3, 5) e uma vida transformada é evidente para todos. À medida que testemunhamos, devemos passar muito tempo em oração (toda a nossa vida devia de ser uma oração contínua), apropriando-nos do poder do Espírito Santo, para que sejamos capazes de deixar nossa luz brilhar, de tal forma que os outros reconheçam o poder de Deus em nós (cf. Mt 5, 16). Cristo, antes de enviar os seus discípulos para serem suas testemunhas, deu-lhes o Espírito Santo e é na força do mesmo Espírito que hoje também somos convidados a dar testemunho, apesar das nossas fragilidades e limitações. Não podemos ter medo de sermos santos, conscientes da presença encorajadora e fortificadora do Espírito Santo.

Terminamos este nosso trabalho com o poema “quando a vida fala mais alto” de Paulo De Cappi que exprime, de forma bela e harmoniosa, aquilo que procuramos apresentar:

«Quando a vida fala mais alto, os argumentos e as provas são dispensáveis.

Quando a vida fala mais alto, os sentimentos se acalmam, se equilibram, se harmonizam.

Quando a vida fala mais alto, o supérfluo dá lugar ao importante e fundamental, e o ser humano é mais respeitado e valorizado.

Quando a vida fala mais alto, o coração humano é grande, generoso e altruísta.

Quando a vida fala mais alto, não há lugar para desânimo e pessimismo, nem para o ódio e vingança, e o amor está sempre presente.

Quando a vida fala mais alto, o tempo é precioso, rico e gratificante.

Quando a vida fala mais alto, o dinheiro é apenas um meio, um instrumento e não um fim.

Quando a vida fala mais alto, a família é uma escola, um ninho e sobretudo uma garantia.

Quando a vida fala mais alto, o servir e o doar-se se confundem com a própria vida.

Quando a vida fala mais alto, os profetas, os guias e mestres são ouvidos e seguidos.

Quando a vida fala mais alto, o poder e o domínio dão lugar ao serviço e ao amor.

Quando a vida fala mais alto, os cargos, títulos e honrarias são meras distinções ou funções.

Quando a vida fala mais alto, o bem comum é o interesse maior.

Quando a vida fala mais alto, a convivência é feliz e gratificante.

Quando a vida fala mais alto, nenhuma voz é capaz de silenciá-la.

Quando a vida fala mais alto, Deus é acolhido, reconhecido e louvado»<sup>259</sup>.

---

<sup>259</sup> De COPPI, P. – “Quando a vida fala mais alto”. In LAZZARI, V., *espiritualidade missionária. Ser discípulo missionário hoje*. Mundo e Missão: São Paulo 2008, p. 146.

## Bibliografia

### Documentos do Magistério

ASSEMBLEIA ESPECIAL PARA A EUROPA DO SÍNODO DOS BISPOS – *Sejamos testemunhas de Cristo que nos libertou. Declaração final*. Ed. SGE: Lisboa 1992.

BENEDICTUS PP. XVI – “Adhortatio Apostolica Post-Synodalis Ecclesia in Medio Oriente”. In *AAS* 104 (2012), pp. 751-796.

BENEDICTUS PP. XVI – “Litterae Apostolicae Motu Proprio Porta Fidei”. In *ASS* 103 (2011), pp. 723-734.

BENEDICTUS PP. XVI – “Motu Proprio Ubicumque et Sempre”. In *ASS* 102 (2010), p. 788-792.

BENTO XVI – *Mensagem para o dia mundial das vocações de 2010*, in [http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/vocations/documents/hf\\_ben-xvi\\_mes\\_20101115\\_xlviii-vocations.html](http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/vocations/documents/hf_ben-xvi_mes_20101115_xlviii-vocations.html) (consultado 30/09/2015).

*Bíblia Sagrada*. Defusora Bíblica, 4 Ed.: Lisboa/Fátima 2002.

CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II – *Documentos Conciliares e pontifícios*. Ed. A.O.: Braga 1987.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL FRANCESA – *Propostas de fé para a sociedade atual: I: Servidores e testemunhas da fé*. Gráfica de Coimbra: Coimbra 1997.

CONGREGATIO PRO DOCTRINA FIDEI – “Nota Doctrinalis De Quibusdam Rationibus Evangelizationis”. In *AAS* 100 (2008), pp. 489-504.

CONSELHO PONTIFÍCIO PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO – “Dialogue et Annonce”, in *DC* 2036 (1991), pp. 874-890.

FRANCISCUS PP. – “Adhortatio Apostolica Evangelii Gaudium”. In *AAS* 105 (2013), pp. 1119-1137.

FRANCISCUS PP. – “Litterae Encyclicae Lumen Fidei”. *In AAS* 105 (2013), pp. 555-596.

IOANNES PAULUS PP. II – “Adhortatio Apostolica Post-Synodalis Christifideles Laici”. *In AAS* 81 (1989), pp. 393-568.

IOANNES PAULUS PP. II – “Adhortatio Apostolica Post-Synodalis Ecclesia in Europa”, 2. *In AAS* 95 (2003) pp. 649-719.

IOANNES PAULUS PP. II – “Adhortatio Apostolica Post-Synodalis Ecclesia in Oceania”. *In AAS* 94 (2002), pp. 361-428.

IOANNES PAULUS PP. II – “Adhortatio Apostolica Post-Synodalis Ecclesia in Africa”. *In AAS* 88 (1996), pp. 7-82.

IOANNES PAULUS PP. II – “Adhortatio Apostolica Post-Synodalis Ecclesia in Asia”. *In AAS* 92 (2000), pp. 450-528.

IOANNES PAULUS PP. II – “Epistula Apostolica Novo Millennio Ineunte”. *In AAS* 93 (2001), pp. 266-309.

IOANNES PAULUS PP. II – “Litterae Encyclicae Redemptoris Missio”. *In AAS* 83 (1991), pp. 249-340.

IOANNES PAULUS PP. II – “Litterae Encyclicae Sollicitudo rei socialis”. *In AAS* 80 (1988), pp. 513-586.

IOANNIS PP. XXIII – “Allocutio Gaudet Mater Ecclesia”. *In AAS* 54 (1962), pp. 785-795.

JOÃO PAULO II – Homilia pronunciada em Espanha por ocasião da canonização de Enrique Osso e Cervello. *In DC* nº 2077 (1993), pp. 721-723.

JOÃO PAULO II, *Discurso à Assembleia do CELAM*, Port-au-Prince, 9 de Março de 1983. *In* [https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1983/march/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_19830309\\_assemblea-celam.html](https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1983/march/documents/hf_jp-ii_spe_19830309_assemblea-celam.html) (consultado a 05/10/2015).

PAULUS PP. VI – “Adhortatio Apostolica Evangelii Nuntiandi”. *In AAS* 68 (1976), pp. 5-76.

PII XII – “Conventum Eucharisticum e Tota Gallia in urbe Nannetensi Coadunatis”. In ASS 39 (1947), p. 311-313.

XIII ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS – *A nova evangelização para a transmissão da Fé. Instrumentum laboris*, in [http://www.vatican.va/roman\\_curia/synod/documents/rc\\_synod\\_doc\\_20120619\\_instrumentum-xiii\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20120619_instrumentum-xiii_po.html) (consultado a 25/09/2015).

XIII ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS – *Mensagem ao povo de Deus*, in [http://www.vatican.va/romancuria/synod/documents/rc\\_synod\\_doc\\_20121026\\_message-synod\\_po.html](http://www.vatican.va/romancuria/synod/documents/rc_synod_doc_20121026_message-synod_po.html) (consultado a 05/10/2015).

XIII ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIO DO SÍNODO DOS BISPOS – *A nova evangelização para a transmissão da fé cristã. Lineamenta*, in [http://www.vatican.va/roman\\_curia/synod/documents/rc\\_synod\\_doc\\_20110202\\_lineamenta-xiii-assembly\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20110202_lineamenta-xiii-assembly_po.html) (consultado a 04/10/2015).

## **Estudos**

ALLAMANO, J. – *Tudo pelo Evangelho. Apontamentos de Espiritualidade Missionária*. Ed. Missões Consolata: Torres Novas 2010.

AREAIS, J. – *A cultura da pós-modernidade e os desafios à evangelização*. Ed. UCP: Porto 2000.

ÁVILA, A. – *Una mirada sobre la vida de nuestras Comunidades*. Verbo Divino, Estella 2011.

BARBOSA, A. G. – *A nova evangelização*. Paulinas Ed.: Lisboa 1994.

BIFET, J. E. – *Misionología: Evangelizar en un mundo global*. BAC: Madrid 2008.

BIFET, J. E. – *Teología de la evangelización. Curso de misionología*. BAC: Madrid 1995.

BINGERMER, M. C. – *Viver como crentes no mundo em mudança*. Paulinas Ed.: Prior Velho 2014.

BOSCH, D. J. – *Dynamique de la mission chrétienne. Histoire et avenir des modèles missionnaires*. Ed. Karthala, Hahó et Labor et Fides: Paris, Lomé et Genève 1995.

CARVAJAL, L. G. – *Entre la utopía y la realidad: curso de moral social*. Ed. Sal Terrae: Maliaño 1998.

CLEMENTE, M. – *O tempo pede uma nova evangelização*. Paulinas Ed.: Prior Velho 2013.

COELHO, A. L. – *Uma visão profética da sociedade*. Fundação Voz Portucalense: Porto 2004.

COMBLIN, J. – *Teologia da missão*. Ed. Vozes: Petrópolis 1983.

COUTO, A. – *Os desafios da nova evangelização*. Paulus Ed.: Lisboa 2014.

DE LA FUENTE, E. B. – *Eclesiologia*. BAC: Madrid 2001.

FISICHELLA, R. – *A Nova Evangelização. Um desafio para sair da indiferença*. Paulus Ed., Lisboa 2012.

FLORISTAN, C. – *Conceptos fundamentales del cristianismo*. Trotta: Madrid 1993.

FLORISTAN, C. – *Teologia practica. Teoria y praxis de la accion pastoral*. Ed. Sigueme: Salamaca 1991.

GRIÉGER, F. P. – *Pédagogie personnalisée et la nouvelle évangélisation*. Leberit: Roma 2001.

JORNADAS MISSIONÁRIAS NACIONAIS 2004-2010, *Missão: urgência e prioridade*. OMP: Lisboa 2011.

KAYEMBE, C. M. – *La confirmation comme sacrement pour la mission*. Dissertação final sob orientação de Prof. Doutor António Abel Rodrigues Canavarro, Porto 2014.

MANNS, F. – *Qu'est-ce que la nouvelle évangélisation?* Bayard: Montrouge 2012.

MARTINS, J. S. – *Ide e anunciai. Fundamentos e desafios da missão hoje*. Paulus Ed.: Lisboa 2008.

MASSERDOTTI, G. – *Missionários do Reino. Meditações de Espiritualidade Missionária*. ALÉM-MAR: Lisboa 1992.

NUNES, J. – *Pequenas comunidades Cristãs. O Ondjango e a inculturação em África/Angola*. Ed. UCP: Porto 1991.

NUNES, J. – *Teologia da Missão. Notas e perspectivas*. Obras Missionárias Pontifícias, 2ª edição: Lisboa 2008.

PAGOLA, J. A. – *Acción pastoral para una nueva evangelización*. Sal Terrae: Santander 1991.

PANIKKAR, R. – “Religião”. In FLORISTAN, C. (dir.), *Conceptos fundamentales del cristianismo*. Trotta: Madrid 1993.

PHILIBERT, J. – *La nouvelle évangélisation. De Jean-Paul II à Benoit XVI*. Ed. Des Béatitudes: Clamecy 2012.

POLICARPO, J. C. – *A Missão de Evangelizar*. Obras escolhidas 2, Ed. UCP: Lisboa 2003.

RAMOS, J. A. – *Teologia pastoral*. Biblioteca de autores cristianos: Madrid 1999.

REGO, A. da S. – *Lições de Missionologia. Estudos de ciências políticas e sociais* n°56. Junta de Investigações do Ultramar: Lisboa 1961.

SANTOS, A. – *Teologia sistemática de la misión*. Ed. Verbo Divino: Estella 1991.

SENIOR, D. – STUHLMUELLER, C. – *Bíblia y Mision*. Ed. Verbo Divino: Estella 1985.

TEISSIER, H. – *La mission de l'église*. Desclée: Paris 1985.

URÍBARRI, G. – *Bíblia y nueva evangelización*. Ed. Desclée de Brouwer: Bilbao 2005.

VV.AA. – *Actas do simpósio sobre a missão*, Ed. OMP: Lisboa 2004.

VV.AA. – *La misionología hoy*. Ed. Verbo Divino, Ed. Guadalupe: Navarra 1987.

### **Artigos, revistas e dicionários**

BINGIBYAGE, P. K. – “Le Christ au centre de la mission de l'Église. Poin de vue africain”. In *SPIRITUS* 198 (Mars 2010), pp. 40-48.

BRESSAN, L. – Un synode pour la reforme de l'Eglise. In *Lumen Vitae* 2 (2012), pp. 129-140.

COTHENET, E. – “Mission dans l'Écriture”, in *Dictionnaire de Spiritualité*. Paris 1980, t. X, 1349-1370.

COULON, P. – “La mission Chrétienne de Vatican II à aujourd'hui. Jalons historiques du côté catholique”. In *Histoire et Missions Chrétiennes* 1 (Mars 2007), pp. 105-118.

DE COPPI, P. – “Quando a vida fala mais alto”. In LAZZARI, V., *espiritualidade missionária. Ser discípulo missionário hoje*. Mundo e Missão: São Paulo 2008, p. 146.

Dicionário da língua portuguesa, Porto Editora: Porto 2004.

FERRARI, G. – “A missão *ad gentes* em transição”. In *Vida consagrada* 311 (Abril 2008), pp. 124-135.

NEVES, T. – “O Espírito Santo, protagonista da Missão”. In *Missão, urgência e prioridade. Jornadas Missionárias Nacionais*. Ed. OMP: Lisboa 2011, 455-469.

NUNES, J. – “As sucessivas teologias da missão e a nova evangelização em África”. In *Actas do Congresso Internacional da História da MissionaçãO Portuguesa IV* (1993), pp. 477-487.

NUNES, J. – “Dizer Deus hoje”. In *Estudos teológicos 2* (1998), pp. 395-404.

NUNES, J. – “EvangelizaçãO - tarefa de ontem, hoje e sempre”. In *Pastoral catequética 5* (2006), pp. 19-25.

NUNES, J. – “Nova EvangelizaçãO - a partir dos Lineamenta e do Instrumentum Laboris do Sínodo dos Bispos de 2012”. In *Cadernos ISTA 26* (2013), pp. 113-120.

NUNES, J. – “O Espírito Santo e a inculturaçãO missionária”. In *Didaskalia XXVIII* (1998), pp. 185-195.

SILVA, A. – “Missões”. In *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Ed. Enciclopédia, limitada, vol. XVII, Lisboa/Rio de Janeiro 1999, pp. 44-48.

TIHON, P. – “Des missions à la mission”, in *NRT 107* (1985), pp. 520-536; 698-721.

TRINDADE, M. – “Missões”. In *Polis*, Enciclopédia Verbo da Sociedade e do Estado. Vol. 4. Ed. Verbo: Lisboa/ São Paulo, pp. 340-344.

TYVAERT S. – “La nouvelle évangélisation chez Jean-Paul II et Benoît XVI”. In *Lumen Vitae 2* (2012), p. 168.

VV.AA., *SPIRITUS. Ad Gentes, 40 ans après*. Hors série (2005).

WUEL, W. D. – *La vocation essentielle de l'Eglise à l'évangélisation*. In *DC*, 2501 (2012), pp. 1035-1044.

ZORN, J. F. – “Mission (Missio Dei) ”. In *Dictionnaire oecuménique de missiologie*, Cerf: Paris 2001, pp. 216-218.